

DA AUTORA DE  
DELÍRIOS DE CONSUMO DE BECKY BLOOM

# SOPHIE KINSELLA



À PROCURA DE  
AUDREY



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

OBRAS DA AUTORA PUBLICADAS

PELA EDITORA RECORD

Como Sophie Kinsella

*Fiquei com o seu número*

*Lembra de mim?*

*A lua de mel*

*Menina de vinte*

*Samantha Sweet, executiva do lar*

*O segredo de Emma Corrigan*

**Da série Becky Bloom:**

*Becky Bloom – Delírios de consumo na 5ª Avenida*

*O chá de bebê de Becky Bloom*

*Os delírios de consumo de Becky Bloom*

*A irmã de Becky Bloom*

*As listas de casamento de Becky Bloom*

*Mini Becky Bloom*

Como Madeleine Wickham

*Drinques para três*

*Louca para casar*

*Quem vai dormir com quem?*

# SOPHIE KINSELLA

À PROCURA DE  
AUDREY

*Tradução:*

Glenda D'Oliveira

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2015

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Kinsella, Sophie, 1969-

K64p

À procura de Audrey [recurso eletrônico] / Sophie Kinsella; tradução  
Glenda D'Oliveira. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Galera Record, 2015.  
recurso digital

Tradução de: Finding audrey

Formato: ePUB

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-10533-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. D'Oliveira, Glenda. II. Título.

15-23896

CDD: 853

CDU: 821.111-3

Título original em inglês:

*Finding Audrey*

Copyright © Sophie Kinsella, 2015

Composição de miolo da versão impressa: Abreu's System

Adaptação de capa original: Renata Vidal

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou  
em parte, através de quaisquer meios.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos  
pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,  
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil



ISBN 978-85-01-10533-2

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

[mdireto@record.com.br](mailto:mdireto@record.com.br) ou (21) 2585-2002.

Ai, meu Deus, mamãe surtou.

Não o surto-mamãe típico. Surtou de verdade.

No surto típico, ela anuncia: "Vamos fazer essa dieta sem glúten ótima que apareceu no *Daily Mail!*" Então, compra três pães de forma sem glúten. É tão nojento que nossas bocas se retorcem com o gosto. A família entra em greve, mamãe esconde seu sanduíche no canteiro de flores, e, na semana seguinte, deixamos de ser adeptos da dieta sem glúten.

Isso é um surto típico. Agora, porém, ela está tendo um surto de verdade.

Mamãe está parada perto da janela do quarto que dá vista para a rua onde moramos, Rosewood Close. Não, *parada* dá a impressão de ser algo muito dentro do normal. Ela não parece normal. Está se balançando toda, debruçada sobre o peitoril, com um olhar ensandecido. E segura o computador de meu irmão, Frank, equilibrando-o precariamente no parapeito. A qualquer minuto, vai espatifá-lo no chão. É um computador de 700 libras.

Será que ela tem noção disso? São 700 libras. Passa o tempo todo *nos* dizendo que não sabemos o valor real do dinheiro. Sempre fala coisas como "sabe como é difícil ganhar dez libras?" e "você não ia gastar eletricidade à toa se tivesse que pagar as contas".

Bem, o que diria sobre ganhar 700 libras e atirá-las propositalmente no chão?

Lá embaixo, no gramado, Frank, em pânico, corre de um lado para o outro, usando a camiseta da série *The Big Bang Theory*, segurando a cabeça e resmungando algo ininteligível.

— Mãe. — A voz transformou-se em um agudo alto por conta do medo. — Mãe, é meu *computador*.

— Sei que é seu computador! — grita ela histericamente. — Acha que não sei disso?

— Mãe, por favor, será que a gente não pode conversar?

— Já tentei conversar! — replica. — Já tentei adular, brigar, suplicar, argumentar, subornar... Já tentei de tudo. DE TUDO, Frank!

— Mas preciso do computador!

— *Não precisa do computador coisa nenhuma!* — retruca ela, com tanta fúria que me encolho.

— A mamã vai *jogar o computador* lá de cima! — diz Felix, correndo para o gramado todo feliz, sem acreditar no que vê. É nosso irmão mais novo. Tem 4 anos. Ele encara a maior parte dos acontecimentos da vida com essa alegria. Um caminhão na rua! Ketchup! Uma batata frita mais longa que o comum! Mamãe atirando um computador pela janela é apenas mais um na lista dos milagres cotidianos.

— É, e o computador vai quebrar — responde Frank, com raiva. — E você nunca mais vai poder jogar *Star Wars*.

A expressão de Felix se transforma com a preocupação, e mamãe estremece com furor renovado.

— Frank! — grita ela. — Não provoque seu irmão!

Agora nossos vizinhos da frente, os McDuggan, aparecem para assistir à cena. O filho de 12 anos, Ollie, chega até a berrar "Nããã!" ao ver o que mamãe está prestes a fazer.

— Sra. Turner! — O menino atravessa a rua correndo para chegar à nossa casa e olha para cima com olhar suplicante, juntando-se a Frank.

Ollie às vezes joga *Land of Conquerors* na internet com Frank, quando meu irmão está de bom humor e não tem mais com quem jogar. O menino parece ainda mais aterrorizado que Frank.

— Por favor, não quebre o computador, Sra. Turner — suplica, trêmulo. — Todos os comentários de jogo de Frank estão salvos aí. São tão engraçados. — Virando-se para meu irmão, repete: — São bem engraçados mesmo.

— Valeu — murmura Frank.



— Sua mãe parece até... — O menino pisca com nervosismo. — Parece até que recebeu um bônus e virou Deusa Guerreira Nível Sete.

— Pareço o quê? — inquire mamãe.

— É um *elogio* — responde Frank, revirando os olhos. — Coisa que você saberia se jogasse. Nível Oito — corrige ele.

— Verdade — concorda Ollie rapidamente. — Oito.

— Vocês não conseguem nem se comunicar em nossa língua! — rebate ela. — A vida real não é feita de níveis e fases!

— Mãe, por favor — pede Frank. — Faço qualquer coisa. Coloco os pratos na lava-louças. Ligo para vovó todas as noites. Vou... — Ele procura desesperadamente o que dizer. — Ler para os surdos.

*Ler para os surdos?* Será que está ouvindo o que ele mesmo está dizendo?

— Surdos? — Mamãe explode. — *Surdos?* Não preciso que leia para os surdos. Você é o surdo aqui! Nunca escuta nada do que digo... Está sempre com aquelas porcarias de fones de ouvidos...

— Anne!

Viro-me para ver papai se meter na discussão, e alguns vizinhos já começam a sair de casa. Este é oficialmente um Incidente da Vizinhança.

— Anne! — chama ele outra vez.

— Deixe que eu cuido disso, Chris — responde ela, como uma advertência, e posso ver papai engolir em seco. É um homem alto e bonito, daquele tipo que se vê nas propagandas de automóvel, e tem *cara* de ser a pessoa que manda na casa, mas, na intimidade, não é realmente um macho alfa.

Não, isso saiu errado. É o macho alfa em muitas situações, acho. Só que mamãe é ainda mais. É forte e mandona, além de bonita e mandona.

Disse mandona duas vezes, não disse?

Bem. Tire suas próprias conclusões disso.

— Sei que está com raiva, querida — diz ele de forma apaziguadora. — Mas não acha isso tudo um pouco demais?

— Demais? *Ele* que está demais! Está viciado, Chris!

— Não estou viciado! — retruca Frank.

— Só estou dizendo...

— O quê? — Mamãe finalmente vira a cabeça e olha diretamente para papai. — O que está dizendo?

— Se você atirar daí, vai acertar o carro. — Ele se retrai. — Não dá para chegar um pouco mais para a esquerda?

— Não dou a mínima para o carro! Tenho pulso firme, mas é por amor! — Ela enverga o computador, deixando-o ainda menos equilibrado no parapeito, e todos prendemos a respiração, inclusive os vizinhos que acompanham a cena.

— *Amor?* — grita Frank em resposta. — Se me amasse, não ia quebrar meu computador!

— Bem, se você me amasse, Frank, não ia acordar às duas horas da manhã escondido para jogar com gente na Coreia.

— Você acorda às duas da manhã? — indaga Ollie, com os olhos arregalados.

— Treino. — Frank dá de ombros. — Era tudo *treino* — repete ele para mamãe, com mais ênfase. — Tem um campeonato chegando! Você sempre me disse que eu devia ter um objetivo na vida. Bem, eu tenho!

— Jogar *Land of Conquerors* não é um objetivo! Ai, meu Deus, ai, meu Deus... — Mamãe bate com a cabeça no computador. — O que foi que fiz de errado?

— Ah, Audrey — diz Ollie subitamente ao me ver. — Oi, tudo bem com você?

Recuo para longe da janela do meu quarto com medo. A janela fica escondida em um cantinho, e não era para ninguém me ver ali. Especialmente Ollie, que, tenho quase certeza, tem uma quedinha por mim, ainda que seja dois anos mais novo e mal alcance a altura de meu peito.

— Olhe, é a celebridade! — ironiza o pai de Ollie, Rob, que vem me chamando de “a celebridade” pelas últimas quatro semanas, embora tanto mamãe quanto papai, em ocasiões diferentes, tenham lhe pedido para parar. Ele acha que é engraçado e que meus pais não têm senso de humor (noto, com frequência, que as pessoas equiparam “ter senso de humor” a “ser um idiota insensível”).

Dessa vez, no entanto, acho que nem mamãe nem papai sequer ouviram a piadinha supersagaz de Rob. Mamãe ainda está gemendo “O que foi que fiz de erradoo?”, e papai a encara cheio de ansiedade.

— Não fez nada de errado! — responde ele. — Não tem nada de errado! Querida, vamos lá para baixo tomar alguma coisa. Coloque esse computador no lugar... por enquanto — acrescenta apressadamente ao ver seu olhar. — Pode atirá-lo da janela mais tarde.

Mamãe não se move nem um centímetro. O aparelho balança de forma ainda mais instável no peitoril, e papai se encolhe.

— Querida, só estou pensando no carro... Acabamos de quitá-lo... — Ele se move em direção ao automóvel e estende as mãos, como se quisesse protegê-lo do eletrônico em queda iminente.

— Pegue um lençol! — sugere Ollie, voltando à vida. — Salve o computador! A gente precisa de um lençol. Todo mundo! Façam um círculo...

Mamãe sequer parece escutá-lo.

— Eu te amamentei! — grita para Frank. — Li *O ursinho Pooh* para você! Tudo o que queria era um filho equilibrado que se

interessasse por livros e artes e a vida ao ar livre e museus e quem sabe algum esporte com competição...

— *LoC* é um esporte com competição e tudo! — retorque Frank.  
— Você não sabe nada sobre o jogo! É uma parada séria! Só para você saber, o prêmio do campeonato internacional de *LoC* deste ano em Toronto é de 6 milhões de dólares!

— É o que você vive dizendo! — explode mamãe. — E aí, vai vencer esse campeonato, é isso? Fazer fortuna assim?

— Quem sabe. — Ele lhe lança um olhar sombrio. — Se eu conseguir *treinar* o suficiente.

— Frank, cai na real! — A voz ecoa pela rua, aguda e quase assustadora. — *Não* vai entrar nesse campeonato internacional de *LoC*, *não* vai ganhar a porcaria do prêmio de 6 milhões e *não* vai viver de jogar! ISSO NÃO VAI ACONTECER!

*Um mês antes*

Tudo aconteceu por causa do *Daily Mail*. Muitas coisas em nossa casa acontecem por causa do *Daily Mail*.

Mamãe começa a se contorcer daquela maneira dela. Tínhamos jantado e nos dispersado enquanto ela lia o jornal com um copo de vinho — era seu “tempinho para relaxar”, como gosta de chamar —, detendo-se em uma matéria. Posso ler o título por cima de seu ombro:

### **OS OITO SINAIS DE QUE SEU FILHO É VICIADO EM JOGOS DE COMPUTADOR.**

— Ai, meu Deus. — Eu a ouço murmurar. — Ai, meu *Deus*. — O dedo corre a lista, e ela respira com rapidez. Semicerrando os olhos para o papel, consigo enxergar um item:

#### **7. Irritabilidade e mau humor.**

Ha. Ha. ha.

Essa é minha risada sarcástica, caso você não tenha sacado.

Quero dizer, sério mesmo, *mau humor*? Tipo, James Dean foi um adolescente mal-humorado em *Juventude transviada* — tenho o pôster: é o melhor pôster de filme que existe, o melhor filme que existe, e o astro de cinema mais sexy que já existiu; por quê, por quê, por que tinha de morrer? —, logo, James Dean obrigatoriamente seria viciado em videogames? Ah, espere um pouco.

Exatamente.

No entanto, não há por que dizer isso à mamãe, uma vez que é lógico, e ela não acredita em lógica, apenas em horóscopos e chá verde. Ah, e, claro, no *Daily Mail*.

### **OS OITO SINAIS DE QUE MINHA MÃE É VICIADA NO *DAILY MAIL*:**

1. Lê o jornal todos os dias.
2. Acredita em tudo o que este diz.
3. Se tentar tirá-lo dela, ela o puxa de volta com força e diz “solte!”, como se você estivesse tentando sequestrar seu bebê precioso.
4. Quando lê uma matéria assustadora a respeito de vitamina D, ela nos faz tirar as camisetas e “tomar banho de sol” (está mais para banho de frio).
5. Quando lê uma matéria assustadora sobre melanoma, ela nos enche de filtro solar.
6. Quando lê uma matéria a respeito de “O Creme facial que REALMENTE funciona”, ela o encomenda imediatamente. Tipo, saca o iPad no mesmo instante, onde estiver.
7. Se não o puder ler durante as férias de fim de ano, tem sintomas de abstinência severos. Sério, aquilo, sim, é irritabilidade e mau humor.
8. Uma vez tentou se abster durante a Quaresma. Não durou nem a manhã inteira.

Enfim. Não há nada que eu possa fazer acerca da trágica dependência de mamãe, exceto rezar para que não faça  *muito* estrago em sua vida (já fez um estrago dos grandes na sala de estar, depois de ter lido a matéria de “design de interiores” — “Por que não pintar você mesmo toda a mobília?”).

Logo depois, Frank entra tranquilamente na cozinha, vestindo sua camiseta preta “FAÇO MODS, LOGO EXISTO”, com os fones nos ouvidos e o celular na mão. Mamãe abaixa o jornal e o fita como se escamas tivessem sido tiradas de seus olhos.

(Nunca entendi esse termo. Escamas? Por quê?

Bem. Que seja.)

— Frank — chama ela. — Quantas horas já passou em jogos de computador esta semana?

— Defina jogos de computador — pede meu irmão, sem tirar os olhos da tela do telefone.

— O quê? — Mãe olha para mim, incerta, e dou de ombros. — Você sabe. Jogos de computador. Quantas horas? FRANK! — grita ela, quando o filho não faz menção de responder. — Quantas horas? Tire essas coisas da orelha!

— O quê? — indaga ele, tirando os fones de ouvido e piscando para ela como se não tivesse escutado a pergunta. — É importante?

— É, é importante, sim! — retruca ela. — Quero que me diga quantas horas gasta por semana com jogos de computador. Agora. Faça as contas.

— Não dá — responde ele, com calma.

— Não dá? Como assim, não dá?

— Não sei a que você está se referindo — explica meu irmão, com paciência adquirida com muito esforço. — Está falando literalmente de jogos de computador? Ou de qualquer jogo de tela, inclusive aqueles do Xbox e PlayStation? Também está incluindo os jogos de celular? Seja mais específica.

Frank é tão idiota. Será que não *via* que mãe estava acumulando energia para soltar um esporro daqueles?

— Estou falando de qualquer coisa que entorpeça sua cabeça! — responde ela, brandindo o *Daily Mail*. — Tem noção dos perigos desses jogos? Não percebe que seu cérebro não está se desenvolvendo adequadamente? O CÉREBRO, Frank! O órgão mais precioso que você tem.

Frank solta uma risada sarcástica, e não consigo deixar de dar um risinho. Ele é bem engraçado, para falar a verdade.

— Vou ignorar isso — afirma mãe, com seriedade. — Só comprova o que eu dizia.

— Não, não comprova — rebate meu irmão, abrindo a geladeira, pegando uma caixa de leite achocolatado e bebendo direto da embalagem, o que é nojento.

— Não faça isso! — exclamo, enfurecida.

— Tem outra caixa. Relaxe.

— Vou colocar um limite nesse seu jogo, mocinho. — Mamãe bate no jornal para enfatizar o que diz. — Já deu.

*Mocinho.* Quer dizer que vai arrastar meu pai para dentro do rolo. Sempre que começa a usar *mocinho* ou *mocinha*, é certo: no dia seguinte acontece alguma reunião familiar sinistra, na qual papai tenta apoiar tudo o que mamãe diz, ainda que não consiga sequer acompanhar metade da história.

Enfim, não é problema meu.



Até mamãe entrar em meu quarto naquela noite e inquirir:

— Audrey, o que é *Land of Conquerors*?

Tiro os olhos da revista *Grazia* e a observo. Está tensa. As bochechas estão rosadas, e a mão direita, semicerrada, como se tivesse acabado de usar um mouse de computador. Estava pesquisando no Google a respeito de “vício em jogos de computador”, tenho *certeza*.

— Um jogo.

— Sei que é um jogo — diz, com a voz exasperada —, mas por que Frank joga isso o tempo inteiro? *Você* não joga, não é?

— Não. — Já joguei *LoC* e realmente não consigo entender a obsessão. Quero dizer, é legal por uma hora ou duas.

— Então, qual é o encanto?

— Bem, você sabe. — Reflito um instante. — É empolgante. Você recebe recompensas. E os heróis são bem legais. Tipo, os gráficos são incríveis, e acabaram de lançar esse grupo novo de guerreiros com habilidades diferentes, então... — Dou de ombros.

Mamãe parece ainda mais confusa que antes. O problema é que ela não joga no computador. Então é meio que impossível explicar a diferença entre *LoC 3* e, digamos, o *Pacman* de 1985.



— Tem vídeos no YouTube — digo, subitamente inspirada. — Com pessoas fazendo comentários. Espere aí.

Enquanto procuro um exemplo no iPad, mamãe se senta e olha ao redor do quarto. Tenta parecer calma, mas posso sentir os grandes olhos azuis analisando as pilhas de coisas, em busca de... O quê? Qualquer coisa. Tudo. A verdade é que mamãe e eu não temos um momento tranquilo há algum tempo. É sempre tenso.

Com todas as coisas que aconteceram, essa é uma das mais tristes. Não conseguimos mais ser normais uma com a outra. Mamãe procura sentidos ocultos em qualquer palavra que eu diga, ainda que não perceba. Seu cérebro começa a trabalhar demais. *O que significa isso? Audrey está bem? O que ela realmente quer dizer?*

Posso vê-la examinando com atenção um velho par de calças jeans rasgadas na cadeira, como se encerrasse algum significado sombrio. Ao passo que seu único significado é: ficaram pequenos para mim. Cresci cerca de 7,5 centímetros no ano que passou, então estou com 1,73 metro. Bastante alta para uma menina de 14 anos. As pessoas dizem que me pareço com minha mãe, mas não sou tão bonita quanto ela. Seus olhos são *tão* azuis. Como diamantes azulados. Os meus são meio desbotados — não que sejam particularmente visíveis no momento.

Só para você ter uma ideia de minha aparência, sou bem magrinha, bem dentro do comum, e visto regata preta e jeans skinny. E uso óculos escuros o tempo todo, mesmo em casa. É... Bem. Uma parada. Minha parada, acho. Daí a piadinha da "celebridade" que nosso vizinho Rob insiste em fazer. Ele me viu com os óculos escuros, saindo do carro na chuva, e começou a perguntar: "Por que os óculos? Virou a Angelina Jolie?"

Não é que eu esteja tentando ser *maneirinha*. Tenho um motivo.

Que, claro, agora você quer saber qual é.

Imagino.

OK, na verdade, é bem íntimo. Não sei ao certo se estou pronta para contar ainda. Pode pensar que sou esquisita se quiser. Muita gente já pensa.

— Pronto. — Encontrei um vídeo de alguma batalha de *LoC*, com os comentários de “Archy”, um YouTuber da Suécia, criador de uns vídeos que Frank adora. Trata-se de “Archy” jogando *LoC* e fazendo observações engraçadas a respeito do jogo. Como esperado, levo uma eternidade para explicar o conceito a mamãe.

— Mas por que ficar assistindo enquanto outra pessoa joga? — repete sem parar, confusa. — Por quê? Não é uma total perda de tempo?

— Bem. Enfim. — Dou de ombros. — É isso que é *LoC*.

Há um silêncio momentâneo. Mamãe encara a tela, como se fosse algum velho professor tentando decifrar hieróglifos egípcios antigos. Uma explosão monumental acontece no vídeo, fazendo-a se encolher.

— Por que tem sempre que ter a ver com *matar*? Se eu fosse criar um jogo, seria sobre ideias. Política. Problemas. Isso! Quero dizer, por que não? — Posso ver que seu cérebro está a mil por hora com uma nova ideia. — Que tal um jogo de computador chamado *Discussão*? Ainda teria o elemento competitivo, mas você ganharia pontos pelos debates!

— E é por *isso* que não somos trilharários — comento, como se falasse para uma terceira pessoa.

Estou prestes a procurar outro vídeo quando Felix entra correndo no quarto.

— *Candy Crush!* — exclama ele, com prazer, assim que vê meu iPad, e mamãe engasga com horror.

— Como seu irmão conhece isso? — indaga ela. — Pode desligar. Não quero outro viciado na família!

Ops. É possível que tenha sido eu quem apresentou *Candy Crush* a Felix. Não que ele tenha noção de como jogar direito.

Fecho a capa do tablet, e o menino o fita, cabisbaixo.

— *Candy Crush!* — lamuria-se. — Quero jogar *Candy Cruuuuuush!*

— Quebrou, Felix. — Finjo apertar o botão do iPad. — Viu? Quebrou.

— Quebrou — afirma mamãe.

Felix olha de nós para o aparelho. Dá para notar que sua mente está trabalhando tão intensamente quanto permitem suas células cerebrais de 4 anos.

— A gente tem de comprar uma tomada — sugere ele, com animação repentina, e pega o tablet. — A gente pode comprar uma tomada e consertar.

— A loja das tomadas está fechada — rebate mamãe, sem deixar passar um segundo. — Que pena. Faremos isso amanhã. Mas adivinhe só? Vamos comer torrada com Nutella agora!

— Torrada com Nutella! — O rosto de Felix explode de felicidade radiante. Quando levanta os braços, mamãe pega o iPad e o devolve para mim. Cinco segundos depois, esconde o aparelho sob uma almofada na cama.

— Aonde é que o *Candy Crush* foi? — Meu irmão nota seu desaparecimento e retorce o rosto a fim de soltar um novo gemido.

— Vamos levar na loja, lembra? — diz mamãe imediatamente.

— Na loja. — Assinto. — Mas, ei, vocês vão fazer torrada com Nutella! Quantas será que vai comer?

Coitadinho do Felix. É levado do quarto, ainda com expressão confusa. Totalmente ludibriado. É o que acontece quando se tem 4 anos. Aposto que mamãe queria poder usar o mesmo truque com Frank.

Agora mamãe já sabe o que *LoC* é. E “conhecimento é poder”, segundo Kofi Annan. Se bem que, como Leonardo da Vinci disse: “Onde estão os gritos, não pode estar o conhecimento verdadeiro”, o que pode se encaixar melhor na situação de nossa família (por favor, não pense que leio muito ou coisa do tipo. Mamãe me deu um livro de citações no mês passado, e costumo folheá-lo enquanto assisto à televisão).

Enfim, “conhecimento é poder” não é o que acontece de fato aqui, pois mamãe não tem qualquer poder sobre Frank. É sábado à noite, e ele está jogando *LoC* desde a hora do almoço. Desapareceu, enfiando-se na sala de jogos logo depois da sobremesa. Então a campainha tocou, o que fez com que eu me retirasse para o escritório, o meu esconderijo.

Já são quase 18 horas, e me esgueirei até a cozinha para pegar um pacote de Oreo, onde encontrei minha mãe andando de um lado a outro, toda agitada. Está expirando fundo e olhando para o relógio e expirando outra vez.

— São todos viciados em computador! — explode ela subitamente. — Já pedi para desligarem aquilo umas vinte e cinco vezes! Por que não desligam? É um simples botãozinho! Ligar, desligar.

— Vai ver estão numa fase... — começo.

— Fases! — Mamãe me corta com violência. — Estou cansada de ouvir falar em fases! Vou dar mais um minuto. E acabou.

Pego um pacote de biscoitos e o abro.

— Então, quem está lá com o Frank?

— Um amigo da escola. Nunca vi antes. Linus, acho que é esse o nome...

Linus. Lembro-me de Linus. Participou daquela peça de teatro escolar, *O sol é para todos*, fazendo o papel de Atticus Finch. Frank era parte da “multidão”.

Meu irmão estuda na Cardinal Nicholls School, que fica um pouco depois da minha escola, a Stokeland Girls' School, e, de vez em quando, as duas se juntam para fazer peças, shows e outros eventos. Embora, para falar a verdade, a Stokeland já não seja mais a "minha escola". Não vou às aulas desde fevereiro, por conta de algumas coisas que aconteceram lá. Coisas não muito legais.

Deixa para lá.

Enfim. Continuando. Depois disso, fiquei doente. Agora vou ser transferida para outro colégio, no qual devo repetir o ano para não ficar defasada. A nova escola se chama Heath Academy, e disseram que seria mais razoável começar em setembro, não em abril, porque é época de provas. Por isso, até lá, fico em casa.

Quer dizer, não é como se eu ficasse sem fazer *nada*. Mandaram várias sugestões de leitura e livros de matemática e listas de vocabulário de francês. Todos concordaram que é vital que eu fique em dia com a matéria, pois "isso vai fazer com que se sinta tão melhor, Audrey!" (tão não faz). De vez em quando, portanto, mando alguma redação de história ou algo do tipo, e eles a devolvem com alguns comentários em vermelho. Tudo um tanto aleatório.

*Enfim.* O que queria dizer é que Linus estava na peça de teatro, fazendo realmente um bom trabalho como Atticus Finch. Era nobre e heroico, e todos acreditaram nele. Tipo, tinha que matar um cão raivoso em uma cena, mas a arma de mentira não funcionou como deveria naquela noite e, ainda assim, ninguém na plateia riu ou sequer murmurou. Ele era bom assim.

Veio à nossa casa uma vez, antes de um ensaio. Foi apenas por uns 5 minutos, mas ainda me lembro do dia.

Na verdade, isso é meio que irrelevante.

Estou prestes a recordar mamãe de que Linus fez o papel de Atticus Finch, quando me dou conta de que ela saiu da cozinha. Um instante depois, ouço sua voz:

— Já jogou bastante, mocinho.

*Mocinho.*

Corro para a porta e olho pela fresta aberta. Ao seguir mamãe até o corredor, o rosto de Frank está tremendo de fúria.

— A gente não terminou a *fase!* Não pode simplesmente desligar jogo! Você entende o que fez, mãe? Por acaso sabe como funciona o *Land of Conquerors*?

A voz está literalmente cheia de ira. Ele para lá embaixo no ponto exato onde estou no andar de cima, os cabelos pretos caindo sobre a testa branca, os braços magros movimentando-se com violência, e as grandes mãos ossudas gesticulando intensamente. Espero que um dia o restante de Frank cresça para se igualar às mãos e aos pés. Não podem continuar tão comicamente enormes, podem? O resto tem que acompanhar, não é? Tem 15 anos, portanto ainda pode crescer mais uns 30 centímetros. Papai tem 1,83 metro, mas sempre diz que meu irmão vai acabar mais alto do que ele.

— Tudo bem — contemporiza uma voz que reconheço. É Linus, mas não consigo enxergá-lo pela fresta. — Vou para casa. Obrigado por me receber.

— Não vá para casa! — exclama mamãe, no melhor tom encantador-usado- apenas-para-visitas. — Por favor, não vá para casa, Linus. Não era essa a minha intenção, de modo algum.

— Mas se não podemos jogar... — Linus parece confuso.

— Está dizendo que a única maneira de se socializar que vocês, meninos, conhecem é jogar no computador? Sabem como isso é triste?

— Bom, e o que sugere que a gente faça? — indaga Frank, emburrado.

— Acho que deviam jogar badminton. Está fazendo uma noite de verão agradável lá fora, o jardim é lindo, e olhe só o que achei! — Ela estende o conjunto de raquetes velhas para o filho. A trama está toda envergada, e posso ver que algum animal roeu uma das petecas.

Quero rir da expressão de Frank.

— Mãe... — Parece quase não ter palavras de tão horrorizado. — Onde *encontrou* isso?

— Podem jogar croquet também! — acrescenta mamãe, vibrante. — É divertido.

Meu irmão sequer responde. Parece tão atordoado pela ideia, que até sinto pena.

— Quem sabe esconde-esconde?

Solto uma risada e tampo a boca com a mão. Não consigo evitar. Esconde-esconde.

— Ou Rummikub! — sugere mamãe, em desespero. — Você adorava jogar Rummikub.

— Eu gosto de Rummikub — aceita Linus, o que me faz sentir uma ponta de aprovação. Podia muito bem ter começado a zoar meu irmão àquela altura; ido embora e publicado no Facebook que a casa do Frank era uma droga. Parece querer agradar mamãe, porém. Parece uma daquelas pessoas que olham em volta e pensam: *bom, por que não facilitar a vida de todo mundo?* (Estou tirando essa conclusão de quatro palavras, veja bem.)

— Quer jogar Rummikub? — O tom de Frank é de incredulidade.

— Por que não? — responde o menino sem cerimônia, e, um instante depois, os dois seguem para a sala de jogos (mamãe e papai repintaram o cômodo e o intitularam de Sala de Estudos dos Adolescentes quando fiz 13 anos, mas continua sendo a sala de jogos).

Logo depois, mamãe está de volta à cozinha, servindo-se de uma taça de vinho.

— Pronto! — comemora. — Só precisam de um pouco de direcionamento. Um pouco de controle adulto. Simplesmente abri suas mentes. Não são *viciados* em computador. Só precisam ser lembrados de que existem outras coisas no mundo.

Não está falando comigo. Fala com o Juiz Imaginário do *Daily Mail* que constantemente vigia sua vida e lhe dá notas de 0 a 10.

— Não acho que Rummikub seja um jogo muito bom para duas pessoas — pondero. — Quero dizer, vai demorar séculos para se livrarem de todas as peças.

Posso ver os pensamentos de mamãe se concentrando na observação. Tenho certeza de que visualiza a mesma imagem que eu: Frank e Linus sentados de frente um para o outro à mesa, odiando tudo e decidindo que todos os jogos de tabuleiro são uma porcaria e um saco total.

— Está certa — responde ela finalmente. — Talvez eu vá jogar com eles. Assim vai ser mais divertido.

Mamãe não me pergunta se quero jogar também, e fico grata por isso.

— Bom, divirta-se — digo, pegando o pacote de Oreo. Atravesso a cozinha, volto para o escritório e, enquanto passeio pelos canais da televisão, ouço a voz de mamãe retumbando pela casa, vinda da sala de jogos.

— NÃO QUIS DIZER RUMMIKUB ON-LINE!

Nossa casa é como o sistema meteorológico. Tem altos e baixos, esquentada e esfriada. Tem épocas de êxtase azul radiante, dias de desânimo cinzento e temporais que se formam do nada. Neste exato instante, a tempestade vem em minha direção. Trovão-raio-trovão-raio, Frank-mamãe-Frank-mamãe.

— Que *diferença* faz se é on-line ou não?

— Faz toda a diferença! Eu disse para não voltar para o computador!

— Mãe, é a mesma porcaria de jogo!

— Não é, não! Quero que saia da frente daquela tela! Quero que jogue um jogo de verdade com o seu amigo! NA VIDA REAL!



— Não é legal só com duas pessoas. É a mesma coisa que, sei lá, a gente começar a jogar bafo!

— Eu sei! — Ela está quase gritando. — Por isso eu estava vindo jogar com vocês!

— Droga, eu não podia SABER DISSO, PODIA?

— Pare de falar palavrão! Se for desrespeitoso comigo, mocinho...

*Mocinho.*

Ouçõ meu irmão fazer seu ruído de Frank Zangado. É uma espécie de mistura entre um urro de rinoceronte e um grito de frustração.

— Droga não é palavrão — responde ele, respirando com violência, como se quisesse conter a impaciência.

— É, sim.

— As pessoas falam isso nos filmes do Harry Potter, sabia? *Harry Potter*. Como pode ser um palavrão?

— O quê? — Mamãe parece ter sido pega desprevenida.

— Harry Potter. É tudo o que tenho a dizer.

— Não dê as costas para mim, mocinho!

*Mocinho.* Com essa, são três. Tadinho do papai. Vai escutar tanto quando chegar em casa...

— Oi. — A voz de Linus me pega de surpresa, e me viro de um pulo, sobressaltada. Foi literalmente um pulo. Tenho reflexos bem rápidos. *Hipersensível*. Como o restante de mim.

Ele está à porta. *Atticus Finch* passa depressa pelo meu cérebro. Um adolescente longilíneo, de cabelos castanhos bagunçados e maçãs do rosto largas e um daqueles sorrisos que lembram um gomo de laranja. Não que os dentes sejam dessa cor. É o formato que a boca toma quando sorri. Coisa que está fazendo agora. Nenhum dos outros amigos de Frank sorri, nunca.

Linus entra no escritório, fazendo-me cerrar instintivamente os punhos por medo. Deve ter começado a andar pela casa enquanto mamãe e Frank brigavam. Mas ninguém entra neste cômodo. É o meu espaço. Frank não lhe disse?

Frank não *falou*?

Meu peito começa a se estufar de pânico. Lágrimas já subiram aos olhos. A garganta parece congelada. Tenho que fugir. Tenho que... Não Posso...

Ninguém entra aqui. É proibido entrar aqui.

Posso ouvir a voz da Dra. Sarah em minha cabeça. Fragmentos aleatórios de nossas sessões.

*Inspire quatro vezes, expire sete.*

*O corpo acredita que a ameaça é real, Audrey. Mas a ameaça não é real.*

— Oi — diz ele, tentando novamente. — Sou o Linus. Você é a Audrey, não é?

*A ameaça não é real.* Tento gravar as palavras na mente, mas são abafadas pelo pânico. Estou sufocando. É como uma nuvem nuclear.

— Sempre usa isso? — Ele indica meus óculos escuros com a cabeça.

Meu peito martela com terror. De alguma forma, consigo passar por cima.

— Desculpa — digo e corro em direção à cozinha como uma raposa perseguida. Subo as escadas. Sigo para o quarto. Vou para o canto mais distante. Agacho-me atrás da cortina. A respiração vem como um pistão de motor, e lágrimas escorrem pelo rosto. Preciso tomar um Rivotril, mas neste exato momento sequer sou capaz de sair de detrás da cortina para pegar o remédio. Estou agarrada ao tecido como se fosse a única coisa capaz de me salvar.

— Audrey? — Mamãe está à porta, seu tom de voz é alto, alarmado. — Querida? O que aconteceu?

— Foi só... Você sabe. — Engulo em seco. — O garoto entrou, e eu não esperava...

— Tudo bem — tranquiliza mamãe, aproximando-se e acariciando minha cabeça. — Não tem problema. É totalmente compreensível. Quer tomar um...

Ela nunca diz os nomes dos medicamentos em voz alta.

— Quero.

— Vou pegar.

Quando vai ao banheiro, ouço o som de água correndo. E tudo o que sinto é como sou idiota. Idiota.



Então você já sabe.

Bom, não acho que saiba — mas supõe. Para acabar com o tormento, eis o diagnóstico completo. Transtorno de ansiedade social, transtorno de ansiedade generalizada e episódios depressivos.

*Episódios.* Como se a depressão fosse um seriado de comédia, sempre com uma tirada hilária. Ou uma série de TV cheia de suspense e finais abertos. O único suspense em minha vida é: “será que um dia vou conseguir me livrar dessa merda?”, e, pode acreditar, fica bem monótono.

Na sessão seguinte com a Dra. Sarah, conto-lhe a respeito de Linus e todo o acontecimento que foi o ataque de ansiedade enquanto ela escuta, pensativa. A Dra. Sarah faz tudo pensativamente. Escuta pensativamente, escreve pensativamente com letra redondinha e bonita e até digita no computador pensativamente.

Seu sobrenome é McVeigh, mas a chamamos de Dra. Sarah porque, após refletirem a respeito de nomenclaturas em uma grande reunião, decidiram que os primeiros nomes eram mais intimistas e acessíveis, mas o título de *doutor* dava ideia de autoridade e segurança, então Dr. Primeiro Nome era a denominação perfeita para a unidade infantil.

(Quando ela falou em “denominação”, achei que iam todos ganhar nomes de mentirinha. Sério, fiquei achando isso por uns 10 minutos, até ela explicar.)

A unidade infantil fica dentro de um grande hospital particular chamado St. John’s, que faz parte do plano a que meus pais têm direito graças ao trabalho de papai. (A primeira pergunta que fazem quando se chega não é “o que está sentindo?”, mas “tem plano de saúde?”) Morei aqui por seis semanas, depois de os meus pais chegarem à conclusão de que havia algo de muito errado comigo. O problema é que a depressão não vem com sintomas práticos como pintinhas pelo corpo e febre, portanto não se percebe de primeira. Continua-se dizendo “estou bem” para as outras pessoas, ainda que não esteja. Você pensa que *deveria* estar bem. Segue repetindo para si mesmo: “por que não estou bem?”

Enfim. Finalmente, acabaram me levando para uma consulta com o clínico geral, e lá me indicaram este lugar. Eu estava péssima, digamos. Não me recordo muito bem dos primeiros dias, para ser franca. Atualmente, venho duas vezes por semana. Poderia vir mais, se quisesse — não param de me dizer isso. Poderia fazer cupcakes. Porém já os fiz, tipo, umas 15 zilhões de vezes, e é sempre a mesma receita.

Depois de ter acabado de relatar à Dra. Sarah todo o episódio de me-esconder-atrás-da-cortina, ela encara por alguns instantes o questionário que preenchi ao chegar. Todas as perguntas de costume.

*Você se sente um fracasso?* Muito.

*Já desejou não existir?* Muito.

A médica chama a folha de meus "sintomas". Às vezes penso: *será que não devia simplesmente mentir e dizer que está tudo um mar de rosas?*, mas o bizarro é que não faço isso. Não consigo com a Dra. Sarah. Estamos juntas nesta luta.

— E como se sente em relação ao que aconteceu? — pergunta ela naquela sua voz gentil e tranquila.

— Me sinto empacada.

As palavras saem antes mesmo de eu pensar nelas. Não sabia que me sentia assim.

— Como?

— Estou doente faz uma *eternidade*.

— Não é uma eternidade — replica a terapeuta em tom calmo. — Eu a conheci — prossegue, consultando o calendário na tela — no dia 6 de março. Provavelmente ficou doente um pouco antes disso, sem nem se dar conta. Mas a boa notícia é que já trilhou um longo caminho, Audrey. Está melhorando mais a cada dia.

— *Melhorando?* — solto, tentando falar calmamente. — É para eu voltar às aulas em um colégio novo em setembro. Não consigo nem falar com as pessoas. Alguém que não conheço vai lá em casa, e surto. Como vou conseguir ir ao colégio? Como vou fazer qualquer coisa? E se ficar assim para sempre?

Uma lágrima corre por minha bochecha. De que *merda* de lugar saiu aquilo? A Dra. Sarah me entrega um lenço de papel sem fazer qualquer comentário, e esfrego os olhos, erguendo os óculos escuros rapidamente.

— Primeiro, não vai ficar assim para sempre — garante a médica.  
— Sua doença é totalmente tratável. *Totalmente tratável.*

Ela já me disse isso umas mil vezes.

— Você fez um progresso notável desde que o tratamento começou — continua. — Estamos em maio ainda. Tenho toda a confiança de que vai estar pronta para voltar à escola em setembro. Mas será preciso...

— Eu sei. — Abraço meu corpo com os braços. — Persistência, esforço e paciência.

— Você tirou os óculos escuros esta semana? — indaga a Dra. Sarah.

— Não muito.

O que quer dizer que *não, absolutamente*. Ela sabe.

— Fez contato visual com alguém?

Não respondo. O combinado era eu tentar. Com um membro da minha família. Apenas alguns poucos segundos todos os dias.

Sequer contei à mamãe. Ela teria feito um discurso enorme a respeito.

— Audrey?

— Não — murmuro, a cabeça baixa.

Contato visual é uma grande questão. A maior. Apenas a ideia me deixa enjoada, até o fundo da alma.

Sei racionalmente que olhos não são assustadores. São pequenos globos gelatinosos inofensivos. São tipo uma fração minúscula de toda a superfície de nosso corpo. Todos nós os temos. Então por que deveriam me incomodar? Mas tive muito tempo para pensar nisso e, se quer saber, a maioria das pessoas subestima os olhos. Para começo de conversa, são poderosos. Têm grande alcance. Você os foca em alguém a 30 metros de distância, em meio a um mar de gente, e a pessoa *sabe* que está sendo observada. Que outra parte

da anatomia humana é capaz de fazer isso? É praticamente o mesmo que ser um médium, é isso.

Mas são como vórtices também. Infinitos. Ao olhar para alguém diretamente nos olhos, sua alma inteira pode ser sugada em um nanossegundo. É a sensação que dá. Os olhos dos outros são ilimitados, e isso me assusta.

O cômodo fica em silêncio por um tempo. A Dra. Sarah não diz nada. Está refletindo. Gosto quando reflete. Se pudesse me abrigar no cérebro de qualquer um, acho que escolheria o dela.

— Tenho uma ideia para você. — Ela levanta o olhar. — O que acha de fazer um filme?

— O quê? — Encaro-a sem entender. Não esperava por isso. Esperava uma folha com um exercício.

— Um documentário. Tudo o que precisa é de uma câmera digital baratinha qualquer. Talvez seus pais lhe deem uma ou podemos encontrar alguma aqui que possamos emprestar.

— E o que vou fazer com ela?

Faço a pergunta com tom deliberadamente idiota e desinteressado, pois, aqui dentro, sinto-me agitada. Um filme. Ninguém jamais mencionou filmar antes. Isso é um exercício? É a nova versão dos cupcakes?

— Acho que pode ser uma boa forma de você fazer a transição de onde está agora para... — A médica faz uma pausa. — Para o lugar onde queremos que esteja. Pode começar filmando como uma pessoa de fora. Uma mosquinha na parede. Sabe o que isso significa, "ser uma mosquinha"?

Assinto, tentando esconder o pânico crescente. Está acontecendo rápido demais.

— Aí, depois de um tempinho, quero que comece a fazer entrevistas com as pessoas. Acha que consegue fazer contato visual com alguém através da câmera?

Sinto uma onda de terror que me cega e digo a mim mesma para ignorá-la, uma vez que meu cérebro frequentemente manda mensagens que *não são verdadeiras, e não tenho que as escutar*. É a lição número um no hospital: *seu cérebro é um idiota*.

— Não sei. — Engulo em seco, sentindo as mãos se cerrarem em punhos. — Talvez.

— Ótimo. — A Dra. Sarah me dá um sorriso angelical. — Sei que parece difícil e assustador, Audrey. Mas acho que será um ótimo projeto para você.

— OK, olha, não entendo... — Paro, retomando o controle de mim mesma; tentando não deixar as lágrimas de medo se acumularem. Sequer sei o que temo. Uma câmera? Uma ideia nova? Uma exigência que não estava esperando?

— O que não entende?

— O que devo filmar?

— Qualquer coisa. Qualquer coisa com que se deparar. É só apontar e filmar. A sua casa. As pessoas na casa. Pinte um retrato da sua família.

— Certo. — Não consigo deixar de bufar. — Vou chamar a obra de *Minha serena e amorosa família*.

— Se quiser. — Ela ri. — Vou esperar ansiosamente para assistir.



MINHA SERENA E AMOROSA FAMÍLIA – TRANSCRIÇÃO DO FILME

INTERIOR. ROSEDOOD CLOSE, N. 5. DIA

A câmera faz uma panorâmica horizontal em uma cozinha familiar bagunçada.

AUDREY (VOICE-OVER)

Então, bem-vindo ao meu documentário. Esta é a cozinha. Esta, a mesa da cozinha. Frank não tirou a louça que usou para tomar café; ele é revoltante.

CLOSE-UP: uma mesa de madeira em que há uma tigela de cereal, um prato coberto de migalhas e um pote de Nutella do qual se projeta uma colher.

AUDREY (VOICE-OVER)

Estes são os armários da cozinha.

CLOSE-UP: uma fileira de armários de estilo Shaker pintados de tinta cinza. A câmera faz uma panorâmica, passando lentamente por eles.

AUDREY (V.O.)

Isso é tão idiota. Não sei o que deveria filmar. Esta é a janela.

CLOSE-UP: uma janela com vista para o jardim, onde se pode ver um balanço e uma churrasqueira novinha em folha, com a etiqueta de preço ainda afixada. A câmera se aproxima da churrasqueira.

AUDREY (V.O.)

Este foi o presente de aniversário do papai. Ele realmente devia começar a usá-lo.

A câmera se volta com instabilidade para a porta.

AUDREY (V.O.)

OK, acho que eu deveria me apresentar. Meu nome é Audrey Turner, e estou filmando isto porque...

(pausa)

Enfim. Meus pais me deram esta câmera. Ficaram todos, tipo, "Quem sabe não vira uma documentarista!". Quer dizer, ficaram

superanimados e gastaram dinheiro demais nisso. Eu falei, tipo, é só comprar a mais barata, mas foram eles que quiseram, então...

A câmera segue sem firmeza pelo corredor e foca nas escadas.

AUDREY (V.O.)

Esta é a escada. Dá para ver, não é? Você não é idiota.

(pausa)

Nem sei quem é você. Quem vai assistir a isto? A Dra. Sarah, imagino. Oi, Dra. Sarah.

A câmera move-se instável escada acima.

AUDREY (V.O.)

Estamos no segundo andar agora. Quem mora NESTA casa?

A câmera foca em um sutiã de renda preto pendurado no corrimão.

AUDREY (V.O.)

É da mamãe.

(pausa)

Na verdade, acho que ela não ia querer que você visse isso.

A câmera faz a curva no corredor e foca em uma porta entreaberta.

AUDREY (V.O.)

É o quarto do Frank, mas não consigo nem chegar perto por causa do fedor. Vou dar zoom.

O zoom foca em uma área do chão na qual há um tênis, meias sujas, uma toalha molhada, três livros da série Scott Pilgrim, um saco pela metade de balinhas de goma Haribo – todos jogados uns por cima dos outros.

AUDREY (V.O.)

O quarto inteiro é desse jeito. Só para você saber.

A câmera se afasta para percorrer o restante do andar.

AUDREY (V.O.)

E este é o quarto dos meus pais...

A imagem se foca em uma porta entreaberta. De dentro do cômodo, ouvimos uma voz. É a MÃE, a mãe de Audrey. Fala em tom baixo e urgente que, ainda assim, podemos escutar.

MÃE (V.O.)

Estava falando sobre isso no clube do livro, e a Caroline perguntou: "Ele tem namorada?" Bom, não tem! Será que é ESSE o problema? Se tivesse uma namorada, talvez saísse mais em vez de ficar na frente daquela tela. Quer dizer, por que é que ele NÃO tem namorada?

PAI (V.O.)

Não sei. Não me olhe desse jeito! A culpa não é minha!

AUDREY (V.O.)

(voz baixa)

Esses são os meus pais. Acho que estão falando sobre o Frank.

MÃE (V.O.)

Bom, tive uma ideia. Temos que dar uma festa para ele. Arrumar umas meninas bonitas para apresentar.

PAI (V.O.)

Uma FESTA? Está falando sério?

MÃE (V.O.)

Por que não? Vai ser divertido. A gente fazia umas festas ótimas.

PAI (V.O.)

Quando ele tinha OITO anos. Anne, por acaso sabe como são as festas dos adolescentes? E se começarem a se esfaquear e a fazer sexo no trampolim?

MÃE (V.O.)

Não vão fazer isso! Vão? Meu Deus...

A porta se fecha ligeiramente. A câmera aproxima-se para conseguir captar a conversa.

MÃE (V.O.)

Chris, você teve aquela conversa de pai para filho com o Frank?

PAI (V.O.)

Não. Você teve a conversa de mãe para filho com ele?

MÃE (V.O.)

Dei um livro. Tinha figuras de... Você sabe.

PAI (V.O.)

(soa interessado)

Tinha, é? Que tipo de figuras?

MÃE (V.O.)

Você sabe.

PAI (V.O.)

Não sei, não.

MÃE (V.O.)

(impaciente)

Sabe, sim. Pode muito bem imaginar.

PAI (V.O.)

Não quero imaginar. Quero que as descreva para mim, bem devagar, com sotaque francês.

MÃE (V.O.)

(meio rindo, meio contrariada)

Chris, pare com isso!

PAI (V.O.)

Por que só o Frank deveria se divertir?

A porta se abre, e o PAI sai. É um homem bonito, na casa dos 40 e poucos anos, vestindo um terno e segurando uma máscara de mergulho. Ele pula sobressaltado ao ver a câmera.

PAI

Audrey! O que está fazendo aqui?

AUDREY (V.O.)

Estou filmando. Sabe, para aquele meu projeto.

PAI

Certo. Certo, claro.

(grita com uma advertência)

Querida, a Audrey está aqui fora filmando.

A MÃE aparece à porta, apenas de saia e sutiã. Escondendo o peito com as mãos, grita ao ver a câmera.

PAI

Era isso o que queria dizer quando falei "A Audrey está aqui fora filmando".

MÃE

(atordoada)

Ah, entendi.

Ela pega um robe que estava pendurado no gancho atrás da porta para envolver o corpo.

MÃE

Bom, muito bem, querida. Que seja um ótimo filme. Quem sabe você não pode dar um aviso quando for filmar da próxima vez?

(olha para o PAI e limpa a garganta)

Estávamos aqui discutindo a... ahn... crise no... Oriente Médio.

PAI

(assente)

Oriente Médio.

Ambos olham para a câmera com expressão de incerteza.

OK, então, o pano de fundo da história. Você deve querer saber qual é, acho. *Anteriormente, na vida de Audrey Turner...*

Só que, droga. Não dá para reviver tudo outra vez. Foi mal, não dá. Fiquei em muitas salas com professores, médicos, regurgitando a mesma história, usando as mesmas palavras, até começar a parecer algo que aconteceu na vida de outra pessoa.

Todos os envolvidos começaram a parecer irreais. Todas as meninas de Stokeland Girls' School, a Srta. Amerson, nossa professora principal, que disse que eu era uma iludida e queria atenção (atenção, Deus da Ironia, está aí escutando?).

Ninguém nunca descobriu por quê. Quer dizer, meio que descobrimos por quê, mas não *o porquê*.

Houve um grande escândalo, blá-blá-blá. Três garotas foram expulsas, o que é um recorde. Meus pais me tiraram do colégio no mesmo instante, e estou em casa desde então. Bom, e no hospital, do qual já falei a respeito mais cedo. A ideia é que eu possa "recomeçar" em Heath Academy. Acontece que, para "recomeçar", é necessário que se consiga "sair de casa", o que é um pequeno probleminha para mim.

Não é o mundo lá fora *em si*. Não são as árvores, ou o ar, ou o céu. São as pessoas. Quer dizer, nem *todas* as pessoas. Você não seria um problema, provavelmente; eu não teria nada contra você. Algumas pessoas são um porto seguro para mim — pessoas com quem posso falar e rir e me sentir relaxada. Mas formam um grupo pequeno. Mínimo, pode-se dizer, comparado à população mundial. Ou mesmo ao número de pessoas em um ônibus.

Posso jantar com a minha família. Ir à sessão com a Dra. Sarah na pequena bolha que compreende carro-sala de espera-consultório da Dra. Sarah-carro-casa. Todas as pessoas em meus grupos de terapia em St. John's... elas são um porto seguro também. Pois não são uma ameaça (OK, OK, *sei* que pessoas não são realmente uma ameaça. Mas vai tentar convencer meu cérebro idiota disso).

O problema está em todo mundo que resta. As pessoas na rua, à porta da frente, no telefone. Não fazemos ideia de quanta gente há no mundo até começarmos a morrer de medo delas. A Dra. Sarah diz que pode ser que eu jamais fique confortável em meio a multidões enormes, e tudo bem, mas tenho que “abafar” os pensamentos que me mandam entrar em pânico. Quando sugere isso, parece totalmente razoável, e penso: *Sim! Consigo fazer isso! É fácil.* Mas então o carteiro bate à porta, e corro antes mesmo de conseguir me impedir.

Acontece que nunca fui exatamente *extrovertida*, mesmo quando estava bem. Em um grupo de meninas, eu era sempre aquela que estava só, escondendo-se atrás dos cabelos. Era aquela que tentava entrar nas conversas sobre sutiãs, ainda que... Oi, sutiã? Isso certamente requereria uma silhueta feminina. Era a paranoica que ficava achando que todos deveriam a estar encarando, pensando como eu era sem graça.

Ao mesmo tempo, era aquela que sempre exibiam aos visitantes: “nossa aluna nota 10, Audrey”, “o destaque do nosso time de netball, Audrey”.

Fica a dica para todos os professores que estiverem lendo isto (ou seja, nenhum, provavelmente): tentem *não* exibir a garota que se encolhe sempre que alguém olha para ela. Porque não ajuda muito. Além disso, também não é de grande ajuda falar de modo que uma turma inteira possa ouvir: “Ela é a grande esperança do grupo deste ano, tão talentosa.”

Quem quer ser a grande esperança? Quem quer ser “tão talentoso”? Quem quer que o restante dos colegas de turma revirem os olhos como se fossem punhais?

Assim, não culpo esses professores. Estou apenas dizendo.

Então. Foi aí que todas as coisas ruins aconteceram. E meio que rolei ladeira abaixo. E cá estou. Confinada dentro do meu cérebro idiota.



Papai diz que é perfeitamente compreensível e que passei por um trauma, então agora sou tipo um bebezinho que entra em pânico sempre que é deixado no colo de alguém desconhecido. Já vi bebês assim, e passam do feliz e gorgolejante ao berreiro aberto em um segundo. Bom, eu não abro o berreiro. Não exatamente.

Mas sinto vontade.

Você ainda quer saber, não é? Continua curioso. Sabe, não o culpo por isso.

A parada é a seguinte: será que os exatos acontecimentos e a razão pela qual aquelas meninas foram expulsas importam de verdade? São irrelevantes. Aconteceu. Passou. Acabou. Prefiro não me aprofundar.

Não temos que revelar tudo um ao outro. É outra coisa que aprendi na terapia: não tem problema ser reservado. Tudo bem dizer não. Tudo bem dizer: "não vou compartilhar isso". De modo que, caso não se importe, deixemos tudo como está.

Quer dizer, agradeço o interesse e a preocupação, de verdade. Mas não precisa poluir o cérebro com essas coisas. Em vez disso, vá, sei lá, ouvir uma música boa.

## MINHA SERENA E AMOROSA FAMÍLIA – TRANSCRIÇÃO DO FILME

INT. ROSEWOOD CLOSE, N. 5. DIA.

A câmera faz uma panorâmica horizontal no hall de entrada e foca nos azulejos.

AUDREY (VOICE-OVER)

Então, estes são azulejos vitorianos antigos ou coisa do tipo. Minha mãe os encontrou em uma caçamba de lixo e nos fez arrastar esse peso até nossa casa. Demorou uma ETERNIDADE. Tínhamos um piso perfeitamente satisfatório, mas ela ficou toda, tipo, "são históricos!". Sério, alguém jogou aquilo fora. Será que ela não vê isso?

MÃE

Frank!

A MÃE chega marchando no hall.

MÃE

FRANK!

(para Audrey)

Onde está seu irmão?

Ah. Você está filmando.

Ela joga os cabelos para trás e encolhe a barriga.

MÃE

Muito bem, querida!

FRANK entra no hall.

MÃE

Frank! Encontrei isso aqui na casa de brincar do Felix.

Ela balança um punhado de embalagens de doces em sua direção.

MÃE

Primeiro, não quero que sente em cima da casinha dele – o teto é frágil, e é um mau exemplo para o Felix. Segundo, não percebe como é

tóxico para o corpo comer esse açúcar todo? Não?

Frank não responde, apenas a encara.

MÃE

Quanto tempo de exercício você faz por semana?

FRANK

Bastante.

MÃE

Bom, não é o suficiente. Vamos sair para correr amanhã.

FRANK

(indignado)

Sair para correr? Está falando sério? CORRER?

MÃE

Você precisa sair mais. Quando tinha a sua idade, eu vivia lá fora! Estava sempre praticando algum esporte, curtindo a natureza, fazendo trilhas na floresta, apreciando o mundo lá fora...

FRANK

Semana passada você falou que quando tinha a nossa idade "estava sempre lendo".

MÃE

Bom, e estava. Fazia as duas coisas.

AUDREY

(atrás da câmera)

Ano passado disse que quando tinha a nossa idade "estava sempre indo a museus e eventos culturais".

A mãe parece surpreendida.

MÃE

(irritada)

Fazia tudo isso. Enfim, vamos sair para correr amanhã. Não tem negociação.

(quando Frank inspira alto)

Não tem negociação. NÃO TEM, FRANK.

FRANK

OK. OK.

MÃE

(casualmente demais)

Ah, Frank. E estava aqui pensando. Tinha umas meninas simpáticas naquela sua peça da escola, não tinha? Tem alguém... sabe... em vista? Devia chamá-las para sair!

Frank lhe dá um olhar fulminante. A campainha da porta toca, e o menino olha para a câmera em advertência.

FRANK

Ei, Aud, é o Linus, se quiser... Você sabe. Sair de perto.

AUDREY (V.O.)

Valeu.

A mãe desaparece para a cozinha. Frank segue em direção à porta da frente. A câmera se afasta, mas tem visão para a entrada.

Frank abre a porta para revelar LINUS.

FRANK

E aí?

LINUS

E aí?

Linus olha para a câmera, que gira rapidamente e recua.

Depois, lentamente, de uma distância maior, volta para se deter no rosto do garoto. Aproxima-se com um zoom in.

Tipo, apenas filmei o menino porque é amigo de Frank. É só, sabe. Contexto familiar e tal.

OK. E ele tem um rosto bonito.

Que vi repetidamente no vídeo algumas vezes.

No dia seguinte, depois do café da manhã, mamãe desce vestindo leggings, um top rosa e tênis. Ela prendeu um monitor de frequência cardíaca com uma faixa no peito e está segurando uma garrafa d'água.

— Pronto? — pergunta para o andar de cima. — Frank! Estamos indo! Frank! FRANK!

Depois de um século, meu irmão desce. Está de calças jeans pretas, uma camiseta da mesma cor, os tênis do dia a dia e uma carranca no rosto.

— Não pode correr assim — diz mamãe de pronto.

— Posso, sim.

— Não, não pode. Não tem nenhum short de ginástica?

— Short de *ginástica*?

O olhar de desprezo de Frank é tão terrível, que deixo escapar uma risada.

— O que tem de errado? — indaga mamãe na defensiva. — É esse o problema de vocês, jovens. Têm a mente fechada. São preconceituosos.

*Vocês, jovens.* Duas palavras que sinalizam que um discurso típico da mamãe está a caminho. Observo-a da porta da sala e, sem dúvidas, os outros sinais começam a emergir. Os olhos estão cheios de ideias... Claramente tem coisas a dizer... Respira depressa...

E bingo.

— Sabe, Frank, a gente só tem um corpo! — Virando-se para o meu irmão, prossegue: — É preciso dar valor a ele! Cuidar dele! E o que me preocupa é que você parece não ter noção alguma da importância da saúde, da importância dos exercícios... Tudo o que quer é comer porcaria...

— Vamos ter partes do corpo robóticas para substituir as orgânicas quando chegarmos à sua idade — retruca Frank, sem se

afetar. — Então pronto.

— Sabe quantas pessoas da sua idade têm diabetes? — continua mamãe. — Sabe quantos adolescentes são obesos hoje em dia? E nem me peça para falar dos problemas de coração.

— OK, não vou pedir para falar dos problemas de coração — concorda ele gentilmente, o que a deixa enfurecida.

— E sabe o que é? É tudo culpa dessas telas do mal. Alguns jovens da sua idade não conseguem nem se levantar do sofá.

— Quantos? — rebate Frank.

— O quê? — Mamãe o encara com confusão.

— Quantos jovens da minha idade não conseguem nem se levantar do sofá? Porque, para mim, isso tem cara de ser tudo conversinha. Leu isso no *Daily Mail*?

Mamãe lança-lhe um olhar.

— Um número significativo.

— Tipo, três. Porque quebraram a perna.

Não consigo conter um risinho, e mamãe me encara irritada também.

— Pode fazer graça de mim o quanto quiser — diz ela para o filho. — Mas levo muito a sério a minha responsabilidade como mãe. *Não* vou deixar você se tornar um largado. *Não* vou deixar as suas artérias se enrijecerem. *Não* vou deixar que se transforme em estatística. Então anda. Vamos sair para correr. Vamos começar com um aquecimento. Vem comigo.

Mamãe começa a marchar, esticando e recolhendo os braços. Reconheço os movimentos do DVD de ginástica da apresentadora de TV Davina McCall. Depois de um momento, Frank junta-se a ela, balançando os braços e revirando os olhos comicamente. Tenho que colocar o punho fechado na boca a fim de parar de rir.



— Alinhe o centro — instrui mamãe. — Deveria fazer Pilates. Já ouviu falar em um exercício chamado “prancha”?

— Dá um tempo — resmunga Frank.

— Agora se alonga...

Enquanto se curvam para a frente no intuito de alongar os músculos posteriores das coxas, Felix irrompe pelo hall aos pulos.

— Ioga! — grita alegremente. — Eu sei fazer ioga! Sei fazer ioga MUITO RÁPIDO.

Deita-se de costas e joga as pernas para o ar.

— Maravilha de técnica — digo a ele. — Isso é ioga super-rápido.

— E FORTE. — Ele me olha com seriedade. — Sou o ioga mais forte de todos.

— É mesmo, o ioga mais forte — concordo.

— Certo. — Mamãe levanta a cabeça. — Então, Frank, vamos pegar leve hoje, só uma corridinha agradável...

— E as flexões? — interrompe meu irmão. — Não era bom a gente fazer algumas antes de sair?

— *Flexões?* — Mamãe fica boquiaberta por um momento.

Já vi mamãe fazendo flexões com o DVD da Davina. Não é uma visão das mais belas. Xinga e sua e desiste depois de umas cinco.

— Bom... É. — Ela recupera a compostura. — Boa ideia, Frank. A gente podia mesmo fazer umas duas flexões.

— Estava pensando em umas trinta?

— Trinta? — Mamãe está pálida.

— Eu começo. — Ele se oferece e se abaixa. Antes de me dar conta, está esticando os braços, depois baixando o corpo, levando o rosto ao chão e subindo ritmicamente. É muito bom no exercício. Tipo, *muito* bom mesmo.

Mamãe o encara como se seu filho tivesse se transformado em um elefante.

— Não vai fazer, não? — pergunta o menino, mal parando os movimentos.

— Certo — responde ela, colocando mãos e joelhos no chão. Faz duas repetições e para.

— Não consegue acompanhar? — indaga Frank, arfando. — 23... 24...

Mamãe faz mais algumas e para, arquejante. Não está achando nada divertido.

— Frank, *onde* foi que aprendeu isso? — inquire quando ele termina. Parece quase contrariada, como se o filho a tivesse enganado.

— Na escola — responde sucintamente. — Aula de educação física. — Ajoelhando-se, abre um sorriso malicioso para ela. — Consigo correr bastante também. Estou na equipe de cross-country.

— *O quê?* — Mamãe está assombrada. — Você não me contou isso.

— Vamos? — Frank se levanta. — Não quero ser um adolescente obeso vítima de um ataque cardíaco. — Enquanto seguem para a porta, ouço-o dizer: — Sabia que a maioria das mulheres de meia-idade não faz flexões o suficiente? Apareceu no *Daily Mail*!



Quarenta minutos depois, estão de volta ao hall, arfando. É, *arfando*. Frank mal chegou a suar, ao passo que mamãe parece prestes a se estatelar no chão. O rosto está vermelho e os cabelos pingam de suor. Enquanto se segura no corrimão procurando apoio, inspira e expira como se fosse uma máquina a vapor.

— Como foi a corrida? — indaga papai, entrando no hall, e para alarmado ao ver mamãe. — Anne, está tudo bem?

— Tudo bem — consegue responder. — Tudo bem. Frank foi mais do que bem, na verdade.

— Não estou preocupado com ele, mas e você? — Papai continua a fitá-la. — Anne, não exagerou? Achei que estava em forma!

— Estou em forma! — Ela praticamente grita. — Ele que me enganou!

Frank balança a cabeça com tristeza.

— Os exercícios aeróbicos dela realmente precisam dar uma melhorada — diz meu irmão. — Mãe, você só tem um corpo. Tem que dar *valor* a ele.

E, piscando para mim, segue para a sala de jogos.

Sabe, o Frank tem razão em um ponto.

Mas a mamãe também tem. Todo mundo tem.

Depois de voltar da corrida, Frank passou as dez horas seguintes jogando no computador. *Dez horas direto*. Nossos pais passaram o dia fora com Felix, levando-o a uma série de festas de aniversário, e mandaram Frank fazer o dever de casa enquanto isso, a que meu irmão respondeu que "sim", mas depois entrou em sua conta do jogo e parou por aí.

Agora, na manhã de domingo, mamãe está no tênis, papai trabalha com algo no jardim, e eu assisto à TV no escritório quando Frank surge à porta.

— Oi.

— Oi. — Estou de óculos e não viro a cabeça.

— Escuta, Audrey, o Linus vai começar a passar bastante tempo aqui em casa. Acho que devia conhecê-lo melhor. Ele está na minha equipe de *LoC*.

Já me retesei um pouco ao ouvir as palavras *Linus* e *conhecê-lo melhor*.

— Por que eu devia conhecer melhor o Linus? — retruco.

— Ele não fica muito à vontade vindo aqui. Tipo, aquilo que aconteceu naquele dia? Quando você saiu correndo. Deixou o cara um pouco assustado.

Olho feio para o meu irmão. Não queria ser lembrada do episódio.

— Não tem por que ele não se sentir à vontade — digo, abraçando os joelhos.

— Mas não se sente. Acha que deixou você chateada.

— Bom, *conta* para ele. Você sabe. Sobre...

— Já contei.

— Então pronto.

Silêncio. Frank ainda não parece feliz.

— Se o Linus não quiser vir aqui em casa, pode ser que procure outra equipe de *LoC* — argumenta. — Ele é muito bom.

— Quem mais está na equipe? — Giro-me a fim de o encarar.

— Dois caras do colégio. Nick e Rameen. Jogam on-line com a gente. Mas eu e o Linus somos, tipo, os estrategistas. Vamos entrar na competição internacional de *LoC*, e as partidas da fase de qualificação são no dia 18 de julho, por isso precisamos treinar muito. O prêmio é de seis milhões de dólares.

— *O quê?* — Olho para ele.

— Sério.

— Dá para ganhar seis milhões de dólares? Só por jogar *LoC*?

— Não é “só” por jogar *LoC* — corrige Frank com impaciência. — É o novo esporte da vez. — Parece mais empolgado do que o vejo em anos. — O campeonato vai ser em Toronto esse ano, e estão construindo, tipo, um estádio gigante, e todo mundo vai viajar para lá. É uma bolada. É o que a mamãe e o papai não conseguem entender. Hoje em dia, ser gamer é uma carreira.

— Certo — digo com desconfiança.

Fui a uma feira de profissões na escola. Não vi ninguém sentado dentro de uma barraquinha que tivesse um cartaz dizendo: SEJA UM GAMER!

— Então você precisa fazer o Linus ficar à vontade aqui em casa — conclui Frank. — Não posso deixá-lo sair da equipe.

— Não podem jogar na casa dele?

Meu irmão balança a cabeça em negativa.

— A gente tentou. A avó dele mora lá. Tem algum tipo de demência. Não deixa a gente em paz. Grita e chora e às vezes não sabe quem é o Linus, além de ficar tirando a comida toda do freezer.

Tipo, eles têm que ficar de olho nela o tempo inteiro. O Linus tem que fazer todo o dever de casa na escola.

— Certo. — Assimilo o que disse. — Coitado do Linus. Bom... Você sabe. Diz para ele que está tudo tranquilo.

— Ele pediu o seu celular, mas... — Frank dá de ombros.

— Certo.

Não tenho celular no momento. Para melhorar ainda mais as coisas, tornei-me avessa a telefones. Não chego a ter fobia, só aversão.

Algo que Frank jamais entenderá, nem em um milhão de anos.

Quando ele sai, me viro para continuar assistindo ao programa *You've Been Framed*. Felix entra para me fazer companhia, e nos aconchegamos um no outro no sofá. Ele é como um ursinho de pelúcia que anda e fala. É macio e abraçável, se você pressionar sua barriga, ele ri, sempre. A cabeça é uma massa cacheada de cabelos dourados que lembra um dente-de-leão, e o rosto está constantemente exibindo essa expressão franca e esperançosa. Você tem a sensação de que nada jamais poderá dar errado para ele.

Acho que era assim que a mamãe e o papai se sentiam em relação a mim.

— Então, como está na escola, Felix? — indago. — Ainda é amigo do Aidan?

— O Aidan está com catapopa — responde.

— Catapora?

— Catapopa — corrige o menino como se eu fosse burra. — *Catapopa*.

— Ah, está certo. — Assinto. — Espero que você não pegue.

— Vou lutar com a catapopa com a minha espada — diz, com grandeza. — Sou um lutador muito forte.

Tiro os óculos escuros para olhar o seu rostinho redondo e aberto. Felix é a única pessoa que consigo tolerar encarar, olho no olho. Os olhos dos meus pais — pode esquecer. São cheios de preocupação e temor e conhecimento demais. E meio que amor demais também, se é que isso faz sentido? Se olhar para eles, é como se tudo voltasse em ondas esmagadoras para cima de mim — misturado com sua raiva, que é bastante justificada. Tipo, não é direcionada a mim, obviamente, mas ainda assim. Parece tóxica.

Os olhos de Frank estão sempre um pouco assustados, todas as vezes que olha para mim. É algo do tipo “*Socorro, minha irmã surtou, o que faço agora?*”. Ele não quer se sentir assim, mas se sente. É claro. A irmã fica escondida dentro de casa e usa óculos escuros — de que outra maneira poderia ficar, senão assustado?

Os olhos azuis de Felix, porém, são transparentes e límpidos e tranquilizadores como um gole d’água. Não sabe de nada além do fato de que é Felix.

— Oi, você — digo, pressionando o rosto contra o dele.

— Oi, você. — Ele aperta ainda mais em resposta. — Quer fazer um boneco de neve?

O Felix tem essa pequena obsessão por *Frozen*, e não o culpo. Eu mesma posso me identificar com a Rainha Elsa. Com a diferença de que não tenho certeza de que poderei derreter o gelo por meio de um ato de amor aleatório. É mais provável que tenha que tirar lascas com um furador de gelo.

— Audrey. — Ouço a voz de Frank. — O Linus está aqui e pediu para dar isso a você.

Os óculos escuros já estão no lugar enquanto levanto a cabeça. Meu irmão segura uma folha de papel dobrada.

— Ah — digo, confusa, pegando-a de sua mão. — OK.

Quando Frank sai, desdobro o papel e leio a letra desconhecida.

Oi. Desculpa pelo outro dia.  
Não queria te assustar.  
Linus.

Ai, meu Deus.

Tipo, ai, meu Deus de *tantas maneiras diferentes*. Primeiro, ele acha que me assustou (o que é verdade, mas não por ser assustador). Segundo, sente a necessidade de se desculpar, o que me deixa mal. Terceiro, o que faço agora?

Penso por um instante, depois escrevo logo abaixo da linha:

Não, eu que peço desculpas. Tenho esse problema estranho. Não é nada com você.  
Audrey.

— Felix — peço. — Vai lá entregar isso ao Linus. *Linus* — repito quando me olha sem entender. — O amigo do Frank. Linus. O menino alto?

Meu irmãozinho pega o papel e olha com atenção para ele por um momento. Então o dobra, guarda no bolso e começa a brincar com um trenzinho.

— Felix, vai logo. — Empurro-o. — Dê isso para o Linus.

— Mas cabe certinho no meu bolso — retruca ele. — É meu papel de bolso.

— Não é seu coisa nenhuma. É uma mensagem.

— Quero um *papel de bolso*! — exclama, fazendo bico para dar um grito.

Pelo amor de Deus. Nos filmes, prendem o recado na coleira do cachorro, que vai cumprir a missão, sem discussão.

— OK, Felix, pode ter um papel de bolso — digo, exasperada. — Seja lá o que for isso. Aqui, ó. — Rasgo um página de uma revista,



dobro e a guardo em seu bolso. — Agora vai lá dar isso ao Linus. Na sala de jogos.

Quando ele finalmente sai, não tenho a menor certeza de que a mensagem vai chegar no destino. É mil vezes mais provável que Felix a jogue no lixo, ou coloque dentro do DVD, ou simplesmente esqueça que existe. Aumento o volume da televisão e tento esquecer.

Dois minutos depois, no entanto, eis que Felix volta segurando o papel e dizendo cheio de animação:

— Lê! Lê o papel de bolso!

Desdobro-o — e Linus tinha acrescentado outra frase. É como um daqueles jogos em que cada participante escreve algo em segredo para depois ler em voz alta a história que se formou.

O Frank me explicou. Deve ser difícil para você.

Aliso o papel no joelho e escrevo:

Está tranquilo. Bom, quer dizer, não é tranquilo.  
As coisas são como são. Espero que estejam ganhando. Aliás, você foi um ótimo Atticus Finch.

Entrego a folha para Felix, o Cão Maravilha, e olho para a tela — mas não estou assistindo ao programa, nem um pouco. Apenas espero. Não faço algo assim há séculos. Não interajo com ninguém salvo minhas pessoas porto seguro há... Nem sei. Semanas. Meses. Antes de me dar conta, Felix está de volta, e arranco o papel dele.

Ah, valeu. Na verdade, estamos tankando. O Frank está gritando comigo por estar escrevendo mensagens. Você é uma má influência, Audrey.

Observo a maneira como escreveu meu nome. Tenho uma sensação de intimidade. Parece que se apossou de um pedaço de

mim. Tento ouvir sua voz falando a palavra. *Audrey.*

— Desenha as palavras — instrui Felix. Gostou mesmo da função de mensageiro. — Desenha as palavras. — Ele bate no papel. — Palavras!

Não quero mais entregar o papel ao Felix. Quero dobrá-lo e deixá-lo em um lugar onde possa olhar para ele sozinha. Estudar a caligrafia. Pensar nele formando meu nome com a caneta. *Audrey.*

Pego uma nova folha A4 da mesa na qual todo o material escolar está empilhado e escrevo:

Bom, foi legal conversar com você, ou sei lá. A gente se vê.

Mando-o por Felix, e meio minuto depois, a resposta chega:

A gente se vê.

Ainda estou com a primeira página na mão; a que tem meu nome. Pressiono-a contra o rosto, inspirando. Acho que sinto cheiro de sabão, ou xampu, ou coisa do tipo.

Felix está com o nariz colado ao outro papel e me fita por cima dele com olhos enormes.

— O seu papel de bolso tem cheiro de *cocô* — diz, caindo no riso.

Você pode sempre contar com uma criança de 4 anos para acabar com o clima.

— Valeu, Felix. — Bagunço seus cabelos. — É um ótimo mensageiro.

— Desenha mais palavras — pede, batendo na folha. — Mais palavras.

— A gente já terminou a conversa — explico, mas Felix pega um giz de cera e o entrega a mim.

— Faz palavras vermelhas agora — ordena ele. — Faz “Felix”.

Escrevo o nome, e o menino olha para a folha cheio de carinho enquanto o puxo para perto a fim de lhe dar outro abraço revitalizante.

Sinto uma espécie de empolgação. E um vazio. O que pode parecer uma reação exagerada, mas, caso não tenha percebido, sou a Rainha do Exagero.

A verdade é que, se você não se comunica com ninguém novo, nunca, de maneira alguma, acaba perdendo o jeito. E quando volta a fazê-lo, é um tanto exaustivo. A Dra. Sarah me advertiu a respeito disso. Diz que devo esperar que mesmo as menores tarefas ou passos novos sejam um pouco extenuantes. E, acredite ou não, essa pequena troca de mensagens boba foi.

Foi boa também, no entanto.

## MINHA SERENA E AMOROSA FAMÍLIA – TRANSCRIÇÃO DO FILME

INT. ROSEWOOD CLOSE, N. 5. DIA

A câmera faz uma panorâmica em direção a uma porta fechada.

AUDREY (VOICE-OVER)

Então, esta é a sala do papai. É onde trabalha quando não está no escritório.

A porta é aberta pela mão de alguém. Vemos o PAI, caído sobre a mesa, roncando de leve. A tela mostra um automóvel da marca Alfa Romeo.

AUDREY (V.O.)

Pai? Está dormindo?

O PAI acorda sobressaltado e rapidamente desliga o monitor.

PAI

Não estava DORMINDO. Estava pensando. Então, já embrulhou o presente da sua mãe?

AUDREY (V.O.)

É por isso que vim aqui. Tem algum papel de embrulho?

PAI

Tenho, sim.

Pega um rolo e entrega à AUDREY.

PAI

E olha só o que mais!

Ele pega uma caixa branca e a abre, revelando um grande bolo de aniversário. Tem um enorme número "39" desenhado em glacê.

Ficamos em silêncio por um instante.

AUDREY (V.O.)

Pai, por que mandou colocar "39" no bolo da mamãe?

PAI

Ninguém é velho demais para gostar de um bolo personalizado.

(pisca para a câmera)

Sei que eu não sou.

AUDREY (V.O.)

Mas ela não vai fazer 39 anos.

PAI

(confuso)

Vai, sim.

AUDREY (V.O.)

Não, não vai.

PAI

Ela vai, sim...

O pai para e quase engasga. Horrorizado. Olha para o bolo, então de volta para a câmera.

PAI

Ai, meu Deus. Será que ela vai ligar? Não. Claro que não vai. Quer dizer, é só um aninho, qual é o problema...

AUDREY (V.O.)

Pai, ela vai ligar. MUITO.

Ele parece estar em pânico.

PAI

Precisamos de um bolo novo. Quanto tempo ainda temos?

Ouvimos o som de uma porta batendo no andar de baixo.

MÃE (fora da tela)

Ceguei!

O pai parece desesperado.

PAI

Audrey, o que eu faço?

AUDREY (V.O.)

Dá para consertar. Podemos mudar para "38".

PAI

Com o quê?

Ele pega uma embalagem de corretivo líquido.

AUDREY (V.O.)

Não!

Alguém bate à porta, e Frank entra.

FRANK

A mamãe chegou. Quando vai ser o chá de aniversário?

O pai está tirando a tampa de um marcador de tinta permanente.

PAI

Vou usar isto.

AUDREY (V.O.)

Não! Frank, vai até a cozinha. Precisamos de um pouco de glacê ou algo do tipo. Qualquer coisa comestível que possa ser usada para escrever. Mas não deixa a mamãe descobrir o que você está fazendo.

FRANK

(perplexo)

Qualquer coisa comestível que possa ser usada para escrever?

PAI

Rápido!

Frank desaparece. A câmera foca no bolo.

AUDREY (V.O.)

Como foi errar a idade dela? Tipo, como conseguiu isso?

PAI

(segurando a cabeça)

Não sei. Passei o mês inteiro fazendo relatórios financeiros do ano que vem. Minha cabeça está toda concentrada no próximo ano. Acho que perdi um ano em algum lugar.

Frank irrompe na sala segurando uma embalagem de ketchup Heinz.

AUDREY (V.O.)

Ketchup? Sério?

FRANK

(na defensiva)

Bom, eu não sabia o que procurar!

O pai toma a embalagem dele.

PAI

Dá para transformarmos o "nove" em "oito" com ketchup?

FRANK

Não vai enganar a mamãe desse jeito.

AUDREY (V.O.)

Passa ketchup no número todo. Transforma isso em um bolo de ketchup.

FRANK

Por que iam usar ketchup para decorar o bolo?

PAI

(apressadamente desenhando  
sobre o glacê com ketchup)

A mãe de vocês adora ketchup. Tudo bem. Está tudo certo.

OK, então aqui vai uma lição de vida. Não tente consertar um bolo de aniversário com ketchup. Corretivo líquido teria sido uma opção melhor.

Quando papai trouxe o bolo, o queixo de mamãe caiu. E não foi no bom sentido. Tipo, se você pega um bolo branco e decora toda a superfície com ketchup, ele basicamente fica parecendo *O massacre da serra-elétrica*.

Começamos todos a cantar "Parabéns para você" mais alto do que o normal, e assim que terminamos, e mamãe soprou sua (única) vela, papai disse:

— Maravilha! Deixa eu tirar isso e cortar as fatias...

— Espera aí. — Mamãe colocou a mão sobre a dele. — O que é ISSO? Não é *ketchup*, não, é?

— É uma receita do Heston Blumenthal — explicou papai, sem nem chegar a piscar. — Experimentalista.

— Certo. — Ela ainda parecia confusa. — Mas isso aí não é...? — Antes que pudéssemos impedi-la, já estava limpando o ketchup com um guardanapo. — Bem que eu achei! Tem uma mensagem aí embaixo.

— Não é nada — garantiu papai rapidamente.

— Mas tem glacê! — Ela limpou o restante dos borrões, e encaramos em silêncio o bolo branco-e-vermelho.

— Chris — disse mamãe finalmente, com uma voz estranha. — Por que está escrito 39 aí?

— Não está! É 38. Olha. — Papai correu o dedo sobre os vestígios de ketchup. — É um oito.

— Nove. — Felix apontou com toda a certeza para o bolo. — Número *nove*.

— É oito, Felix! — disse papai com firmeza. — Oito!



Vi meu irmãozinho olhando para o bolo com perplexidade e senti uma ponta de pena. Como iria aprender qualquer coisa com pais surtados como os nossos?

— É um nove, Felix — sussurrei em seu ouvido. — O papai está só brincando.

— Acha que tenho 39 anos? — Mamãe olhou para o marido. — *Pareço* ter 39 anos? É isso que você acha? — Levando as mãos ao rosto, fitou meu pai. — Isto aqui é a cara de alguém de 39 anos? É isso que está me dizendo?

Acho que papai devia ter simplesmente jogado o bolo fora.



É por isso que, hoje à noite, ele vai levá-la para sair a fim de comemorar o aniversário — como dá para notar pelas nuvens de perfume que subitamente descem as escadas. Mamãe não é exatamente sutil quando vai sair. Como está sempre nos dizendo, sua vida social passou a ser praticamente inexistente desde que teve os três filhos, portanto, quando tem a oportunidade, compensa usando perfume, delineador para olhos, spray para cabelo e saltos altos. Ao descer os degraus, identifico uma manchinha de bronzeador em seu braço. Não direi coisa alguma, no entanto. Não no dia de seu aniversário.

— Você vai ficar bem, amor? — Ela coloca as mãos em meus ombros e me olha com ansiedade. — Tem o número dos nossos celulares. Qualquer problema, diz para o Frank ligar imediatamente.

Mamãe sabe que não sou excelente com telefones. É por essa razão que Frank é a babá oficial, não eu.

— Vou ficar bem, mãe.

— Claro que vai — garante ela, mas não solta meus ombros. — Querida, não exagera. Dorme cedo.

— Vou, sim — prometo.

— E, Frank... — Mamãe olha para cima quando o filho entra no corredor. — Vai fazer o dever de casa e só. Porque vou levar *isto* comigo.

Enquanto brande um cabo de bateria em triunfo, Frank a fita, boquiaberto.

— Você...?

— Desconectei o computador? Isso mesmo, mocinho. Não quero aquilo ligado nem por um nanossegundo. Se terminar os deveres, pode assistir à televisão ou ler um livro. Vai ler Dickens!

— *Dickens* — repete Frank em tom depreciativo.

— Isso, Dickens! Por que não? Quando tinha a sua idade...

— Já sei — interrompe o menino. — Foi ver um show do Dickens. E ele arrasou.

Mamãe revira os olhos.

— Muito engraçadinho.

— Então! Onde está a aniversariante? — Papai desce as escadas correndo, trazendo uma nuvem de loção pós-barba consigo. Qual é a parada dos pais com o exagero de perfume? — Bom, está todo mundo bem? — Olhando para mim e Frank, continua: — Porque vamos estar logo ali do lado.

Meus pais *não conseguem* sair de casa. Mamãe tem que dar uma olhada final em Felix, e papai se lembra de que deixou o sistema de irrigação do jardim ligado, depois mamãe ainda quer se certificar de que a televisão está gravando sua novela, *EastEnders*.

Conseguimos, enfim, empurrá-los porta afora e nos entreolhamos.

— Vão voltar daqui a tipo uma hora — prevê Frank e se dirige à sala de jogos. Sigo-o, pois não tenho muito mais o que fazer, e talvez possa ler o novo Scott Pilgrim que comprou. Ele se aboleta na mesa do computador, vasculha a mochila e encontra um cabo. Em seguida, liga o laptop, faz log-in e abre uma janela de *LoC*.

— Sabia que a mamãe ia pegar o cabo? — pergunto, impressionada.

— Já fez isso antes. Tenho, tipo, uns cinco extras. — Seus olhos ficam anuviados quando começa a jogar, então sei que não há razão para continuar falando com ele. Olho em volta à procura de Scott Pilgrim, encontro-o sob um saco extragrande de salgadinhos e me aninho no sofá para ler.

Parece que se passaram apenas segundos quando levanto o rosto e vejo mamãe à porta, ainda de saltos altos. Como *aquilo* aconteceu?

— Mãe. — Pisco, desorientada. — Você não saiu?

— Voltei para pegar o celular. — Seu tom é doce e ameaçador. — Frank? O que está fazendo?

Meu Deus. Frank. Frank! Viro a cabeça, preocupada. Ainda mexe no mouse, com os fones no ouvido.

— Frank! — vocifera mamãe, fazendo-o olhar para cima.

— Oi?

— O que está fazendo? — pergunta ela, no mesmo tom doce e ameaçador.

— Laboratório de língua — responde meu irmão, sem titubear.

— Laboratório... De quê? — Mamãe parece surpresa.

— Trabalho de francês. É um programa que testa vocabulário. Tive que encontrar um cabo velho para conseguir fazer. Achei que não ia se importar.

Ele aponta para o monitor, no qual vejo a palavra *armoire* flutuando pelo espaço em fonte grande e vermelha, seguida por *armário*, em azul.

Uau. Ela deve ter se movido com agilidade para colocar aquilo na tela.

Realmente, jogar *LoC* acelera *mesmo* a reação a estímulos. Tipo, é um fato verdadeiro.

— Estava fazendo esse laboratório de língua esse tempo todo? — Mamãe me encara com olhos semicerrados, e desvio o olhar. Não vou me meter nessa história.

— Eu estava lendo Scott Pilgrim — digo a verdade.

Ela volta a se concentrar em Frank.

— Frank, está mentindo para mim?

— Mentindo? — Ele parece magoado.

— Não vem com essa para cima de mim! Está querendo me dizer, jurando de coração, que estava fazendo seu dever de casa e nada além?

Meu irmão apenas a encara por um momento. Então, sacode a cabeça, com expressão de tristeza.

— Vocês, adultos. Sempre acham que os adolescentes estão mentindo. Sempre presumem que os adolescentes estão mentindo. É o ponto de partida de vocês. Muito deprimente.

— Não estou presumindo nada... — começa mamãe, mas é interrompida.

— Está, sim! Vocês todos tiram essas conclusões fáceis, óbvias, de quem tem *preguiça* de pensar, de que qualquer pessoa com menos de 18 anos é um sub-humano patológico e desonesto sem nenhuma integridade. Mas somos pessoas iguais a vocês, e parece que não conseguem entender isso! — Sua expressão torna-se passional de súbito. — Mãe, será que não dá para acreditar, uma vez que seja, que o seu filho está fazendo a coisa certa? Não pode me dar um pouquinho de crédito? Mas, olha, se quiser que eu desconecte o computador e *não* faça o dever de francês, tudo bem. Explico isso para o professor amanhã.

Mamãe parece desconcertada pelo pequeno discurso do Frank. Para falar a verdade, parece uma criança que foi posta de castigo.

— Não disse que você estava mentindo! Só... Olha, se está mesmo fazendo o dever de francês, tudo bem. Continua. A gente se vê mais tarde.

Ela segue para o hall de entrada com os saltos fazendo barulho no chão. Poucos segundos depois, ouvimos a porta bater.

— Você é doente — digo, sem tirar os olhos do livro.

Ele não responde. Já está absorto no jogo outra vez. Viro a página, escutando os murmúrios ininteligíveis de Frank, e me pergunto se devo fazer um chocolate quente, quando subitamente sou surpreendida por fortíssimas batidas à janela, vindas do lado de fora.

— FRAAAAAANK!!!!

Salto do sofá e sinto que começo a hiperventilar. Mamãe está do outro lado, olhando para dentro de casa, o rosto como o de um demônio monstruoso. Tipo, nunca a vi tão furiosa.

— Chris! — berra ela. — VEM CÁ! PEGUEI O FRANK COM A BOCA NA BOTIJA!

Como foi conseguir subir ali? As janelas da sala de jogos ficam, tipo, quase dois metros acima do térreo.

Olho para o meu irmão, que parece genuinamente um pouco apavorado. Fechou a janela do jogo, mas ela já tinha visto. Quer dizer, não tem como não ter visto.

— Você pediu — digo.

— *Merda.* — Frank faz uma carranca. — Não acredito que ela estava me *espionando*.

— Chris! — grita mamãe. — Ajuda aqui! Eu... Ahhhh!

Seu rosto desaparece enquanto ouvimos um som alto de algo desmoronando.

Ai, meu Deus. O que aconteceu? Fico de pé de um pulo e corro para a porta dos fundos. A janela da sala dá para o jardim, e,

quando saio, não vejo mamãe em lugar algum. Tudo o que vejo é a casinha de Felix, que foi arrastada até ficar junto à janela. O teto parece ter se quebrado e...

Não.

Sem essa.

Os pés de mamãe estão projetados para fora, ainda de saltos altos.

Frank chega à porta para ver o que estou fitando. Tampa a boca com a mão, e eu lhe dou uma cotovelada.

— Cala a boca! Ela pode ter se machucado! Mãe, está tudo bem? — chamo, correndo para a construção.

— Anne! — Papai chegou à cena. — O que aconteceu? O que estava fazendo?

— Estava olhando pela janela. — A voz de mamãe chega abafada. — Me *tira* daqui. Estou totalmente entalada.

— Achei que ficar em cima da casinha fosse dar um mau exemplo para o Felix, mãe — comenta Frank sem emoção, e ouço uma inspiração furiosa.

— Seu... — É provavelmente uma boa coisa que a voz de mamãe esteja abafada naquele momento.

Eu, papai e Frank precisamos unir forças a fim de puxá-la para fora, e não posso dizer que aquilo a deixou mais bem-humorada. Enquanto corre os dedos pelos cabelos para ajeitá-los, ela treme de ira.

— Certo, mocinho — diz para Frank, que encara a porta com expressão fechada. — Bom, a sua batata assou. Está proibido de jogar qualquer coisa no computador por... O que acha, Chris?

— Um dia — diz papai com firmeza no mesmo instante em que mamãe decreta:

— Dois meses.

— Chris! — exclama ela. — Um *dia*?

— Bom, eu sei lá! — responde ele na defensiva. — Não me pergunte, então.

Meus pais se afastam para sussurrar entre si enquanto eu e Frank esperamos, constrangidos. Poderia voltar para dentro de casa, mas quero ver como tudo se resolverá.

É bem ridículo, no entanto, ter que esperar aqui enquanto sussurram coisas como: “passar a mensagem com clareza” e “fazer valer dessa vez”.

Quando for mãe, vou estabelecer qual será o castigo *anteriormente*.

— OK. — Papai finalmente se vira para nós. — Dez dias. Sem computador, celular, nada.

— Dez dias? — Frank lança um de seus olhares letais, no estilo por-favor-morra-agora. — Esse é um castigo tão desproporcional.

— Não é, não. — Mamãe estende a mão. — Celular, por favor.

— Mas e a minha equipe? Não posso simplesmente deixar todo mundo na mão. E toda aquela conversa fiada de “espírito de equipe” e “um por todos, todos por um” que vocês me fazem engolir? Agora vou simplesmente deixar meus amigos se ferrarem?

— Que equipe? — Mamãe parece confusa. — É a equipe de cross-country?

— A equipe de *LoC*! — argumenta Frank. — Estamos treinando para um campeonato, como já disse um bilhão de vezes.

— Um campeonato de *joguinho de computador*? — indaga mamãe, com desdém supremo.

— O campeonato internacional de *LoC*! O prêmio é de seis milhões de dólares! É por isso que o Linus vem sempre aqui! O que vou dizer a ele?

— Diz que está ocupado — sugere mamãe com secura. — Na verdade, até prefiro que o Linus não volte mais. Acho que devia encontrar amigos com interesses mais diversos. E ele deixou a Audrey perturbada.

— O Linus é meu amigo! — Frank parece querer explodir. — Você não pode simplesmente proibir a merda dos meus amigos de virem aqui!

OK, a palavra “merda” foi um erro. Posso ver mamãe se encolhendo como uma cobra prestes a dar o bote.

— Por favor, não fale palavrões, Frank — pede, gélida. — E posso, sim. Esta é a minha casa. Eu controlo quem entra e quem sai. Sabia que a Audrey teve um ataque quando ele veio?

— Não vai acontecer de novo — responde o menino sem titubear. — Ela está se acostumando com o Linus, não é, Audrey?

— Ele é legal — respondo debilmente.

— Vamos conversar a respeito — diz mamãe, lançando-lhe outro olhar gelado. — Por enquanto, posso confiar que você vai fazer o dever hoje e não vai mais tirar nenhum outro cabo da cartola, ou vou ter que cancelar meu jantar de comemoração, pelo qual eu e seu pai esperamos ansiosamente o mês inteiro e que já está semiarruinado? — Ela olha para as pernas. — Minhas meias já estão *totalmente arruinadas*.

Quando fala assim, é impossível não se sentir culpado. Tipo, eu me sinto mal e sequer fiz coisa alguma, então imagino que Frank se sinta ainda pior. Embora nunca se possa ter certeza, em se tratando de meu irmão.

— Desculpa — resmunga ele enfim, e observamos em silêncio enquanto nossos pais dão a volta na casa. Ouvimos as portas do carro baterem, e os dois vão embora.

— Dez dias — diz Frank, fechando os olhos.



— Podiam ter sido dois meses — aponto, tentando o consolar, mas imediatamente me dou conta de que foi algo idiota e irritante a se dizer. — Quer dizer... Foi mal. Que saco.

— É.

Voltamos para dentro de casa, e sigo para a cozinha. Estou colocando a chaleira no fogo para fazer chocolate quente quando ouço meu irmão à porta.

— Olha, Audrey, você *tem* que se acostumar com o Linus.

— Ah. — Sinto meu estômago se revirar. É o nome. *Linus*. Ele faz isso comigo.

— Ele precisa vir aqui. Precisa de espaço para praticar.

— Mas a mamãe não vai te deixar jogar.

— São só dez dias. — comenta, gesticulando com a mão impacientemente. — Depois disso, a gente vai precisar se concentrar e treinar sério. A fase de qualificação está chegando aí.

— Certo. — Jogo uma colherada de pó para chocolate dentro da caneca.

— Então não pode surtar toda vez que o vir. Quer dizer, “surtar”, não — conserta ele quando vê minha expressão. — Ter um ataque. O que for. Sei que é realmente sério. Sei que é uma doença, blá-blá-blá, *sei* disso tudo.

Frank foi arrastado para a terapia de família umas duas vezes. Na verdade, foi bem meigo nessas ocasiões. Disse coisas bem fofas para mim. E sobre mim, sobre o que aconteceu, e...

Enfim.

— O que interessa é que o Linus precisa vir aqui, sem a mamãe ficar me enchendo o saco — continua Frank. — Então você tem que conseguir olhar para ele e não sair correndo e tal. OK?

Há uma pausa. Verto água fervente na caneca e observo enquanto o pó rodopia pelo líquido, transformando-se do nada

poeirento em chocolate quente sublime em questão de segundos. Só precisa de um elemento extra para a mudança. Penso nisso sempre que o preparo.

O que não é uma boa coisa, aliás. Penso demais. Deeeemaaaais da conta. Todos concordaram com isso.

— Tenta, pelo menos — pede meu irmão. — Por favor?

— OK. — Dou de ombros e tomo um gole da bebida.

MINHA SERENA E AMOROSA FAMÍLIA – TRANSCRIÇÃO DO FILME

INT. ROSEWOOD CLOSE, N. 5. DIA

MÃE, PAI e FRANK estão sentados à mesa do café da manhã. A MÃE lê o Daily Mail.  
O PAI mexe no celular.

A câmera faz um close-up em Frank. Parece irado e emburrado.

MÃE

Então, Frank, o que vai fazer hoje depois da escola?

Ele não responde.

MÃE

Frank?

Frank permanece em silêncio.

MÃE

FRANK?

Ela cutuca o PAI com o pé. O PAI olha para cima, desorientado.

MÃE

CHRIS!

A mãe acena significativamente com a cabeça para Frank. O PAI se intromete.

PAI

Frank, não seja grosseiro. Isso aqui é uma família. Nós nos comunicamos uns com os outros. Responda à sua mãe.

FRANK

(revira os olhos)

Não sei o que vou fazer depois da escola. Com certeza não vai ser jogar no computador, isso é óbvio.

MÃE

Bom, quero que você arrume as suas camisetas. Não sei o que acontece com elas. Chris, podemos fazer a mesma coisa com as suas.

O pai está trabalhando pelo BlackBerry.

MÃE

CHRIS? CHRIS?

Ele está concentrado demais para ouvi-la.

FRANK

Pai? Família? Comunicação? Família?

O menino sacode a mão na frente do rosto do pai, que finalmente olha para cima, piscando para Frank.

PAI

Não, você NÃO PODE sair hoje. Está de castigo, mocinho.

Olhando para os rostos inalterados, compreende que entendeu errado.

PAI

Digo... Coloque a louça na máquina.

(tenta outra vez)

Digo, coloque a roupa suja no cesto certo.

(desiste)

O que a sua mãe mandar.

Na noite seguinte, Frank surge à porta do escritório e diz, indo direto ao ponto:

— Vou trazer o Linus aqui para dar oi.

— Certo — digo, tentando parecer relaxada e casual. — OK.

Relaxada e casual? Que piada. Meu corpo inteiro já está tenso. A respiração começa a se acelerar. O pânico está subindo e me envolvendo. Estou perdendo o controle. Ouço a voz da Dra. Sarah ao tentar invocar a lembrança de sua presença tranquilizadora.

*Permita que os sentimentos estejam lá.*

*Reconheça a força do cérebro reptiliano.*

*Dê tranquilidade ao cérebro reptiliano.*

A droga do meu cérebro reptiliano.

O problema com cérebros, coisa que talvez você não saiba, é que não são apenas uma bolota de geleia. São todos divididos em segmentos, e alguns são ótimos, enquanto outros, apenas um desperdício de espaço. Em minha humilde opinião.

Então, a parte sem a qual eu ficaria muito bem é o cérebro reptiliano. Ou a “amígdala”, como chamam nos livros. Sempre que congelamos, é o cérebro reptiliano tomando o controle. Tem esse nome porque sempre o tivemos, mesmo quando não passávamos de répteis, aparentemente. Tipo, é pré-histórico. E é muito difícil de ser domado. Assim, OK, todas as partes do cérebro são difíceis de domar, mas esta em particular é a pior. Basicamente dá ordens ao corpo inteiro por meio de sinais químicos e elétricos. Não espera comprovação nem pensa, tudo o que possui são instintos. Nosso cérebro reptiliano é *totalmente* irracional e irrazoável; tudo o que quer é nos proteger. Lutar, fugir, congelar.

Portanto, posso racionalmente dizer a mim mesma que falar com Linus em um mesmo cômodo e tal não será nada de mais. Não há por que se preocupar. Qual é o problema? É uma conversa. O que pode haver de tão perigoso em uma conversa?

Meu cérebro reptiliano estúpido, no entanto, fica todo *Alerta vermelho! Perigo! Fuja! Pânico! Pânico!* E fala bem alto e é bem convincente. E meu corpo tende a ouvir *o cérebro*, não a mim. Isso que é um saco.

Todos os meus músculos estão tensionados. Os olhos não param de se mover em todas as direções por medo. Se você me visse agora, acharia que há um dragão na sala. Meu cérebro reptiliano está em frenesi. E ainda que eu repita para mim mesma desesperadamente para *ignorá-lo*, é meio difícil quando se tem um réptil pré-histórico martelando dentro da cabeça, gritando: *corra!*

— Este aqui é o Linus. — A voz de Frank se sobrepõe aos meus pensamentos. — Vou deixar vocês dois sozinhos.

E, antes que eu possa escapar, lá está ele, à porta. Os mesmos cabelos castanhos, o mesmo sorriso fácil. Sinto uma sensação de irrealidade. Tudo o que escuto é o cérebro comandando: *Não corra, não corra, não corra.*

— Oi — cumprimenta ele.

— Oi — consigo responder.

A ideia de o encarar ou sequer olhar é impossível, portanto viro o rosto. Imediatamente. Fito o canto do cômodo.

— Tudo bem com você? — Linus dá alguns passos para dentro do escritório, em seguida para.

— Tudo bem.

— Não parece — arrisca.

— Certo. Bom, acontece.

Faço uma pausa, tentando pensar em uma explicação que não envolva as palavras *esquisita* ou *doida*.

— Às vezes recebo uma carga muito grande de adrenalina no corpo — digo, enfim. — É só, tipo, uma parada que me dá. Respiro rápido demais, essas coisas.

— Ah, OK. — Sinto que está fazendo que sim com a cabeça, mas obviamente não consigo *olhar* para ele, de modo que não tenho como ter certeza.

Simplesmente continuar sentada aqui, sem correr para longe, já é como participar de um rodeio. É um esforço monumental. Minhas mãos se retorcem, fechando-se. Tenho um desejo louco e doloroso de agarrar minha camiseta e começar a rasgá-la, mas prometi à Dra. Sarah que iria *parar* de fazer isso. Por isso, não vou dilacerar a blusa. Muito embora fosse me deixar bastante aliviada; muito embora meus dedos estejam suplicando por um lugar seguro.

— Deviam ensinar essas coisas na aula de biologia — comenta o menino. — É bem mais interessante do que o ciclo de vida de uma ameoba. Posso sentar? — acrescenta, um pouco sem jeito.

— Claro.

Ele se equilibra na ponta do sofá, e — não consigo evitar — me afasto.

— Isso tem a ver com tudo o que... Aconteceu?

— Um pouco. — Assinto. — Então está sabendo.

— Ouvi umas coisas. Você sabe. Todo mundo estava comentando.

Uma sensação de náusea se avulta dentro de mim. Quantas vezes a Dra. Sarah já não me disse “Audrey, as pessoas não estão falando sobre você”? Bom, estava errada.

— A Freya Hill foi para a escola da minha prima — continua ele. — Não sei o que aconteceu com a Izzy Lawton nem com a Tasha Collins.

Encolho-me à menção dos nomes.

— Não estou muito a fim de falar sobre isso.

— Ah. OK. É justo. — Hesita, depois diz: — Então, você costuma usar óculos escuros com frequência.

— É.

Ficamos em silêncio, e sei que Linus espera que eu o quebre.

E, pensando bem, por que *não* dizer a ele? Se não o fizer, Frank provavelmente fará.

— Acho difícil fazer contato visual — admito. — Até com a minha família. É muito... Sei lá. É demais.

— Certo. — Ele digere o que disse por um tempo. — Consegue fazer algum tipo de contato? Usa e-mail?

— Não. — Impeço um retraimento. — Não uso e-mail no momento.

— Mas manda bilhetes.

— É. Mando.

Silêncio outra vez. Em seguida, um pedaço de papel surge ao meu lado, no sofá. Há uma palavra escrita:

Oi.

Sorrio ao pegar uma caneta.

Oi.

Escrevo e o passo pela almofada. No minuto seguinte, a folha reaparece, e estamos em um diálogo que vai e volta, tudo no papel.

Isso é mais fácil do que conversar?

Um pouco.

Desculpa ter falado dos óculos. Assunto delicado.

Tudo bem.



Lembro como eram os seus olhos de antes.

Antes?

Vim aqui uma vez falar com o Frank.

Notei seus olhos.

São azuis, não são?

Não posso acreditar que ele prestou atenção à cor dos meus olhos.

Isso. Boa memória.

Sinto muito por você estar passando por tudo isso.

Também sinto.

Não vai ser para sempre. Vai ficar no escuro pelo tempo que precisar, então vai sair.

Encaro o que está escrito, um pouco aturdida. Ele parece ter tanta certeza.

Você acha?

A minha tia planta um tipo especial de ruibarbo em ambientes onde não tem claridade nenhuma. Deixam o lugar escuro e quente o inverno inteiro, aí fazem a colheita à luz de velas, e é o melhor ruibarbo que existe. Ela vende por uma fortuna, aliás.

Então quer dizer que sou um ruibarbo?

Por que não? Se ruibarbo precisa de um tempo no escuro, talvez você também precise.

Eu sou um RUIBARBO?!

Há uma longa pausa. Em seguida, o papel surge sob meu nariz. Vejo um desenho de um talo de ruibarbo usando óculos escuros. Não consigo deixar de bufar uma risada.

— Então, melhor eu ir. — Ele levanta-se.

— OK. Foi legal... sabe. Conversar.

— Também achei. Bom, tchau então. Até mais.

Aceno, o rosto virado resolutamente para longe, desejando com ardor poder encará-lo, dizendo a mim mesma para fazê-lo — mas sem virar.

Falam de “linguagem corporal”, como se fosse igual para todo mundo. Contudo, cada um tem seu dialeto próprio. Para mim, neste instante, por exemplo, girar o corpo para o outro lado e encarar rigidamente um cantinho da sala é o mesmo que dizer “gosto de você”. Pois não fugi nem me tranquei no banheiro.

Espero apenas que ele se dê conta disso.

Na sessão seguinte de terapia, a Dra. Sarah assiste ao meu documentário ainda inacabado, tomando notas.

Mamãe veio também, como faz de vez em quando, e não para de fazer comentários:

— Gente, QUE roupa é essa que estou vestindo... Dra. Sarah, por favor, não pense que a nossa cozinha é sempre essa bagunça... Audrey, por que você foi filmar o lixo orgânico, pelo amor de Deus...

— Até a Dra. Sarah educadamente a pedir para calar a boca. Ao fim da exibição, a médica se recosta na cadeira e sorri para mim.

— Gostei. Foi uma boa mosquinha na parede, Audrey. Agora quero que a mosquinha comece a voar por aí. Entreviste a sua família. Quem sabe até alguém de fora também. Force um pouco os seus limites.

Às palavras *alguém de fora*, me encolho.

— Como assim, alguém de fora?

— Qualquer pessoa. O leiteiro. Ou alguma das suas antigas amigas de colégio? — Faz a sugestão muito casualmente, como se não soubesse que “minhas antigas amigas de colégio” são um assunto delicado. Primeiro, que “antigas amigas de colégio”? Já não tinha tantas assim, para começo de conversa, e não as vejo desde que saí de Stokeland.

Natalie era minha melhor amiga. Escreveu-me uma carta depois que saí da escola, e sua mãe mandou flores, e sei que ligam para mamãe de vez em quando. Só que não consigo responder. Não consigo me encontrar com ela. Não consigo encará-la. E não ajuda nem um pouco o fato de que mamãe meio que culpa Natalie pelo acontecido. Ou ao menos pensa que é “culpável” por “não ter agido antes”. O que é muito injusto. Nada disso foi culpa de Natalie.

Quer dizer, sim, ela poderia ter falado algo. Assim, os professores poderiam ter acreditado em mim mais cedo. Mas quer saber? A Natalie estava paralisada pelo estresse. E entendo isso agora. Entendo de verdade.

— Vai fazer isso então, Audrey? — A Dra. Sarah tem esse dom de pressionar as pessoas até concordarem em fazer algo e escreve a tarefa em um papel como um dever de casa, assim você não pode fingir que ela não existe.

— Vou tentar.

— Ótimo! Precisa começar a abrir os horizontes. Quando sofremos de ansiedade prolongada, tendemos a ficar autocentrados, obcecados conosco. Não estou falando de uma maneira pejorativa — acrescenta ela. — É simplesmente um fato. Você acredita que o mundo inteiro só pensa em você. Acredita que o mundo a está julgando e falando sobre você.

— *Estão* falando sobre mim. — Agarro a oportunidade que se apresenta para comprovar que a médica está errada. — O Linus mesmo disse que estavam. Pronto.

Ela suspende o rosto das anotações, lançando-me aquele seu olhar agradável e calmo.

— Quem é Linus?

— Um garoto. Amigo do meu irmão.

A Dra. Sarah volta a encarar as notas.

— Foi o Linus quem foi à sua casa antes? Quando você teve aquelas dificuldades?

— Isso. Quer dizer, ele é legal, na verdade. A gente conversou.

Sinto um rubor subir e se instalar em meu rosto. Se a Dra. Sarah nota, não faz comentário algum a respeito.

— É um viciado em jogo de computador, que nem o Frank — intromete-se mamãe. — Dra. Sarah, *o que* é que faço com meu filho? Digo, devia trazê-lo aqui para conversar? O que é normal?

— Sugiro que nos concentremos na Audrey hoje — responde ela. — Sinta-se à vontade para me consultar em outro momento a respeito do Frank se achar que vai ajudar. Vamos voltar à sua

questão, Audrey. — Sorri para mim, despachando mamãe com sucesso.

Posso ver que minha mãe está com raiva e sei que vai falar mal da médica no carro a caminho de casa. As duas têm uma relação estranha. Mamãe a adora, como todos nós, mas acho que se ressentiu dela também. Acho que está secretamente à espera do momento em que a médica dirá: “bom, Audrey, evidentemente é tudo culpa dos seus pais”.

O que, obviamente, a Dra. Sarah jamais disse. E jamais dirá.

— A verdade, Audrey — continua ela —, é que as pessoas provavelmente vão falar de você durante uma fração do tempo. Tenho certeza de que meus pacientes falam sobre mim, e tenho certeza de que nem sempre são elogios. Mas vão ficar entediados e passar para outro assunto. Acredita em mim quando digo isso?

— Não — respondo com sinceridade, e ela assente.

— Quanto mais você interagir com o mundo, mais será capaz de se desligar dessas preocupações. Verá que são infundadas. Verá que o mundo é um lugar muito movimentado e variado, e que a maioria das pessoas tem a capacidade de atenção de um mosquito. Já se esqueceram do que aconteceu. Não pensam a respeito. Devem ter acontecido mais cinco outras sensações desde o seu incidente. Não é?

Dou de ombros com relutância.

— Mas é difícil de acreditar nisso porque está presa em seu próprio mundinho. E, por essa razão, gostaria que começasse a sair de casa.

— O quê? — Levanto o rosto, horrorizada. — Para ir aonde?

— Até a rua principal?

— Não. Não dá.

Meu peito começou a subir e descer só de considerar a ideia, mas a Dra. Sarah ignora.

— Conversamos a respeito da terapia de exposição. Pode começar com uma saidinha rápida. De um minuto ou dois. Mas gradualmente terá que se expor ao mundo, Audrey. Ou corre o risco de realmente ficar presa.

— Mas... — Engulo em seco, incapaz de falar adequadamente. — Mas...

Vejo pontos negros diante dos olhos. O consultório sempre foi um lugar seguro, mas agora tenho a sensação de estar sendo atirada na fogueira.

— Aquelas garotas podem estar em qualquer lugar — argumenta mamãe, pegando minha mão protetoramente. — E se ela esbarrar com alguma delas? Duas ainda continuam na escola ali perto, sabe. Digo, é um absurdo. Deviam ter sido expulsas para bem longe. E quando digo longe, quero dizer longe *mesmo*.

— Sei que é difícil. — A terapeuta concentra-se unicamente em mim. — Não estou sugerindo que vá sozinha. Mas acho que está na hora, Audrey. Acho que pode fazer isso. Chame de Projeto Starbucks.

Starbucks? Ela está me *zoando*?

Lágrimas começaram a marejar de meus olhos. Meu sangue pulsa em pânico. Não posso ir ao Starbucks. *Não posso*.

— É uma menina corajosa e forte, Audrey — garante a Dra. Sarah, como se lesse meus pensamentos, e me passa um lenço de papel. — Precisa começar a se esforçar para ultrapassar os seus limites. Sim, você pode.

Não, não posso.



No dia seguinte, passo doze horas inteiras na cama. Apenas a ideia de ir ao Starbucks me fez escorregar por um túnel de medo e cair em um lugar escuro e sombrio. Até o ar parece abrasivo. Qualquer ruído me deixa retraída. Não consigo abrir os olhos.

Mamãe me traz sopa e se senta na cama, acariciando minha mão.

— É muito cedo — diz ela. — Cedo demais. Esses médicos querem fazer tudo correndo. Você vai chegar lá no seu tempo.

*Meu tempo*, penso depois que vai embora. O que é isso? Qual é o tempo da Audrey? Neste exato momento, tenho a sensação de que é um pêndulo em câmera lenta. Arrasta-se para a frente e para trás, para a frente e para trás, mas o relógio não tiquetaqueia. Não estou chegando a lugar algum.

Então se passaram três dias, a escuridão se desfez, e já estou fora da cama, brigando com Frank.

— Aquele era o *meu* cereal. Sou eu quem sempre come Shreddies. Você sabe disso.

— Não come coisa nenhuma — rebato, para ser irritante. — Às vezes você come panqueca.

Frank está com cara de quem vai entrar em combustão espontânea.

— Como panqueca *quando a mamãe faz panqueca*. Quando não é o caso, como cereal. Todos os dias no café pelos últimos cinco anos. Dez anos. E você vai e simplesmente acaba com a caixa.

— Come muesli.

— *Muesli?* — Parece tão horrorizado pela ideia, que quero rir. — Tipo com passas e aquela merda toda?

— É saudável.

— Você nem gosta de Shreddies — diz em tom de acusação. — Gosta? Só pegou para me irritar.

— É OK. — Dou de ombros. — Não é tão bom quanto muesli.

— Desisto. — Frank apoia a cabeça nas mãos. — Você simplesmente *quer* acabar com a minha vida. — Lançando um olhar sombrio a mim, conclui: — Preferia quando estava enfiada na cama.

— Bom, preferia quando você estava plugado no computador — retruco. — Era muito menos chato quando ninguém te via pela casa.

— Frank! — Quando mamãe irrompe na cozinha, com Felix nos braços, apoiado na lateral do corpo, fica chocada ao vê-lo caído na mesa. — Querido. Está tudo bem?

— Shreddies! — grita Felix no momento em que vê minha tigela. — Quero Shreddies! Por favor — acrescenta com doçura enquanto desliza do colo de mamãe. — Por favor, dá.



— Toma. — Passo-lhe a tigela. — Era só pedir com educação — informo a Frank. — Tenta aprender alguma coisa com o seu irmão.

Frank não move um músculo. Mamãe se aproxima, puxando-o.

— Frank? Querido? Está me ouvindo?

— Está tudo bem. — Finalmente levanta a cabeça, com aparência adoentada e pálida. — Estou cansado.

Reparo nele neste instante e percebo que está mesmo com grandes olheiras negras sob os olhos.

— Acho que exagerei esses dias — diz ele com fraqueza. — Nos deveres e tal.

— Tem dormido bem? — Mamãe o observa com ansiedade. — Vocês, adolescentes, têm que dormir direito. Devia descansar 14 horas por noite.

— *Quatorze horas?* — Nós dois a fitamos.

— Mãe, nem os comatosos dormem 14 horas por noite — argumenta Frank.

— Dez horas, então — conserta ela. — Algum número do tipo. Vou pesquisar. Está tomando as vitaminas?

Começa a tirar frascos aleatoriamente do armário. TeenVit, KidVit, Well Woman, Osteocare... Tipo, é uma piada. Ninguém toma nada daquilo.

— Aqui. — Mamãe deixa cerca de dez cápsulas na frente de Frank e outro punhado na minha. — Felix, amorzinho, vem aqui tomar um pouquinho de magnésio.

— Não quero nézio! — grita ele e se esconde sob a mesa. — Não quero nézio! — repete, cobrindo a boca com a mão.

— Ah, por favor. — Mamãe engole a pílula ela mesma e borrifa um jato de algo chamado de Aperfeiçoador de Pele, que está largado no armário da cozinha pelos últimos três anos, com certeza.

— Precisa tomar um pouco de ferro — acrescenta ela para Frank.  
— E dormir cedo. Separei um filme para hoje à noite; podemos todos assistir e depois ir para a cama.

— Tem cara de ser um programa superdivertido — ironiza o menino, olhando sem expressão para o nada.

— É um clássico — explica mamãe. — Dickens.

— Dickens. Está certo. — Frank dá de ombros, como se dissesse “*Quem se importa?*”.

— Ao menos conseguimos te tirar de cima daqueles malditos jogos de computador! — diz mamãe, com um tom um pouco radiante demais. — Serve para mostrar que não *precisa* jogar, não é? Digo, mal notou a falta deles, notou?

— Mal notei? — Ele finalmente levanta o olhar para encontrar o dela. — Mal notei? Está de brincadeira? *Mal notei?*

— Bom, não é como se estivesse contando os dias até...

Mamãe para abruptamente quando Frank puxa a manga da camisa e revela um relógio digital de pulso.

— Faltam 61 horas, 34 minutos, 27 segundos até esse castigo acabar — diz ele, sem alterar o tom. — Não sou só eu quem está contando os dias, todos os meus amigos estão também. Então, mãe, sim, eu “notei”.

Frank pode ser muito sarcástico quando quer, e vejo duas pequenas manchas vermelhas surgirem nas bochechas de mamãe.

— Bom, não importa! — explode ela. — Hoje vamos assistir a *Grandes Esperanças*, como uma família, e, acredite ou não, Frank, vai se surpreender. Vocês, crianças, acham que sabem de tudo, mas Dickens foi um dos maiores contadores de história que já existiu, e vocês vão ficar pasmos com o filme.

Quando mamãe sai da cozinha, Frank se joga ainda mais sobre a mesa.

— Você tem tanta sorte — diz, sem direcionar a fala. — Não tem ninguém enchendo o seu saco. Pode fazer a porcaria que quiser.

— Não posso fazer a porcaria que quiser! — retruco na defensiva. — Tenho que filmar esse documentário o tempo inteiro. E agora tenho a missão de ir ao Starbucks.

— Por que ao Starbucks?

— Sei lá. Terapia do Starbucks. O que for.

— Sei. — Frank parece monumentalmente desinteressado. De repente, no entanto, empertiga-se na cadeira. — Ei. Pode falar para a sua terapeuta que vai estar curada se for à Convenção Internacional de Jogos em Tóquio e que precisa levar o seu irmão com você?

— Não.

— Phhhmph. — Frank cai sobre a mesa outra vez. Mamãe tem razão, ele parece estar acabado.

— Pode ficar com isso. — Dou-lhe os poucos pedaços e migalhas remanescentes do cereal, que Felix abandonou.

— Ah, é. Shreddies empapados, passados para a frente duas vezes, cobertos de baba do Felix. Valeu, Audrey. — Frank me lança seu olhar letal.

Um momento depois, pega a colher e começa a engolir o conteúdo da tigela.

## MINHA SERENA E AMOROSA FAMÍLIA – TRANSCRIÇÃO DO FILME

INT. ROSEWOOD CLOSE, N. 5. DIA

A câmera faz uma panorâmica ao redor da sala de estar, que está semiescura. A MÃE olha extasiada para a TV. O PAI mexe no BlackBerry disfarçadamente. FRANK encara o teto.

Música vem da televisão. A câmera foca na tela. Letras em preto e branco dizem "FIM".

MÃE

Pronto! Não foi ótimo? Não é a história mais envolvente que já viram?

FRANK

É bonzinho.

MÃE

"Bonzinho"? Querido, aquilo é DICKENS.

FRANK

(pacientemente)

É. É Dickens e é bonzinho.

MÃE

Bom, é melhor do que aqueles seus jogos vazios, tem que admitir.

FRANK

Não é, não.

MÃE

Claro que é.

FRANK

Não é.

MÃE

(explode)

Está me dizendo que os seus jogos ridículos podem competir com uma história de Dickens? Ora, é só olhar para as personagens. Para Magwitch! Magwitch é único.

FRANK

(nada impressionado)

É, tem um personagem tipo o Magwitch em LoC também. Só que, tipo, tem uma história melhor do que essa do Dickens. Também é um condenado, mas pode ajudar qualquer competidor.

AUDREY (VOICE-OVER)

Pode transferir poderes.

FRANK

Só que o competidor tem que assumir um dos crimes dele e pagar a pena...

AUDREY (V.O.)

Exato. Aí você tem que escolher que estruturas de poder usar. E...

FRANK

Cala a boca, Aud. Sou eu quem está explicando. Só que você não sabe que pena vai receber até eles fazerem a escolha. Então é tipo uma aposta, só que, quanto mais você joga, mais poderes pode usar. É incrível.

A MÃE olha de Frank para Audrey repetidamente, em assombro total.

MÃE

OK, não faz sentido nenhum para mim. Nenhum. Que estruturas de poder? O que é isso?

FRANK

Se jogasse, ia descobrir.

AUDREY (V.O.)

O Magwitch é mesmo um personagem incrível.

MÃE

Exato! Obrigada.

Há uma pausa breve.

MÃE

O Magwitch de Dickens ou de LoC?

AUDREY (V.O.)

O de LoC, claro.

FRANK

É que o do Dickens é um pouco...

MÃE

(com rispidez)

O quê? O que tem de errado com o Magwitch de Dickens? O que poderia ter de errado com um dos maiores personagens literários do nosso tempo?

FRANK

Ele é menos interessante.

AUDREY (V.O.)

Exato.

FRANK

Não tem complexidade.

AUDREY (V.O.)

Tipo, ele não FAZ nada.

FRANK

(gentilmente)

Sem querer ofender. Tenho certeza de que o Dickens era um cara superlegal.

MÃE  
(para o PAI)

Está ouvindo isso?

Mamãe está brigada conosco desde a Desventura Dickens. Obrigou-nos a arrumar nossos quartos hoje, o que raramente acontece, e acabou encontrando um cheeseburger no quarto de Frank, o que fez tudo ir pelos ares.

Não estou falando da caixa de hambúrguer; era o sanduíche de verdade. Frank tinha dado umas duas mordidas nele, colocou-o de volta na caixa e deixou no chão, tipo, semanas atrás. Ficou soterrado sob uma pilha de equipamentos de esporte. O mais estranho é que nem chegou a mofar. Meio que fossilizou. Foi bem nojento.

Mamãe começou o maior discurso sobre ratos e pragas e higiene, mas Frank sacudiu a mão, dispensando-a, e disse:

— Tenho que ir, mãe. O Linus vai tocar a campainha daqui a, tipo, um minuto. Você sempre diz que temos que ser educados com as visitas e recebê-las na porta. — Ele marchou escada abaixo, e senti o estômago revirar-se.

Linus outra vez. Não achei que o veria com frequência durante o período em que Frank estava proibido de usar computadores.

Mamãe obviamente tinha a mesma impressão, pois pareceu um pouco contrariada e disse do andar de cima:

— Ele sabe que você não pode nem chegar perto do computador, não sabe? — Ao que Frank respondeu com impaciência:

— Claro que sabe. — E acrescentou ao chegar ao hall: — Mas o Linus pode jogar enquanto estiver aqui, não pode?

A expressão de mamãe era de estupefação. Abriu a boca, mas nada saiu. No instante seguinte, foi até o próprio quarto, dizendo:

— Chris? Chris, o que acha disso?

Isso tudo aconteceu há cerca de 10 minutos. Sei que Linus está aqui, pois o ouvi chegando poucos minutos atrás. Foi direto para a sala de jogos com Frank, e creio que ligaram *LoC* imediatamente. No meio-tempo, pude ouvir mamãe e papai discutindo no quarto.



— É o princípio! — Mamãe continuava a repetir. — Ele tem que aprender!

Acho que papai estava usando o argumento “são apenas crianças, é inofensivo” enquanto mamãe rebatia com “essas telas são malignas e estão corrompendo meu filho”, e os dois não conseguiam chegar a um acordo. Por isso, depois de um tempo, fiquei entediada com a conversa. Fui para o escritório e cá estou agora, esperando.

Não, esperando, não.

Bom, esperando mais ou menos.

Ligo a televisão em um episódio antigo de *How I Met Your Mother* e tento não calcular quanto tempo demora uma batalha de *LoC* nem conjecturar se Linus virá dar “oi” quando terminar. Apenas a ideia me deixa com o corpo formigando. De uma boa maneira. Acho.

Tipo, não que ele *precise* vir dar “oi”. É provavelmente a última coisa que quer fazer. Por que ia querer?

Só que foi ele mesmo quem disse “até mais”. Por que diria “até mais” se planejava me ignorar pelo resto da vida?

Minhas mãos estão retorcidas, e tento deixá-las relaxadas. Ele não vem. Veio aqui para jogar com Frank, não conversar comigo. Tenho que parar de pensar nisso. Aumento o volume de *How I Met Your Mother* e também começo a folhear a revista *Close*, então Felix vem marchando em direção ao sofá.

— Esse papel de bolso é para *você!* — anuncia e empurra uma folha A4 para mim.

Oi, Ruibarbo.

Há um desenho do talo de óculos outra vez, e sinto minha boca se curvar em um sorriso.

Oi, Gomo de Laranja.

Desenho terrivelmente mal, mas de alguma maneira consigo fazer a forma de um rosto com cabelos e um gomo de laranja fazendo as vezes de boca. Despacho Felix com o papel e espero.

Momentos depois, ouço meus pais descendo as escadas e algum quiproquó vindo da sala de jogos.

— Não tem nem como DISCUTIR com você! — A voz de Frank ecoa subitamente pela casa.

— POR FAVOR, NÃO GRITE COMIGO NA FRENTE DOS SEUS AMIGOS! — berra mamãe em resposta.

Instintivamente levo as mãos às orelhas e me pergunto se devo fugir para o meu quarto, quando ouço um ruído à porta. Olho para cima — e é ele. Linus.

Antes mesmo de perceber, já me joguei para o canto mais afastado do sofá.

Cérebro reptiliano idiota e burro.

Encaro fixamente a parede, murmurando:

— Oi.

— Oi, Ruibarbo. Então, me explica que negócio é esse de “gomo de laranja”?

— Ah. — Não posso deixar de dar um sorriso diminuto, e minhas mãos relaxam um pouquinho de nada. — Acho que o seu sorriso lembra um gomo de laranja.

— Minha mãe diz que é tipo uma lua crescente.

— Olha aí, então.

Ele entra um pouco mais na sala. Não olho em sua direção, mas meu radar está em alerta total. Se você passa a maior parte do tempo sem encarar as pessoas, acaba sabendo o que estão fazendo sem precisar necessariamente as ver.

— Então... Não está jogando? — Minha voz sai um pouco rouca.

— A sua mãe me expulsou. Ficou um pouco irritada. O Frank estava me ajudando no jogo, e ela começou a falar que ele está de castigo, o que inclui olhar os amigos jogando e dizer a eles o que fazer.

— Entendi. — Assinto. — Posso imaginar. Os seus pais também ficam estressados assim com jogos de computador?

— Não muito — responde. — Ficam mais estressados com a minha vó, que mora com a gente e é maluca de verdade. Quer dizer...

Linus para de falar de súbito, e um silêncio desconfortável se instala. Demoro uns 3 segundos para me dar conta do porquê.

É o que ele acha que sou. A ficha cai com um baque terrível, e o pensamento é seguido por: é claro que acha.

O silêncio fica pior. Posso sentir a palavra *maluca* flutuando pelo ar, como aquelas no programa de vocabulário de francês de Frank.

*Maluca.*

*Fou.*

Aprendi isso na aula de francês, antes de sair da escola. *Folie*. Significa loucura também, não é? Só que soa como uma forma chique de maluquice. Uma maluca com estilo Breton, de blusa listrada azul-marinho e branca e batom vermelho.

— Foi mal — diz Linus.

— Tudo certo — respondo, quase agressivamente. — Você não disse nada.

O que é verdade. Não disse coisa alguma. Parou no meio da frase.

Acontece que parar no meio é a pior coisa que as pessoas podem fazer. É, tipo, um comportamento totalmente passivo-agressivo, pois não se pode rebater ou reclamar do que foi dito. Tudo o que se pode fazer é rebater o que se *acha que estavam para dizer*.

E depois as pessoas negam.

A Rainha das Paradas no Meio de Frase é a mãe. Tipo, é uma expert. Seguem alguns exemplos recentes, em nenhuma ordem em particular:

1.

MÃE: Bom, acho de verdade que a sua suposta amiga Natalie poderia ter...

*Parada no Meio de Frase.*

EU: O quê? Impedido que tudo acontecesse? Então é culpa dela? Podemos jogar tudo nas costas da Natalie Dexter?

MÃE: Não exagera, Audrey. Não era *isso* que ia dizer.

2.

MÃE: Comprei um sabonete facial para você. Olha, é especialmente formulado para pele adolescente.

EU (lendo o rótulo): Para peles problemáticas com tendência acneica. Acha que tenho uma pele problemática?

MÃE: Claro que não, querida. Mas tem que admitir que às vezes fica um pouco...

*Parada no Meio de Frase.*

EU: O quê? Horrível? Nojenta? Tipo, devia andar por aí com um saco enfiado na cabeça?

MÃE: Não exagera, Audrey. Não era *isso* que ia dizer.

Enfim, dá para notar que estou bem familiarizada com a Parada no Meio de Frase. E Linus parou totalmente no meio do que estava para dizer, e sei o que vinha em seguida. Estava prestes a dizer: *Ela é maluca que nem você.*

Ele sente repulsa por mim. Eu sabia. Só veio até aqui porque acha que é uma espécie de show de entretenimento, tipo um circo de aberrações. *A garota de óculos escuros — venham, venham, vejam-na encolher-se toda no cantinho!*

O silêncio se prolonga e se prolonga, e alguém precisa quebrá-lo, por isso digo com firmeza:

— Tudo bem. Sou maluca. Tranquilo.

— Não! — Linus parece genuinamente chocado. Chocado, constrangido, desconcertado. Até meio que mortificado. Como se não pudesse acreditar que eu falaria algo assim (estou presumindo isso tudo de apenas uma sílaba, veja bem).

— Você não é nada igual à minha vó — acrescenta e deixa escapar essa risada curta, como se estivesse se divertindo com uma piada particular. — Se a conhecesse, ia entender.

A voz dele é fácil de ouvir. Não é como a de Frank, que parece um aríete pesado e grosseiro na maior parte do tempo. Ele ri outra vez, e sinto essa sensação de alívio passar por mim como uma brisa. Se consegue rir, quer dizer que não sente repulsa, certo?

— Então, acho que não vou voltar aqui até o Frank sair do castigo.

— É.

— A sua mãe acha que sou uma má influência.

— Minha mãe acha que *tudo* é má influência. — Reviro os olhos, ainda que ele não possa ver.

— Quer dizer que você não sai de casa nunca, é isso mesmo?

Linus não parou no meio da frase, mas ainda assim o ar na sala parece um pouco incômodo. Ao menos o ar ao meu redor. *Não sai de casa nunca*. Sinto o impulso urgente de me encolher em posição fetal e fechar os olhos.

— É. Não saio.

— Sei.

— Quer dizer, era para eu ir ao Starbucks.

— Maneiro. Quando você vai?

— Não vou — respondi com aspereza, mesmo sem intenção. — É que... Não consigo.

Outro silêncio. Afastei-me ainda mais. Posso sentir as perguntas revolvendo no vazio como se fossem palavras de vocabulário: *Por quê? Como assim? O que está acontecendo?*

— Era para ser, tipo, terapia de exposição — comento de um fôlego deplorável só. — Tipo, você faz um pouquinho de cada vez. Mas o Starbucks não é um pouquinho. É monumental. Não dá para mim. Então...

A cada revelação, presumo que vá virar as costas e sair. Contudo, continua aqui.

— É tipo alergia — conclui ele, com tom fascinado. — Como se você fosse alérgica ao Starbucks.

— Acho que sim. — Esta conversa começa a esgotar meu cérebro. Aperto uma almofada contra o corpo em busca de alento e conforto; os tendões estão visíveis em minhas mãos.

— Então você é alérgica a contato visual.

— Sou alérgica a qualquer contato.

— Não é, não — rebate Linus sem titubear. — Não é alérgica a contato *cerebral*. Tipo, você escreve mensagens. Fala. Ainda quer conversar com as pessoas, só não consegue. Ou seja, é o seu corpo que precisa alcançar o cérebro.

Fico muda por um momento. Ninguém jamais explicou a situação daquela forma.

— Acho que sim — digo, enfim.

— O que acha de contato de pé?

— O quê?

— Contato de pé!

— O que é *isso*? — Teria rido, mas meu cérebro reptiliano idiota desativou a opção "riso" por ora. Estou paralisada demais pela tensão.

Tenho um crédito enorme de risadas que me são devidas. Às vezes espero que esteja acumulando uma pilha de risadas não dadas, que vão entrar em erupção e explodir em uma crise de riso gigante com duração de 24 horas quando me recuperar.

Enquanto isso, Linus senta-se no sofá, na extremidade oposta à minha. Pela visão periférica, consigo vê-lo estender um tênis sujo.

— Vamos — diz, encorajando-me. — Contato de pé. Vamos lá.

Não consigo me mover. Sou um porco-espinho todo enrolado em si mesmo. Não quero saber.

— Você consegue mexer o pé — garante ele. — Não tem que olhar. É só esticar.

Ele é persistente. Não posso acreditar que isso está acontecendo. Meu cérebro reptiliano não está gostando *nadinha* da história. Está me ordenando: *mergulhe para baixo do lençol. Esconda-se. Corra. Qualquer coisa.*

*Se eu não reagir, digo a mim mesma, talvez ele desista, e vamos poder esquecer tudo.*

No entanto, os segundos se passam, e ele não vai a lugar algum.

— Anda — insiste, me incentivando. — Aposto que consegue.

E agora ouço a voz da Dra. Sarah em minha cabeça: *precisa começar a se esforçar para ultrapassar os seus limites.*

Gradualmente, arrasto o pé pelo tapete, até a ponta de borracha do meu tênis tocar a ponta de borracha do dele. O restante do meu corpo ainda está virado para o outro lado. Encaro fixamente o tecido do sofá, meu cérebro inteiro concentrado no centímetro de pé em contato com o dele.

E, OK, sei que existem, tipo, duas camadas de borracha entre nós, sei que nada poderia ser menos erótico ou romântico ou sei lá — e, aliás, meu corpo continua firmemente virado para longe, como se não pudesse suportar vê-lo. Ainda assim, parece meio que...

Bom.

Viu como parei no meio da frase? Sei fazê-lo também. Quando não quero necessariamente revelar o pensamento *exato* em minha cabeça.

Me sinto sem fôlego, é só o que vou admitir.

— Pronto. — Ele parece satisfeito. — Viu?

Linus não parece estar sem fôlego. Seu tom é apenas interessado, como se eu tivesse provado uma teoria sobre a qual agora poderá falar com os amigos, ou escrever em seu blog, ou coisa assim. Fica de pé em um pulo e diz:

— Então, a gente se vê. — E o feitiço se quebra.

— É. A gente se vê.

— A sua mãe vai me chutar da casa daqui a um minuto. Melhor eu ir logo.

— Ahn. É.

Chego mais para a ponta do sofá, determinada a não deixar transparecer o fato de que meio que queria que ele ficasse.

— Ah. Hum — começo quando ele chega à porta. — Talvez eu possa te entrevistar para o meu documentário?

— Ah, é? — Linus faz uma pausa. — Que documentário?

— Tenho que fazer esse filme e devo entrevistar as pessoas que vêm aqui em casa, então...

— OK. Legal. Quando quiser. Vou voltar depois do... Você sabe. Quando o Frank puder jogar de novo.

— Legal.

Ele desaparece, e permaneço imóvel por um instante, me perguntando se Linus vai voltar, ou me mandar algum novo recado, ou uma mensagem por intermédio de Frank, ou qualquer coisa do tipo.

O que, claro, não acontece.



## MINHA SERENA E AMOROSA FAMÍLIA – TRANSCRIÇÃO DO FILME

INT. ROSEWOOD CLOSE, N. 5. DIA

A câmera aproxima-se da porta do escritório do PAI, que está sentado à mesa. Os olhos estão fechados. A tela mostra um automóvel da marca Alfa Romeo diferente do anterior.

AUDREY (VOICE-OVER)

Pai? Está dormindo?

O PAI dá um salto e abre os olhos.

PAI

É claro que não estou dormindo. Estou só trabalhando. Acabando uns trabalhos aqui.

Move o mouse para tirar o Alfa Romeo da tela.

AUDREY (V.O.)

Preciso entrevistar você.

PAI

Maravilha! Pode mandar.

Ele gira a cadeira a fim de encarar a câmera enquanto abre um sorriso canastrão.

PAI

A vida e as aventuras de Chris Turner, contador das celebridades.

AUDREY (V.O.)

Não é coisa nenhuma.

O pai fica na defensiva.

PAI

Certo, contador de várias firmas de médio porte, uma delas na mídia. Mas recebo ingressos para shows.

AUDREY (V.O.)

Eu sei.

PAI

E vocês conheceram aqueles participantes do The Only Way is Essex, lembra? No evento para as Crianças Carentes?

AUDREY (V.O.)

Tudo bem, pai, acho o seu trabalho legal.

PAI

Podia me perguntar sobre a época em que eu fazia remo na faculdade.

Ele casualmente flexiona um dos bíceps.

PAI

Ainda estou com a bola toda. Ou pode perguntar sobre minha banda.

AUDREY (V.O.)

Certo. É. A The... Turtles?

PAI

The Moonlit Turtles. Moonlit. Te dei o CD, lembra?

AUDREY (V.O.)

Lembro! É ótimo, pai.

O PAI tem uma ideia e aponta para a câmera, quase sem palavras de tanta empolgação.

PAI

Tenho um aqui! Precisa de uma trilha sonora para o seu filme? Posso te dar um, sem custos. Canções originais, tocadas pela Moonlit Turtles, um dos atos estudantis mais empolgantes da década de 1990!

AUDREY (V.O.)

Certo.

(pausa)

Ou eu mesma posso escolher a trilha...

PAI

Não! Querida, quero AJUDAR. Dessa forma, trabalhamos juntos. Será um projeto familiar. Vai ser divertido! Vou comprar o programa, editamos juntos, você pode escolher as suas músicas favoritas...

Ele já abriu uma playlist no computador.

PAI

Vamos escutar agora. Me diz qual é a sua música preferida – a gente coloca para tocar, fica ouvindo um pouco.

AUDREY (V.O.)

Minha música preferida de todas as que existem?

PAI

Não! A sua preferida dos Moonlit Turtles. A favorita de todas as que o seu velho toca. Com certeza tem uma, não é? Uma favorita?

Há uma pausa longa. O pai olha para câmera em grande expectativa.

PAI

Você mesma me disse que ouviu o CD várias vezes no seu iPod.

AUDREY (V.O.)

(rapidamente)

Ouvi, sim! Ouvia o tempo todo. Então. Hum. Minha favorita. Tem tantas.

(pausa)

Acho que tem que ser a... aquela bem barulhenta.

PAI

Barulhenta?

AUDREY (V.O.)

A que tem a... Hum. Bateria. É muito boa.

A câmera começa a se afastar no instante em que uma música de rock pesado retumba pelo quarto. O pai sacode a cabeça, acompanhando a batida.

PAI

Esta aqui?

AUDREY (V.O.)

Isso! Exato! É ótima. Muito boa mesmo. Pai, tenho que ir...

A câmera recua para fora da sala.

AUDREY (V.O.)

Ai, meu Deus.

Ao ir dormir naquela noite, penso no Linus. Tento me visualizar o cumprimentando à porta quando vier da próxima vez. Como os outros fazem. Pessoas normais. Tipo, sei como deveria ser o roteiro:

- Oi, Linus.
- Oi, Audrey.
- E aí, como estão as coisas?
- Tudo tranquilo.

Talvez nos cumprimentemos batendo as mãos. Talvez com um abraço. Definitivamente com um par de sorrisos.

Consigo pensar em cerca de 65 razões por que nada disso acontecerá tão cedo. Pode acontecer, no entanto, não pode? Não *pode?*

A Dra. Sarah diz que se valer de visualizações positivas é uma arma incrivelmente eficaz em meio ao nosso arsenal de guerra, e que eu deveria criar cenários de sucesso em minha mente que sejam realistas e encorajadores.

O problema é que não sei até que ponto meu cenário ideal é realista.

OK, sei, sim: nem um pouco.

No cenário ideal, não tenho um cérebro reptiliano. Tudo é fácil. Posso me comunicar como as pessoas normais. Meus cabelos são mais longos e as roupas, mais estilosas, além disso, em minha última fantasia, não era à porta que Linus estava; em vez disso, me levava para fazer um piquenique na floresta. Não tenho a menor ideia de onde surgiu *isso*.

Enfim. O castigo termina amanhã. Linus voltará a vir aqui. Depois, veremos.

Acontece que eu não tinha contado com o apocalipse que se abateria sobre nossa casa às 3:43 horas desta manhã. Sei disso porque foi a essa hora que acordei e fitei o relógio com olhos anuviados, perguntando-me se um incêndio começara. Havia um barulho alto e agudo a distância, que poderia ser um alarme ou uma sirene, então peguei meu robe jogado no chão, enfiei os pés nas pantufas peludas e pensei em pânico: *O que devo levar?*

Agarrei meu ursinho de pelúcia rosa supervelho e a fotografia que tirei com vovó antes de sua morte; já estava na metade dos degraus quando me dei conta de que o barulho não era uma sirene. Tampouco um alarme. Era mamãe. Podia ouvi-la na sala de jogos, gritando:

— O que você está FAZENDO?

Segui furtivamente para a porta e o meu corpo inteiro se acorcondou com estupefação. Frank estava sentado em frente ao computador jogando *LoC*. Às 3:43 horas.

Tipo, é óbvio que não estava jogando naquele exato segundo. Tinha pausado. Os gráficos, porém, estavam na tela e os fones, nos ouvidos, enquanto ele olhava para mamãe como se fosse uma raposa encurralada.

— O que você está FAZENDO? — berrou outra vez, depois virou-se para papai, que acabara de chegar também. — O que ele está FAZENDO? Frank, o está FAZENDO?

Os pais têm esse dom de fazer perguntas realmente idiotas e óbvias.

*Vai sair com essa saia?*

Não, meu plano é tirá-la assim que tiver saído pela porta.

*Acha isso uma boa ideia?*

Não, acho que é uma ideia horrível, por isso vou seguir em frente com ela.

*Está me escutando?*

Sua voz atingiu a marca dos 100 decibéis, não há como evitar.

— O que está FAZENDO? — continuava a gritar, e papai pousou a mão em seu braço.

— Anne — chamou ele. — Anne, meu despertador vai tocar às oito.

Grande equívoco. Mamãe virou-se para encará-lo como se *ele* fosse o vilão.

— Estou me lixando para o despertador ! É o seu *filho*, Chris! Mentindo para nós! Jogando no computador à noite! O que mais ele pode andar fazendo?

— Eu não conseguia dormir — explicou Frank. — OK? Só isso. Não consegui dormir e pensei “vou ler um livro”, mas não consegui achar nenhum, por isso pensei em... Você sabe. Relaxar.

— Há quanto tempo está acordado? — retrucou mamãe.

— Desde umas duas? — Frank a fitou com olhar suplicante. — Não estava conseguindo dormir. Acho que estou tendo insônia.

Papai bocejou, e mamãe olhou feio para ele.

— Anne — disse meu pai. — Podemos fazer isso de manhã? Não vai ajudar na insônia dele se ficarmos discutindo agora. Por favor? Cama? — pediu, bocejando novamente, os cabelos fofos e arrepiados como os de um ursinho de pelúcia. — Por favor?



Então, isso aconteceu de madrugada. E o clima não pode ser descrito como um mar de rosas hoje. Mamãe fez um interrogatório ao Frank à mesa do café da manhã, perguntando: “quantas vezes acordou no meio da noite para jogar *LoC?*” e “há quanto tempo está com insônia?” e “será que por acaso tem noção de que jogos de computador *causam* insônia?”.

Frank mal respondeu. Parecia bastante derrotado e pálido e fora do ar. Quanto mais mamãe falava de ciclo circadiano, poluição luminosa, assim como questionava por que não tomou um copo de

Ovomaltine antes de ir para cama, mais ele se escondia dentro de sua concha.

Sequer sei o que é Ovomaltine. Mamãe sempre fala disso quando o assunto é dormir. Alude à bebida como se fosse alguma espécie de poção mágica, indagando por que não a tomamos, mas nunca nem chegou a comprar, então como poderíamos?

Depois, Frank saiu para o colégio, e li *As crônicas de gelo e fogo* a manhã inteira até adormecer. À tarde, fiquei filmando pássaros no jardim — sei que não é o que a Dra. Sarah quer, mas é tranquilizador. São tão bonitinhos. Chegam, comem migalhas da casinha de passarinho e brigam uns com os outros. Talvez me torne uma fotógrafa da vida selvagem, ou cineasta, ou algo do tipo. O lado ruim é que os joelhos começam a doer de ficar agachada. E também não tenho muita certeza de quem vai querer assistir a uma hora de imagens de passarinhos comendo migalhas.

Como estou perdida em devaneios, pulo sobressaltada quando ouço um carro chegar. É cedo demais para ser o papai, então quem poderia ser? Talvez alguém tenha dado uma carona ao Frank. Acontece de vez em quando.

Talvez tenha sido Linus.

Contorno a casa furtiva e cautelosamente para olhar a entrada da garagem. Para minha surpresa, é o papai. Sai do carro de terno, com aparência um tanto transtornada. No minuto seguinte, a porta da casa se abre, e mamãe caminha para ele como se já o esperasse.

— Chris! Até que enfim.

— Vim assim que consegui um tempo livre. Mas, você sabe, tenho muita coisa para fazer ainda... Isso é mesmo necessário?

— É, sim! É uma crise, Chris. Uma crise com o nosso filho. E preciso do seu apoio!

Ai-meu-Deus. O que aconteceu?



Volto para o jardim e sigo silenciosamente para a cozinha, onde posso ouvir a conversa. Inclino o corpo para a frente, vendo-os entrar no hall.

— Levei o computador do Frank para a minha aula de Pilates — explica mamãe com expressão sinistra.

— Você fez o *quê*? — Papai parece perplexo. — Anne, sei que quer deixar o Frank longe do computador, mas isso já não é um pouco radical?

Visualizo mamãe entrando vacilante na igreja, com o laptop de Frank em mãos, e tenho que cobrir a boca com força a fim de parar de rir. Será que vai levar o aparelho para todos os cantos agora? Como um animal de estimação?

— Você não está entendendo! — retruca mamãe. — Levei para o Arjun dar uma olhada.

— Arjun? — Papai aparenta estar mais atordoado do que nunca.

— Ele é da minha turma de Pilates. É desenvolvedor de softwares que trabalha em casa. Pedi: "Arjun, pode me dizer quantas horas meu filho passou jogando na semana passada só de olhar no computador?"

— Certo. — Papai a fita com desconfiança. — E ele podia dizer?

— Ah, se podia — responde mamãe com tom sombrio e ameaçador. — Podia dizer, sim.

Há um silêncio. Vejo papai recuando instintivamente, mas não consegue escapar antes do tsunami de som o atingir.

— Todas as noites! TODAS AS NOITES! Começa às duas da manhã e desliga às seis. Dá para acreditar nisso?

— Está brincando. — Ele parece genuinamente chocado. — Tem certeza?

— Pode perguntar ao Arjun. — Ela oferece o seu celular. — Pergunta! Ele trabalha como freelancer para o Google. Sabe do que está falando.

— Certo. Não, tudo bem. Não preciso falar com o Arjun. — Papai deixa-se afundar e se senta na escada. — Meu Deus. Todas as noites?

— Ele é furtivo. Mente para nós. É um viciado! Eu sabia. *Sabia*.

— OK. Bom, já deu, está proibido de jogar pela vida inteira.

— A vida inteira. — Mamãe assente.

— Até se tornar adulto.

— Pelo menos — concorda mamãe. — Pelo menos. Sabe, a Allison, do meu clube do livro, não tem nem TV em casa. Diz que as telas são o cigarro de hoje em dia. São tóxicas, e só vamos nos dar conta do estrago que fazem quando for tarde demais.

— Certo. — Papai está um pouco desconfortável. — Mas não sei se precisamos ir tão longe assim, não é?

— Bom, talvez precisemos! — grita ela, soando estressada. — Sabe de uma coisa, Chris, talvez tenhamos feito tudo errado! Talvez seja necessário voltar ao princípio. Aos jogos de carta. Passeios em família. Debates.

— Ahn... OK.

— Ora, os livros! O que aconteceu com os livros? Deveríamos estar fazendo isso! Lendo o que está na lista de livros premiados pelo Booker Prize! Não assistindo a todos esses programas de TV tóxicos que anestesiam a mente ou jogando esses videogames que sugam a inteligência. O que estamos fazendo, Chris? O que estamos *fazendo*?

— Com certeza. — Papai assente fervorosamente. — Não, concordo plenamente. Plenamente. — Há uma pequena pausa antes de perguntar: — Mas e *Downton*?

— Ah, bom, *Downton*. — A expressão de mamãe é de desconcerto. — Aí é diferente. Isso é... Você sabe. História.

— E *The Killing*?

Meus pais são viciados em *The Killing*. Engolem com voracidade, tipo, uns quatro episódios por dia, em seguida dizem: “mais um? Só mais unzinho?”

— Estou falando das *crianças* — conclui mamãe. — Estou falando da *geração futura*. Deviam estar lendo.

— Ah, que bom. — Papai expira com alívio. — Porque, não importa o que mais eu faça nesta vida, vou terminar de ver *The Killing*.

— Está brincando? Temos que terminar *The Killing* — concorda ela. — Bem que podíamos assistir a um episódio hoje.

— Podemos assistir a dois.

— Depois de falarmos com o Frank.

— Ai, Deus. — Papai massageia a cabeça. — Preciso de uma bebida.



A casa fica em silêncio por um tempo após isso. É a bonança antes do massacre. Felix volta da casa de um amiguinho, onde fizeram pizza, e revela uma gororoba de tomate com queijo de embrulhar o estômago, que obriga mamãe a esquentar no forno. Depois, recusa-se a comer.

Em seguida, não aceita comer qualquer outra coisa, porque quer a pizza que fez, *ainda que vá recusar comê-la*. Eu sei. A lógica de um menino de 4 anos vai além dos limites do bizarro.

— Quero comer a MINHA pizza! — repete Felix, lamuriando-se, ao que mamãe responde:

— Bom, então come! Aqui, ó.

— Não! — responde, olhando para ela entre as lágrimas. — Não! Essa, não! ESSA, não!

No fim, ele atira o prato de cima da mesa, mas vê-lo caído no chão é mais do que consegue aguentar. Cai em um choro histérico e

soluçante, então mamãe diz com voz sombria:

— Provavelmente lhe deram uma daquelas bebidas cheias de açúcar tipo Fruit Shoots. — E o leva para tomar banho (meia hora depois, o menino está todo engomadinho e limpinho e sorrindo e comendo sanduíches. Banhos são como Diazepam para crianças de 4 anos).

Então, fico encarregada da tarefa de me-certificar-de-que-Felix-coma-tudinho-inclusive-as-cascas, portanto estou presa à mesa da cozinha. Tinha pensado em correr para o Frank e lhe dar um aviso prévio. De qualquer forma, provavelmente não funcionaria mesmo, pois mamãe é como um sentinela em serviço. Vai ao hall de entrada a cada 5 minutos e abre a porta. Chegou até a sair para a rua uma vez, sondando o horizonte, como se Frank pudesse enganá-la, vindo de alguma outra direção. Está bem agitada para encontrá-lo logo. Não para de dizer em frente ao espelho tiradas como: “é a *mentira*, mais do que todo o resto” e “sim, isso é ter pulso firme. Pulso firme, mocinho”.

*Mocinho.*

Enquanto isso, mantive a cabeça baixa, embora esteja louca para perguntar ao meu irmão se estava mesmo acordando às 2 horas da manhã e se Linus jogava também. Estou secretamente comendo algumas das cascas de Felix para apressar as coisas, quando ouço um grito de mamãe. Está lá fora, semicerrando os olhos para a extensão da rua.

— Chris! Chris! Ele está vindo! — Ela marcha de volta para a casa, a cabeça girando em alerta total. — Onde está o seu pai? Aonde ele foi?

— Sei lá. Não o vi.

OK, mamãe está uma pilha. Pergunto-me se deveria dizer para inspirar quatro vezes e expirar sete, mas acho que arrancaria minha cabeça fora a mordidas.

— Chris! — Mamãe sai da cozinha.

Chego mais para a frente, de modo a poder ver o hall. Devia pegar a câmara de vídeo, só que está lá em cima, e não quero ter que me aventurar pelo campo de batalha. Papai aparece à porta da sua salinha, com o celular espremido contra a orelha, fazendo uma expressão agonizante para mamãe.

— Sim, os números *foram* inesperados — diz ele. — Mas se você olhar a página seis... *Desculpe* — declara à esposa apenas com movimentos labiais. — *Dois minutos*.

— Ótimo! — explode ela ao vê-lo desaparecer outra vez. — Isso que é esforço conjunto. — Espiando pela janela, murmura: — OK. Está chegando. Lá vamos nós.

Mamãe posiciona-se no hall com a mão no quadril enquanto direciona o olhar ameaçador e brilhante à entrada. Depois de 10 tensos minutos, a porta se abre, e prendo a respiração. Frank caminha para dentro, o mesmo de sempre, e olha para mamãe sem muito interesse. Posso vê-la empertigar-se ao inspirar fundo.

— Olá, Frank — cumprimenta com a voz dura como ferro, o que me faz estremecer, ainda que não seja eu quem está encrencada. Ele, porém, está com os fones nos ouvidos, então suponho que não tenha identificado o tom.

— Oi — responde meu irmão, fazendo menção de passar, mas mamãe o cutuca no ombro.

— Frank! — chama enquanto gesticula para as orelhas. — Tira!

Revirando os olhos, o menino tira os fones e olha para ela.

— O quê?

— Então — começa mamãe, com a voz ainda mais férrea.

— O quê?

— *Então*.

Noto que o seu objetivo é fazê-lo tremer de medo com apenas uma palavra, mas não tem o efeito desejado. Ele parece apenas impaciente.

— Então? O que está querendo dizer? Então o quê?

— Estávamos te esperando, Frank. O seu pai e eu. — Ela dá um passo à frente, os olhos como raios laser. — Estamos esperando *há algum tempo*.

Ai, meu Deus. Está totalmente encarnando um vilão de filme do 007. Aposto que queria ter um gato branco para acariciar agora.

— O que o meu computador está fazendo ali? — Frank nota de súbito o aparelho sobre o aparador, o cabo enrolado ao redor da bateria.

— Boa pergunta — diz mamãe, satisfeita. — Não gostaria de nos contar sobre a sua atividade on-line durante mais ou menos a última semana?

Os ombros de Frank desabam, tipo, *isso de novo, não*.

— Estava jogando *LoC* — responde ele, sem entonação. — Você me pegou.

— Foi só uma vez?

O menino deixa a mochila deslizar para o chão.

— Sei lá. Estou com dor de cabeça. Preciso de um remédio.

— E por que será? — Repentinamente, mamãe perde o controle. — Seria porque não dormiu nada na semana passada?

— O quê? — Frank lhe lança seu olhar especial: aquele vazio que diz “não-tenho-a-menor-ideia-do-que-você-está-falando”, que, para falar a verdade, é muito irritante.

— Não se faça de bobo comigo! Não se atreva a se fazer de bobo! — Ela respira depressa agora. — O meu amigo Arjun deu uma olhada no seu laptop hoje. E *que* história interessante, essa.

— Quem é Arjun? — Frank faz uma careta.

— Um expert em computadores — retruca ela, triunfante. — Ele me contou tudinho. Você deixou um belo rastro, mocinho. Sabemos de tudo.

Vejo um lampejo de alarme cruzar o rosto do meu irmão.

— Ele leu os meus *e-mails*?

— Não. Não leu os seus e-mails. — Mamãe está momentaneamente distraída. — O que é que tem lá?

— Nada — fala Frank, apressado, e a encara feio. — Meu Deus. Não acredito que você hackeou o meu computador.

— Bom, não acredito que mentiu para nós! Você acordou às duas da manhã todas as madrugadas desta semana! Vai negar?

Ele dá de ombros com expressão aborrecida.

— Frank?

— Se o *Arjun* está dizendo, deve ser verdade.

— Então é mesmo verdade! Frank, tem noção de como isso é sério? *Tem?* TEM? — grita ela de repente.

— Bom, você tem noção de como levo *LoC* a sério? — berra ele de volta. — E se eu virar um gamer profissional? E aí, vai dizer o quê?

— Não vem com essa de novo. — Mamãe fecha os olhos e massageia a testa. — Com quem estava jogando? Eu conheço? Preciso ligar para os pais desses meninos?

— Duvido — replica o menino com sarcasmo —, considerando que moram na Coreia.

— *Coreia?* — Essa parece ser a gota d'água para mamãe. — Certo. Agora deu, Frank. Está totalmente proibido de jogar. Proibido, proibido, proibido. Para sempre. Nada de computador. Nada de tela nenhuma. Nada de nada.

— OK — responde ele sem emoção.

— Você me entendeu? — Encarando-o com rispidez, repete: — Proibido.

— Entendi. Proibido.

Faz-se um silêncio. Mamãe parece insatisfeita. Fita o filho como se quisesse ouvir algo mais.

— Está proibido — tenta novamente. — Para sempre.

— Eu sei — responde meu irmão com paciência invocada com muito esforço. — Você já disse.

— Você não está reagindo. Por que não está reagindo?

— *Estou* reagindo, mãe. Fui proibido de jogar. Dane-se.

— Vou trancar isso aqui imediatamente.

— Entendi.

Há outro silêncio estranho e tenso. Mamãe estuda-o com atenção, como se procurasse a resposta. Em seguida, o rosto inteiro parece se acender enquanto inspira fundo.

— Ai, meu Deus. Não está levando isso a sério, não é? Acha que vai se safar. O quê, já está planejando como vai se esgueirar pela casa à noite para encontrar o computador?

— Não. — A voz de Frank é apática, o que quer dizer *sim*.

— Já está aí planejando como vai arrombar o cadeado?

— Não.

— Acha que pode ser mais esperto do que nós! — Mamãe está tremendo agora. — Acha que pode ser mais esperto do que nós, não acha? Bom, então *segura essa!*

Ela pega o laptop, que é bem robusto, e começa a subir as escadas, arrastando o cabo atrás de si.

— Isso aqui vai sumir. Sumir! Quero essa porcaria fora da nossa casa! Quero isso desmantelado!

— Desmantelado? — Frank volta à vida.

— Está proibido de usá-lo mesmo, então que diferença faz? — Ela lhe lança um olhar por cima do ombro.



— Mãe, não — pede ele, em pânico. — Mãe, o que você vai fazer?

— *Fica parado aí, mocinho!* — Sua voz sofreu uma mudança súbita. Está realmente assustadora, da maneira como ficava quando éramos crianças, e Frank para, com o pé no degrau. Jamais o vi tão aterrorizado.

— O que ela vai fazer? — pergunta ele em voz baixa.

— Sei lá. Mas eu não subiria se fosse você.

— Mas o que ela está *fazendo*?

Neste momento, Felix chega aos pulos no hall de entrada, vindo do jardim, vestido com o roupão.

— Adivinha? — diz ele com alegria. — A mamã vai *jogar o computador pela janela!*

Não consigo acreditar que ela fez aquilo de verdade. Não posso acreditar que realmente tenha atirado o laptop de Frank pela janela.

Não foi *tão* dramático quanto poderia ter sido, pois, de repente, ela lembrou-se de todo o discurso sobre saúde e segurança, então gritou aos vizinhos que saíssem do caminho, depois disse ao papai que deveria tirar o carro de lá se estava tão preocupado assim.

Enquanto isso, Frank dividia-se entre ficar em pânico total e tentar ser um daqueles caras nos filmes cuja tarefa é dissuadir o terrorista de explodir a bomba.

— Mãe, escuta — repetia ele sem trégua. — Solta o computador. Você não quer fazer isso, mãe.

O que não funcionou. Em grande parte porque ela *queria* fazer aquilo.

O computador não chegou realmente a se espatifar e desmantelar quando foi jogado. Meio que quicou uma ou duas vezes, então caiu de lado. Na verdade, não parecia ter quebrado uma única pecinha ao parar no gramado. Só saíram uns poucos cacos de vidro quebrados da tela, que papai imediatamente recolheu por conta do hábito de Felix de brincar descalço lá fora e tal.

Acho que o estrago interno deve ter sido ruim o bastante para impedir Frank de usá-lo, no entanto. Seu aspecto era meio deprimente, jogado ali na grama, todo coberto pelos adesivos antiquíssimos de *Minecraft*.

Todos fitaram o aparelho por um tempo, e umas duas pessoas chegaram a tirar fotografias, mas depois voltaram para suas casas. Tipo, sinceramente, foi meio que um anticlímax. Mas não para o Frank. Estava desconsolado. Tentei lhe dizer que “sentia muito” quando entrou, mas ele sequer conseguiu responder.

Acho que está em choque. Não disse uma palavra a noite inteira. Mamãe está sombriamente triunfante, e acho que papai está apenas aliviado pelo carro não ter sofrido dano algum.

E, ainda que não queira me meter na história, fico me perguntando uma coisa. Isso quer dizer que o Linus não vai voltar mais aqui?

## MINHA SERENA E AMOROSA FAMÍLIA – TRANSCRIÇÃO DO FILME

INT. ROSEWOOD CLOSE, N.5. DIA

A MÃE está sentada na cozinha com uma xícara de café, olhando diretamente para a câmera.

MÃE

Fiz a coisa certa. OK, foi um pouco radical. Mas, às vezes, você tem que tomar medidas radicais, aí todo mundo fica chocado, mas depois dizem: "uau. Você foi realmente corajosa e agiu com clareza na situação."

Silêncio.

MÃE

Digo, SEI que fiz a coisa certa. E, sim, o clima está um pouco tenso agora, mas vai melhorar. Claro que o Frank não reagiu bem, claro que está zangado – o que mais podia se esperar?

Silêncio.

MÃE

Bom, não esperava que fosse ser tão ruim assim. Para ser franca. Mas vamos sair dessa.

Ela levanta a xícara, depois a coloca na mesa outra vez, sem beber.

MÃE

A questão de ser mãe, Audrey, é que não é nada fácil. Você tem que fazer escolhas complexas e levá-las a cabo. Então, sim, estou achando um pouco complicado lidar com o Frank no momento. Mas sabe do que mais? Ele vai me agradecer um dia.

Silêncio.

MÃE

Bom, pode ser que agradeça.

Silêncio.

MÃE

Certo, agradecimentos são um pouco improváveis. Mas a questão é que sou mãe. Mães não fogem quando as coisas ficam difíceis.

A câmera faz uma panorâmica até o BlackBerry da MÃE e foca em uma pesquisa no Google:

*Spas apenas para mulheres, proibido levar crianças.*

A MÃE rapidamente a encobre com a mão.

MÃE

Não é nada.

Pois então, Frank não está mais falando, basicamente. Com ninguém.

Na verdade, gosto bastante da versão muda de Frank. A casa ficou tranquila. Isso, porém, está deixando a mamãe estressada. Chegou até a falar com o professor dele, que, segundo ela, é “um inútil! Pior do que um inútil! Disse que Frank lhe parecia ‘bem’ e que devíamos deixá-lo ‘em paz’! Deixá-lo ‘em paz’, dá para acreditar?” (sei disso porque estava logo do lado de fora do quarto enquanto ela reclamava com papai).

Hoje meu irmão está sentado à mesa do jantar, comendo suas enchiladas sem olhar para ninguém, encarando o vazio à frente como se fosse um zumbi. Quando mamãe ou papai lhe fazem uma pergunta, tipo, “tem muito dever de casa para fazer?” ou “como foi na escola?”, ele simplesmente responde com um ruído tipo “phrrrmph”, ou revira os olhos, ou os ignora.

Tampouco me sinto muito falante hoje, então não temos o jantar mais animado de todos os tempos. Assim, todos ficamos aliviados quando Felix vem da sala de jogos com seu pijaminha estampado com tratores.

— Não fiz o dever — anuncia com expressão preocupada. — O *dever*, mamãe. — Ele mostra uma espécie de pasta transparente onde guarda uma folha.

— Ah, pelo amor de Deus — exclama mamãe.

— Dever de casa? — indaga papai. — Para uma criança de 4 anos?

— Eu sei. — Ela suspira. — É maluquice. — Ao pegar a folha da pasta, vemos uma grande página xerocada intitulada *Por que nos amamos?*. Sob o título, meu irmãozinho desenhou o que suponho ser um retrato de nós. Ao menos são cinco pessoas. Mamãe parece grávida, e papai, um gnomo. Minha cabeça é do tamanho de um alfinete, além disso tenho dedos enormes e circulares. No entanto, sabe, fora isso, é até bastante fiel à realidade.

— *Preencha com a ajuda da sua família* — lê mamãe em voz alta.  
— Por exemplo, "*nós nos amamos porque nos abraçamos*". — Ela pega uma caneta. — OK. O que coloco aqui? Felix, o que você ama na sua família?

— Pizza — responde sem titubear.

— Não podemos escrever pizza.

— Pizza! — geme ele. — Eu amo pizza!

— Mas não posso escrever: "*nós nos amamos porque pizza.*"

— Acho que é até uma resposta muito boa — comenta papai, dando de ombros.

— Eu faço isso — diz Frank, pegando a folha, e todos o fitamos em choque. Ele falou! Pegando um marcador de tinta permanente do bolso, lê em voz alta enquanto preenche: — Nós nos amamos porque respeitamos as escolhas uns dos outros e entendemos quando uma pessoa tem um hobby que adora, assim jamais estragaríamos as suas coisas propositalmente... Ah, espera aí.

— Frank, não pode escrever isso! — repreende mamãe com rispidez.

É um pouco tarde, uma vez que já está escrito. Em tinta indelével.

— Ótimo! — Ela olha feio para Frank. — Agora acabou com a folha de dever de casa do seu irmão.

— Só falei a verdade. — Frank retribui o olhar. — Você não aguenta a verdade.

— *Questão de honra* — identifica papai no mesmo instante. — Não sabia que tinha assistido ao filme.

— YouTube. — Frank levanta-se e vai até a lava-louças.

— Bom, que maravilha — diz mamãe, com expressão absolutamente furiosa. — Agora não podemos deixá-lo levar isso

para a aula. Vou ter que mandar um recado pela agenda. *Cara Sra. Lacy, infelizmente o dever de casa de Felix foi...* O quê?

— Comido por ratos — sugiro.

— Inaplicável à família Turner, pois os membros não entendem o conceito de amor além da sua própria versão egoísta. — A voz sonora de Frank se faz ouvir da pia.

Enquanto se arrasta para fora da cozinha, nossos pais trocam olhares.

— O garoto precisa de um hobby — murmura mamãe. — A gente não devia tê-lo deixado desistir do violoncelo.

— Por favor, não vem com essa de violoncelo de novo — pede papai, preocupado. — Acho que já passou dessa fase.

— Não estou falando em voltar para o violoncelo! — explode ela. — Mas arranjar alguma coisa. O que os adolescentes fazem hoje em dia?

— Todo tipo de coisa. — Papai dá de ombros. — Ganham medalhas olímpicas, entram em Harvard, criam companhias de internet, estrelam em filmes blockbusters... — Ao divagar, parece um pouco deprimido.

— Ele não precisa ganhar uma medalha — diz mamãe com firmeza. — Só precisa ter algum interesse. O que acha de guitarra? — Seu rosto se ilumina. — Ele ainda toca? Por que vocês dois não vão tocar juntos na garagem?

— A gente tentou uma vez — responde o papai, fazendo uma careta. — Não lembra? Não foi muito bem-sucedido... Mas podemos tentar de novo! — corrige rapidamente ao ver a expressão da esposa. — Boa ideia! Vamos tocar juntos um pouquinho. Pai e filho. Tocamos umas músicas, tomamos umas cervejas... Digo, cerveja, não — acrescenta rapidamente quando mamãe abre a boca. — Nada de cerveja.



— E ele devia fazer trabalho voluntário — conclui ela com determinação súbita. — Isso! É *isso mesmo* que o Frank pode fazer. Trabalho voluntário.



Mais tarde, estou sentada na cozinha, mexendo na câmara, quando Frank entra.

— Ah, oi. — Levanto a cabeça, lembrando-me de algo. — Escuta, não te entrevistei ainda. A gente pode fazer isso agora?

— Não quero ser entrevistado.

É como se meu irmão odiasse tudo e todos. Seu rosto está pálido. Os olhos, vermelhos. Parece *menos* saudável do que quando jogava o tempo inteiro.

— OK. — Dou de ombros. Pego um Doritos da tigela que continua esquecida sobre a mesa. Jantamos comida mexicana, e essa é a única ocasião em que mamãe compra esse biscoito. É como se, tipo, os Doritos que servem para pegar guacamole não contassem como junk food. — Então... — Tento ser casual. — Queria saber...

Minha voz está me decepcionando. Não parece nada casual, soa mais ultra-alerta. Por outro lado, não acho que Frank esteja muito atento.

— O Linus vai voltar aqui em casa? — Sai de supetão, e é o contrário de casual, mas já foi. Perguntei.

Frank vira a cabeça, lançando-me um olhar assassino.

— Por que voltaria?

— Bom... Porque... — Estou confusa. — Vocês brigaram?

— Não, não brigamos. — Seus olhos estão tão sombrios e cheios de raiva, que me encolho. — Me tiraram da equipe.

— Tiraram você da equipe? — Encaro-o, chocada. — Mas a equipe era sua.

— Bom, não é como se eu pudesse jogar agora, não é?

Sua voz está abafada e baixa. Tenho essa sensação horrível de que quer chorar. Não o vejo chorar desde que tinha 10 anos.

— Frank. — Sinto uma onda esmagadora de tristeza por ele. Acho até que talvez chore em seu lugar. — Contou para a mamãe?

— Se contei para a mamãe? — repete, como se quisesse me acertar. — Para quê, para que dê pulinhos de alegria?

— Ela não faria isso! — defendo. Na verdade, porém, não tenho totalmente certeza disso.

A questão é que a mamãe não sabe do que está falando. Não digo isso de uma maneira negativa. É só que nenhum adulto sabe. São totalmente ignorantes, mas são eles que estão no comando. É louco. Os pais são responsáveis por todas as coisas, tipo, *a tecnologia na casa, o tempo permitido para se assistir à TV ou ficar no computador, as horas que se pode passar nas redes sociais*, mas aí algo dá errado em seus computadores e ficam como bebês, querendo saber “o que aconteceu com o arquivo?”, “como acessar o Facebook?”, “como coloco uma imagem no computador? Clique duplo em quê? O que quer dizer isso?”.

E temos que resolver para eles.

O quer dizer que mamãe provavelmente *daria* pulinhos de felicidade se ficasse sabendo que Frank não está mais na equipe. E, no fôlego seguinte, diria: “querido, por que não arruma um hobby e entra para algum time?”

— Sinto muito mesmo, Frank — digo, mas ele não reage. No minuto seguinte, já saiu da cozinha e me deixou lá sozinha com os Doritos.

— Então quer dizer que o clima não está muito bom. — A Dra. Sarah soa tão tranquila quanto sempre.

— Está tudo OK. Mas todo mundo anda um pouco estressado. Estou passando um tempão deitada na cama. É como se estivesse tão *cansada* o tempo todo.

— Quando sentir cansaço, descanse. Não lute contra isso. Seu corpo está se recuperando.

— Eu sei. — Suspiro, as pernas dobradas em cima da cadeira. — Mas não quero ficar cansada. Não quero me sentir esmagada. Quero chutar isso tudo para longe.

As palavras saem antes mesmo de eu as pensar, e sinto uma descarga de adrenalina.

Quando digo as coisas para a terapeuta, é como se eu mesma as estivesse ouvindo pela primeira vez, então tudo se torna real de súbito. Ela é um pouco mágica, acho. É como uma vidente — só que do presente, não do futuro. Tudo muda em seu consultório. Não sei como, mas é assim que acontece.

— Ótimo! — exclama. — Isso é ótimo. Mas, Audrey, o que você não parece perceber é que *está, sim*, chutando isso para longe.

— Não, não estou. — Olho para ela com ressentimento. Como pode dizer isso?

— Está, sim.

— Passei os últimos, sei lá, três dias na cama.

— Ninguém disse que a melhora seria uma jornada em linha reta. Lembra-se de nosso gráfico?

A terapeuta levanta-se e caminha para o quadro branco. Desenha dois eixos e uma linha vermelha irregular, com altos e baixos.



— Você vai subir e vai descer. Mas o progresso será feito na direção certa. Já *está* na direção certa. Trilhou um longo caminho, Audrey. Lembra-se de nosso primeiro encontro?

Dou de ombros. Algumas sessões não passam de um borrão, para ser franca.

— Bem, eu me lembro. E, acredite, estou muito satisfeita com o que vejo diante de mim hoje.

— Ah. — Sinto um pequenino lampejo de orgulho, o que é patético. Tipo, não *fiz* nada.

— Como anda o documentário?

— Tudo certo. — Assinto.

— Entrevistou alguém de fora da família?

— Bem. — Hesito. — Ainda não. Não exatamente.

Ela espera. É o que faz, como um policial de vigia para pegar um criminoso. E sempre digo que não vou desistir primeiro, mas sempre me entrego.

— OK, tem esse garoto, Linus. — Ouço a mim mesma falar.

— Sim, já o mencionou. — Assente.

— Ele costumava ir lá em casa para jogar com Frank, e eu ia entrevistá-lo. Só que não está mais indo lá. Então achei... Quero dizer... — Paro de falar, sem saber ao certo o que quero dizer.

— Talvez devesse pedir a ele — sugere a médica, como se não fosse nada.

— Não dá — respondo automaticamente.

— Por que não?

— Porque... — Fico em silêncio. Ela sabe por que não. Não preciso explicar.

— Vamos pensar no pior que pode acontecer — propõe, alegremente. — Você pede a Linus para ir até sua casa, e ele diz não. Como se sente com isso?

Gotas de ansiedade escorrem pelas minhas costas. Não estou mais gostando dessa conversa. Jamais deveria tê-lo mencionado.

— Como se sente? — insiste ela. — Audrey, coopere comigo. Linus acaba de dizer: "Não, não vou." O que está sentindo?

— Estou totalmente envergonhada — respondo, infeliz. — Quero morrer. Estou, tipo, meu Deus. Tipo, que *idiota* que eu sou... — Faço uma careta de agonia.

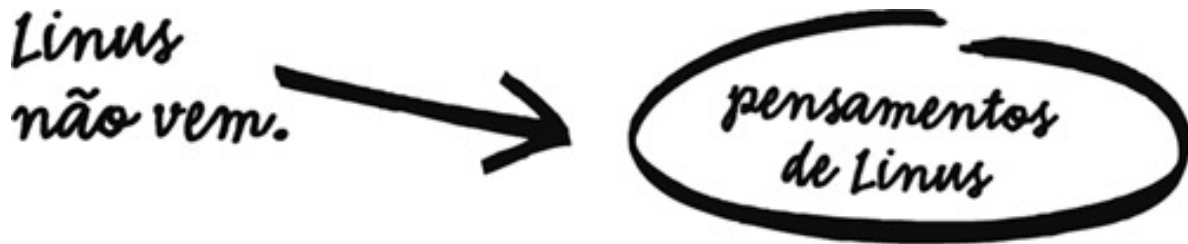
— Por que idiota?

— Porque... Porque *sim!* — Encaro-a quase com raiva. Às vezes, a Dra. Sarah se faz deliberadamente de burra.

— Linus não vai. — Ela se levanta e escreve no quadro:

*Linus  
não vem.*

Depois, desenha uma flecha saindo da frase e escreve "*pensamentos de Linus*" dentro de um círculo.



— Por que esses pensamentos — indaga ela, batendo no quadro — deveriam fazê-la se sentir idiota?

— Porque... — Tenho dificuldades com meu próprio processamento de ideias. — Porque não devia ter pedido.

— Por que não? — rebate a terapeuta. — Então ele não quis ir. Tudo o que isso quer dizer é que não está com vontade de ser entrevistado, ou está ocupado, ou planeja aceitar alguma outra hora. Ou uma variedade de outras opções. Não tem nada a ver com você.

— É claro que tem! — retruco antes de poder me impedir.

— É claro? — Imediatamente a médica usa o termo contra mim. — *Claro?*

OK, caí na armadilha. É claro é o tipo de expressão que faz o nariz da Dra. Sarah tremelicar como se fosse um tubarão farejando sangue. Isso e *tenho de*.

— Audrey, sabe o que Linus pensa?

— Não — respondo, com relutância.

— Você não parece ter muita certeza disso. Audrey, consegue ler a mente das pessoas?

— Não.

— Tem superpoderes? É algo que eu deveria saber sobre você?

— Não. — Ergo as mãos. — OK. Já entendi. Eu estava lendo a mente dele.

— Estava. — Assente. — Não faz ideia do que Linus pensa. Pode ser algo bom, pode ser algo ruim. Muito provavelmente, não é nada.

Ele é um garoto. É melhor se acostumar com isso. — O rosto se crispa com bom humor.

— Certo. — Sei que está tentando me fazer sorrir, mas estou confusa demais. — Então... eu devia perguntar?

— Acho que devia. — Ela apaga a frase *Linus não vem*, substituindo-a por:

*Linus talvez aceite. Talvez não.  
De qualquer forma, tudo bem.  
De qualquer forma, sua decisão  
só tem a ver com ele mesmo, não  
com você. Você não é responsável  
pelos sentimentos dele.*



— Certo? — pergunta a Dra. Sarah quando já teve tempo de ler.

— Certo.

— Ótimo. Então pergunte a ele. Façamos disso seu dever de casa. Pedir para Linus te visitar.

O primeiro passo é pegar mamãe de bom humor, quando não vai surtar ou exagerar na reação ou coisa do tipo. Espero até ela ter terminado de assistir a um episódio de *MasterChef*, então casualmente me sento no braço do sofá e declaro:

— Mãe, queria um celular.

— Um celular? — Ela se endireita, os olhos arregalados em círculos enormes, a boca aberta. — Um *celular*?

Se sou a Rainha do Exagero, mamãe é a Imperatriz.

— Humm, é. Um celular. Se não tiver problema.

— Para quem você vai ligar? — inquire.

— Eu só... Não sei. Para umas pessoas. — Sei que minha voz soa rouca, mas é ela quem me deixa assim.

— Que pessoas?

— Pessoas! Você precisa, tipo, de uma lista com todos os nomes?

Ficamos em silêncio, e sei o que ela está pensando, porque também estou. Meu último celular não foi exatamente um sucesso. Tipo, era um aparelho legal. Da Samsung. Mas tornou-se uma espécie de portal. Um portal meio que tóxico para... Tudo. Costumava me fazer estremecer de medo só de ouvir o alerta de novas mensagens, que dirá lê-las. Nem sei que fim levou. Papai deve ter se livrado dele.

Só que, tipo, isso foi antes.

Foram elas.

— Audrey... — O rosto de mamãe está tenso, e me sinto mal por ter estragado sua noite agradável de *MasterChef* e *Grand Designs*, ou sei lá o quê.

— Vai ficar tudo bem — garanto.

— É para Natalie que você quer ligar? É isso?



O nome *Natalie* faz com que eu me encolha um pouco. Não sei ao certo se já estou pronta para falar com ela. Mas também não quero revelar nada a mamãe.

— Quem sabe. — Dou de ombros.

— Audrey, não sei...

Sei por que é um assunto delicado para minha mãe. Tipo, pode acreditar, sou sensível a essa situação também (na verdade, sou *supersensível*, o que basicamente o mundo inteiro já me disse). Mas não vou desistir. Estou determinada. Preciso ter um celular.

— Audrey, tome cuidado. Eu só... Só não quero que você fique...

— Eu sei.

Posso ver alguns fios de cabelo branco em meio aos reflexos castanhos vívidos. Sua pele parece um pouco fina. Acho que essa história toda a fez envelhecer. *Eu* a fiz envelhecer.

— A Dra. Sarah diria para eu arrumar um celular — alego, na tentativa de tranquilizá-la. — Sempre fala que posso mandar mensagem para ela quando quiser. E que vou saber quando estiver pronta. Bem, estou pronta.

— OK. — Mamãe solta um suspiro. — Vamos comprar um celular para você. Digo, é ótimo que queira um, querida. É incrível. — Ela pousa a mão sobre a minha como se apenas naquele instante conseguisse enxergar o lado positivo. — Está progredindo!

— Ainda não comecei a usar — lembro a ela. — Não fique toda animada. — Sento-me no sofá e me acomodo um pouco melhor. — O que está vendo?

Enquanto movo as almofadas, vislumbro um livro aninhado no colo de mamãe. O título é *Como conversar com filhos adolescentes*, escrito pelo Dr. Terence Kirshenberger.

— Ai, meu *Deus*. — Tomo-o dela. — Mãe, o que é isso?

Ficando ruborizada, ela pega-o de volta.

— Não é nada. É só material de leitura.

— Você não precisa de um *livro* para conversar com a gente! — Folheio as páginas e vejo uma variedade de desenhos bobos, depois olho o verso. — Custou 12,95? Gastou mais de 12 libras nisso? O que diz aí? Aposto que é “*seu filho adolescente também é uma pessoa como outra qualquer*”.

— Não, na verdade, diz: “*me devolve esse livro.*” — Mamãe agarra o volume antes que eu possa impedi-la, e se senta sobre ele. — OK, afinal, vamos ver TV ou não?

Ainda está corada, no entanto, e parece um pouco constrangida. Coitada. Não posso crer que tenha gastado £12,95 em um livro cheio de desenhos idiotas.



Ela leu! Leu o livro de £12,95!

Sei disso porque, no sábado, começou a conversar de repente com Frank à mesa do café da manhã como se falasse em uma língua estrangeira.

— Então, Frank, notei que deixou duas toalhas molhadas no chão do quarto ontem — começa, com a voz calma e estranha. — Isso fez com que eu me sentisse surpresa. Como você se sentiu?

— Ahn? — Ele a encara.

— Acho que podemos encontrar uma solução para esse problema da toalha juntos — continua ela. — Acho que pode ser um desafio divertido.

Frank olha para mim, aturdido, e dou de ombros.

— O que acha, Frank? — insiste mamãe. — Se você cuidasse da casa, como lidaria com a situação das toalhas?

— Sei lá. — Meu irmão parece um pouco irritado. — Usaria papel toalha e jogaria fora depois.

Posso ver que mamãe fica um pouco frustrada com a resposta, mas continua sorrindo daquela maneira esquisita.

— Entendi — diz. — Ideia interessante.

— É nada. — Frank a olha com desconfiança.

— É, sim.

— Mãe, foi uma coisa idiota que inventei para te irritar. Não pode dizer que “é interessante”.

— Entendi. — Assente. — Entendi, Frank. Entendo sua opinião. É válida.

— Não tenho opinião nenhuma! — explode o menino. — E pare de ficar repetindo “entendi”.

— Mamãe leu um livro — explico. — O nome é *Como conversar com filhos adolescentes*.

— Ah, puta merda. — Frank revira os olhos.

— *Sem xingamentos, mocinho!* — Ela sai rapidinho do papel à la *Mulheres perfeitas*.

— Ah, puca meda! — repete Felix animadamente, e mamãe inspira furiosamente.

— Viu? Viu o que fez?

— Bem, pare de falar comigo como se fosse uma porcaria de robô! — grita Frank. — É falso demais.

— Porcaria de robô! — ecoa Felix.

— O livro custou 12,95 libras — digo a meu irmão, que solta uma risada incrédula.

— Custou 12,95! Eu poderia escrever o tal livro com uma frase só! Seria: *pare de tratar seu filho adolescente como uma criança retardada*.

Silêncio. Acho que mamãe está se esforçando para não perder o controle. Pela maneira como amassa o guardanapo em uma bolinha

mínima, suponho que esteja tendo dificuldades. Finalmente, volta a olhar para cima com um sorriso.

— Frank, entendo que esteja frustrado com a vida nesse momento — diz, com tom agradável. — Por isso encontrei algumas coisas para você fazer e se ocupar. Pode tocar com seu pai hoje e, na semana que vem, vai começar a fazer trabalho voluntário.

— Trabalho voluntário? — Frank parece surpreso. — Tipo, construindo cabanas na África?

— Tipo, fazendo sanduíches para o evento da Avonlea.

Avonlea é a casa de repouso para idosos que fica na rua seguinte à nossa. Fazem uma comemoração todos os anos, e é até bem divertida. Você sabe. Para uma festa no jardim com idosos.

— Fazer *sanduíches*? — Frank está chocado. — Está zoando.

— Ofereci nossa cozinha para fazer a comida. Todos nós vamos ajudar.

— Não vou fazer droga de sanduíche nenhum.

— Entendo o que quer dizer — declara ela. — Mas vai, sim. E não fale palavrão.

— Não falei.

— Entendo, Frank — continua mamãe, implacável. — Mas falou, sim.

— Mãe, pare com isso, OK?

— Entendo.

— *Para*.

— Entendo.

— Para! Meu Deus! — Frank leva os punhos à cabeça. — OK, faço a merda dos sanduíches! Agora já terminou de acabar com minha vida?

Meu irmão sai da mesa, e mamãe abre um pequeno sorriso.



## MINHA SERENA E AMOROSA FAMÍLIA – TRANSCRIÇÃO DO FILME

INT. ROSEWOOD CLOSE, N. 5. DIA

A câmera se aproxima do portão da garagem. Lá dentro, vemos o PAI usando roupa de couro e segurando uma guitarra ligada a um amplificador gigante. Frank está parado ao lado, segurando um baixo, com expressão infeliz.

PAI

(entusiasmadamente)

Então, vamos tocar. Sem compromisso, para nos divertir.

Exibe-se tocando um riff de guitarra.

PAI

Você conhece "For Her, For Me"?

FRANK

O quê?

PAI

"For Her, For Me". É nossa música mais conhecida.

O pai parece um pouco magoado.

PAI

Te mandei o link! Toco um solo nessa.

Ele toca outro riff presunçoso.

FRANK

Certo. Er... Não conheço.

PAI

Qual você conhece?

FRANK

A música tema de LoC.

Ao começar a tocá-la, o pai balança a cabeça com impaciência.

PAI

Queremos tocar música de verdade. OK, vamos começar com a progressão dos acordes. Só o básico. Introdução - C, E, F, G, refrão em 2/2 - D menor, F, C por duas batidas, repete refrão com um acorde G para passar para o verso.

A expressão de Frank é de pânico.

FRANK

O quê?

PAI

Vai no instinto. Vai dar certo. Um, dois, um-dois-três-quatro.

Uma cacofonia de sons explode no ar quando ambos começam a tocar. O pai canta com voz estridente.

PAI

(cantando)

For her... For meeeee... Comin' round again...

(grita por sobre a música)

Faz a voz de fundo, Frank.

(cantando)

For her, for meeee...

Ele se lança em um solo. Frank fita a câmera com olhar enlouquecido e diz, apenas com movimentos labiais: "Socorro."

MINHA SERENA E AMOROSA FAMÍLIA — TRANSCRIÇÃO DO FILME

INT. ROSEWOOD CLOSE, N. 5. DIA

A MÃE está preparando o almoço na cozinha quando o PAI entra, eletrizado. Ela olha para ele.

MÃE

E aí? Como foi?

PAI

Foi ótimo! A gente tocou, se deu bem... Acho que Frank curtiu de verdade.

MÃE

Que ótimo! Muito bom!

Ela lhe dá um abraço.



MINHA SERENA E AMOROSA FAMÍLIA – TRANSCRIÇÃO DO FILME

INT. ROSEWOOD CLOSE, N. 5. DIA

FRANK está sentado no topo das escadas e fala diretamente para a câmera.

FRANK

Meu Deus. Aquela foi de longe a pior experiência da minha vida.

AUDREY (VOICE-OVER)

Não foi nada.

FRANK

(fazendo careta)

Você não sabe. Vai ver que foi.

Ele se joga contra o corrimão.

FRANK

Por que papai quer tocar rock de velho comigo? Por quê?

AUDREY (V.O.)

Para te fazer parar de jogar no computador.

Frank lança um olhar sombrio.

FRANK

Valeu, Einstein.

AUDREY (V.O.)

Só estou falando. Querem que você tenha outros interesses.

FRANK

(explode)

Não quero outro interesse nenhum! O que tem de errado com jogar?

AUDREY (V.O.)

Não disse que tem alguma coisa de errado.

FRANK

Jogar desenvolve os reflexos, ajuda no trabalho em equipe e na criação de estratégias, ensina um monte de coisa...

AUDREY (V.O.)

(cética)

Ensina um monte de coisa? Que monte de coisa?

FRANK

OK, quer mesmo saber? (faz a contagem com os dedos) Minecraft – arquitetura. Sim City – como gerenciar uma população e orçamento e essas merdas. Assassin's Creed – Roma antiga e os Bórgias e, tipo... Leonardo da Vinci. Tudo. Todos os fatos históricos que consigo lembrar vêm de Assassin's Creed. Nadinha da escola. Tudo dos jogos.

AUDREY (V.O.)

O que aprendeu com LoC?

FRANK

(sorrindo)

Xingamentos em coreano, principalmente.

(gritando subitamente)

SHEEBSEKKEE!

AUDREY (V.O.)

E o que isso significa?

FRANK

Usa a imaginação.

Do andar de baixo, a MÃE chama.

MÃE

Frank! Audrey! Hora do almoço!

Frank sequer parece ouvi-la.

FRANK

Você sabia que, em muitos países, LoC é considerado um esporte? E que as pessoas vão assistir às partidas? Sabia que eles têm até estádios?

AUDREY (V.O.)

Sabia. Já me disse isso, tipo, um milhão de vezes.

FRANK

Sabia que, nos Estados Unidos, até oferecem bolsas para os jogadores de LoC em algumas universidades?

AUDREY (V.O.)

Já me contou isso também.

FRANK

LoC é um jogo sofisticado. Tem uma língua própria. Tem regras. É tipo... É tipo latim, porra. É isso aí. Latim. E mamãe e papai ficam, tipo, "ah, é do mal". E se eu fosse viciado em latim?

Há uma pausa longa.

AUDREY (V.O.)

Sinceramente, não consigo imaginar isso.

Então, mamãe comprou um celular novo para mim. Foi o primeiro passo. Peguei o telefone de Linus com Frank. Foi o segundo passo. Agora preciso ligar.

Digito o número e o encaro por algum tempo. Tento imaginar como começar a conversa. Anoto algumas palavras úteis, além de frases de que possa precisar (dica da Dra. Sarah). Visualizo um cenário positivo.

Ainda assim, não consigo me obrigar a ligar. Por isso, mando uma mensagem.

Oi, Linus. É Audrey. Irmã de Frank. Ainda preciso fazer meu documentário, e você falou que toparia ser entrevistado. Ainda topa? A gente pode se encontrar?  
Obrigada, Audrey

Não espero que responda, ou ao menos espero que se passe um longo tempo antes de responder, mas o telefone vibra imediatamente, e lá está a resposta:

Claro. Quando?

Não pensei a respeito disso. Quando? É sábado à noite, o que significa que temos o dia inteiro livre amanhã.

Amanhã? Quer vir aqui? Tipo umas 11 horas?

Aperto enviar e, desta vez, há um tempo de espera maior antes de chegar a resposta:

Não, vamos nos encontrar no Starbucks.

Uma onda de pânico percorre meu corpo como se fosse uma chama branca. Starbucks? Ele está louco? Em seguida, recebo uma segunda mensagem:

Não tem de ir lá de qualquer jeito? Não é esse seu projeto?

Mas... Mas... Mas...

Starbucks?

Amanhã?

Meus dedos tremem. A pele está quente. Inspiro quatro vezes e expiro sete, tentando encarnar a Dra. Sarah. Qual conselho me daria? O que diria?

Já sei o que diria, porém. Pois ela já disse. Posso ouvir a voz em minha cabeça neste exato momento:

*Está na hora de dar passos maiores.*

*Precisa superar seus limites, Audrey.*

*Não vai saber até tentar.*

*Sei que consegue lidar com isso.*

Encaro o celular até os números virarem um borrão diante dos olhos, depois digito a mensagem antes que possa mudar de ideia.

OK. Te vejo lá.

Agora já sei como deve ser a vida para uma pessoa idosa.

OK, não sei como é ter a pele enrugada e cabelos brancos. *Sei*, porém, como é andar pela rua em passo lento e vacilante, me retraindo a cada pessoa que passa, estremecendo quando buzinas soam e sentindo como se tudo estivesse *rápido* demais.

Meus pais saíram com amigos para ir a alguma feira de horticultura, e levaram Frank a fim de "abrir seus horizontes", portanto não têm a menor ideia de que estou fazendo isto. Não consegui encarar todo o drama que seria contar a eles; além da preocupação de mamãe e o palavreiro que desencadearia. Por isso, esperei até terem ido embora, peguei a chave de casa, o dinheiro e a câmera, e simplesmente saí.

O que não fazia havia...

Nem sei. *Tanto* tempo.

Moramos a 20 minutos do Starbucks, andando depressa. O que não é o caso. Mas também não estou parada. Estou seguindo. Ainda que meu cérebro reptiliano esteja pronto para se enrolar em posição fetal de tanto medo, estou conseguindo colocar um pé na frente do outro. Esquerda, direita. Esquerda, direita.

Estou de óculos escuros, as mãos enfiadas nos bolsos do casaco, e puxei o capuz por sobre a cabeça para proteção extra. Não tirei os olhos do chão, mas tudo bem. A maioria das pessoas anda por aí absorta nos próprios mundinhos, de qualquer forma.

Quando alcanço o centro, as multidões tornam-se mais densas, e as vitrines das lojas estão iluminadas e barulhentas, e sinto um desejo mais intenso de fugir a cada passo, mas não fujo. Sigo adiante. É como escalar uma montanha, digo a mim mesma. O corpo não quer fazê-lo, mas você o obriga.

Então, finalmente, consigo chegar ao Starbucks. Ao me aproximar da fachada conhecida, sinto-me um tanto esgotada, mas também empolgada. Cheguei. Cheguei!

Empurro a porta e vejo Linus, sentado a uma das mesas perto da entrada. Está de calças jeans e uma camiseta cinza, e muito gato — noto antes de conseguir sufocar o pensamento. Não que isso seja um encontro.

Tipo, é óbvio que não é um encontro. Ainda assim...

Parada no Meio de Frase. Deixe para lá. Sabe o que quero dizer.

O rosto se ilumina quando me vê, e o menino pula da mesa.

— Você veio mesmo!

— Vim!

— Não achei que viesse.

— Também não — admito.

— Mas veio! Está curada!

O entusiasmo é tão contagioso que sorrio como uma louca enquanto fazemos uma espécie de minidança, os braços balançando para cima e para baixo.

— Vamos tomar um café?

— Vamos! — digo, com meu novo jeito confiante, do tipo “está-tudo-muito-bem”. — Ótimo!

Quando entramos na fila, me dou conta de que estou meio elétrica. A música está bem alta, e as conversas ao redor martelam meus tímpanos com tanta força que estremeço, mas estou sentindo o clima em vez de resistir. Como se faz em um show de rock, quando os nervos são dominados pela potência do som e tudo o que se pode fazer é se render (e, sim, entendo que a maior parte das pessoas não equipararia o burburinho discreto de um Starbucks a um show de rock. Tudo o que vou dizer é: *experimente morar dentro do meu cérebro um pouquinho*).

Percebo que meu coração bate acelerado, mas se é por conta do barulho, das pessoas ou do fato de estar aqui com um cara gato,

não sei dizer. Faço o pedido (frappuccino de caramelo), e a moça mal-humorada atrás do balcão pergunta:

— Nome?

Se há uma coisa que não quero é meu nome sendo gritado em uma cafeteria cheia.

— Odeio essa coisa do nome — resmungo para Linus.

— Eu também — concorda ele. — Dê um nome falso. Faço isso direto.

— Nome? — repete a atendente com impaciência.

— Ah. Humm, Ruibarbo — digo.

— Ruibarbo?

É fácil manter uma expressão impassível quando se está usando óculos escuros e capuz e olhando para o lado.

— É, o nome é esse mesmo. Ruibarbo.

— Você se chama *Ruibarbo*?

— É claro que ela se chama Ruibarbo — interrompe Linus. — Ei, Ru, quer alguma coisa para comer também? Quer um muffin, Ru?

— Não, valeu. — Não posso deixar de sorrir.

— OK, Ru. De nada.

— Certo. Rui-barbo. — Ela escreve com um marcador. — E você?

— Quero um cappuccino — responde ele educadamente. — Obrigado.

— Seu nome?

— Vou soletrar para você — diz Linus. — Z-W-P-A-E-N...

— *O quê?* — A atendente o encara, a caneta na mão.

— Espera. Ainda não terminei. F-F-hífen-T-J-U-S. É um nome incomum mesmo — acrescenta ele, com seriedade. — Holandês.



Estou tremendo, tentando não gargalhar.

A moça do Starbucks nos lança um olhar do mal.

— Vai ser John — decreta ela enquanto rabisca no copo.

Digo a Linus que sou eu quem paga, pois o documentário é meu e sou a produtora, com que ele concorda, prometendo que o próximo será por sua conta. Pegamos nossos pedidos — Ruibarbo e John — e voltamos à mesa. Meu coração martela com mais força ainda, mas estou nas nuvens. Olhe só para mim! No Starbucks! De volta à normalidade!

Tipo, OK, ainda estou de óculos escuros. E não consigo encarar ninguém. Além disso, minhas mãos se retorcem no colo, em movimentos estranhos. Mas estou aqui. É isso que importa.

— Então, quer dizer que vocês expulsaram Frank da equipe — digo, quando nos sentamos, e me arrependo instantaneamente, caso tenha soado agressivo.

Linus não parece ofendido, no entanto. Parece preocupado.

— Frank não acha que a culpa é minha — explica apressadamente, e percebo que devem ter conversado a respeito. — Tipo, não esperava que todo mundo fosse desistir de jogar *LoC* porque ele teve de parar. Disse que teria feito a mesma coisa se a situação fosse inversa.

— Então, quem é o quarto jogador agora?

— Um cara chamado Matt — responde Linus, sem entusiasmo. — Ele é bonzinho.

— Papai obrigou Frank a tocar baixo com ele na garagem — conto. — Acha que é um passatempo melhor.

— Frank toca baixo?

— Bem mal. — Sufoco uma risada. — Toca, tipo, uns três acordes, aí papai faz solos de dez minutos.

— Acha isso ruim? Meu pai toca flauta doce.

— Ele *o quê?* — Minha risada morre na garganta. — Sério?

— Não conte para ninguém. — Sua expressão parece repentinamente vulnerável, e sinto uma onda de... algo. Algo forte e caloroso. Tipo quando você envolve alguém com o braço e aperta.

— Não vou contar, prometo. — Tomo um gole do frappuccino. — É igual àquelas que as crianças tocam?

— Um tipo mais adulto. De madeira. Grande. — Linus faz uma demonstração.

— Uau. Nem sabia que isso existia.

Bebemos e sorrimos um para o outro. Pensamentos correm por minha cabeça; pensamentos loucos, como "*consegui! Estou no Starbucks! Palmas para mim!*". No entanto, outros, mais estranhos e aleatórios, pipocam também, como "*está todo mundo olhando para mim*" e "*eu me odeio*". E, do nada: "*queria estar em casa agora*", o que é muito esquisito. *Não* queria estar em casa. Estou com Linus! No Starbucks!

— Então, o que quer me perguntar no documentário?

— Ah, não sei. Coisas.

— Faz parte da terapia?

— Sim. Mais ou menos.

— Mas ainda precisa dela? Quero dizer, você parece bem.

— É, estou. É só um projeto...

— Se tirasse os óculos, estaria, tipo, totalmente de volta ao normal. Devia fazer isso — diz Linus, com entusiasmo. — Sabe, é só *tirar* logo de uma vez.

— Vou tirar.

— Mas não devia esperar. Devia tirar aqui, agora.

— É. Quem sabe.

— Posso fazer isso? — Ele estende o braço, e me encolho.

Minha bravata está se liquefazendo. Tenho a sensação de que sua voz é intimidadora, como se estivesse me interrogando.

Não sei o que aconteceu dentro de minha cabeça. A situação sofreu uma reviravolta. Tomo um gole do café, tentando relaxar, mas tudo o que quero fazer é pegar um guardanapo e rasgá-lo em pedacinhos. O burburinho ao redor fica cada vez mais alto; mais e mais ameaçador.

No balcão, alguém reclama de um café frio, e me vejo prestando atenção ao único participante da discussão que consigo ouvir.

— Reclamei três vezes... Não quero um café de graça... Não é bom o bastante! Simplesmente não é!

A voz zangada é como um cinzel em meu cérebro. Está me deixando retraída e me faz fechar os olhos e querer fugir. Começo a entrar em pânico. O peito sobe e desce. Não posso ficar. Não posso fazer isto. A Dra. Sarah está errada. Jamais conseguirei melhorar. Olhe, nem ficar sentada no Starbucks consigo. Sou um fracasso absoluto.

Pensamentos mais sombrios revolvem em minha cabeça, puxando-me para baixo. *Devia simplesmente me esconder. Não deveria nem existir. Qual é minha razão de ser?*

— Audrey? — Linus sacode a mão diante de meu rosto, o que faz com que eu me encolha ainda mais. — Audrey?

— Desculpe. — Engulo em seco, arrastando a cadeira para trás. Tenho de fugir.

— O quê? — Ele me fita, confuso.

— Não dá para ficar.

— Por quê?

— É muito... Muito alto. É demais. — Cubro as orelhas com as mãos. — Desculpe. Desculpe mesmo...

Já alcancei a porta. Abro e sinto um pequeno alívio quando saio. Não estou segura ainda, no entanto. Não estou em casa.

— Mas estava tudo bem. — Linus tinha me seguido. Parece quase com raiva. — Estava tudo bem agora mesmo! A gente estava conversando e rindo...

— Eu sei.

— O que aconteceu, então?

— Nada — digo, com desespero. — Não sei. Não faz sentido algum.

— Então diz para si mesma para sair dessa. Você sabe, controle da mente sobre o corpo.

— Já tentei! — Lágrimas de fúria sobem aos meus olhos. — Acha que não *tentei* sair dessa?

Minha cabeça é uma massa rodopiante de sinais de angústia. Preciso ir. Agora. Jamais chamo táxis na rua, nunca, mas neste momento não penso duas vezes. Estendo a mão, e um carro desacelera, parando. As lágrimas enchem meus olhos quando entro — não que alguém seja capaz de as ver.

— Desculpe — peço, a voz um pouco embargada. — De verdade. Então. A gente devia esquecer o filme e tudo mais. Então. Não vou te ver de novo, acho. Tchau. Desculpe. Desculpe.



Em casa, fico deitada na cama, totalmente imóvel, totalmente em silêncio, com as cortinas fechadas e fones de ouvido. Por cerca de três horas. Não movo um músculo sequer. Às vezes, tenho a sensação de que sou igual a um celular, e esta é a única maneira de recarregar as baterias. A Dra. Sarah diz que meu corpo está em uma montanha-russa de adrenalina e, por isso, passo de um estado totalmente elétrico a outro totalmente exaurido, sem nada no meio do caminho.

Finalmente, sentindo-me trêmula, desço para o primeiro andar a fim de comer algo. Escrevo uma mensagem de texto para a Dra. Sarah — “fui ao Starbucks, mas tive um colapso nervoso” — e envio.

Os pensamentos sombrios e doentios já se foram, mas me deixaram fraca e inquieta.

Entro na cozinha e me encolho ao passar por meu reflexo no espelho. Estou pálida e meio... Não sei. Murcha. É como uma gripe. Ataca você, e o corpo inteiro sente o golpe. Enquanto penso se devo fazer um sanduíche de Nutella ou de queijo, escuto um ruído metálico vindo do hall, depois algo caindo no tapete, o que me faz pular de susto.

Por um momento, tudo fica em silêncio. Fiquei completamente tensa como um animal encurralado, mas digo a mim mesma com firmeza: *estou segura, estou segura, estou segura*, então meus batimentos cardíacos diminuem aos poucos e, enfim, sigo para ver o que foi.

É uma mensagem deixada no tapete — um pedaço de folha pautada arrancado de um caderno com *Audrey* escrito na letra de Linus. Abro para ver:

Tudo bem? Mandei mensagem pelo celular, mas você não respondeu. Frank também não. Não queria tocar a campainha e te assustar. Está tudo bem?

Sequer olhei para o celular desde que voltei. E Frank está na feira, no campo. Provavelmente sem sinal. Visualizo Frank, vagando cabisbaixo por algum prado, e abro um sorriso fraco. Vai estar *tão* mal-humorado.

Pelo vidro turvo da porta de entrada, noto repentinamente uma espécie de sombra se movimentando, e meu coração para um instante. Ai, meu Deus. Será Linus, *alí*? Está esperando? O quê?

Pego uma caneta, penso um pouco e rabisco:

Tudo bem, obrigada. Foi mal te assustar.

E joga o papel de volta pela portinhola da caixa de correio. É um pouco difícil, pois a mola faz força na direção oposta, mas consigo. Um momento depois, ele volta.

Você parecia bem mal. Fiquei preocupado.

Encaro as palavras, com o coração pesado como pedra. *Bem mal.* Eu parecia *bem mal*. Sempre estrago tudo.

Desculpe.

Por algum motivo, não consigo encontrar mais nada a dizer, a não ser esta palavra, então a repito:

Desculpe. Desculpe.

E mando a mensagem pela caixa outra vez. Quase que de imediato, a folha volta com a resposta:

Não, não peça desculpas. Não foi culpa sua. No Starbucks, o que você estava pensando?

Não esperava aquilo. Não me movo por algum tempo. Estou agachada no tapete, pensamentos correndo alvoroçados pela cabeça como se fossem telegramas. Respondo? Não respondo?

Quero contar o que estava pensando?

A voz daquela terapeuta do St. John's não para de falar em minha mente; aquela que dava o workshop sobre "autoafirmação". *Não temos de nos revelar.* Dizia todas as semanas. *Temos direito à privacidade. Vocês não precisam compartilhar nada com os outros, não importa quanto peçam. Fotos, fantasias, planos para o fim de semana... São seus.* Ela costumava olhar ao redor da sala com expressão quase severa. *Vocês NÃO têm de os compartilhar.*

Não preciso compartilhar com Linus o que estava pensando. Posso dar as costas e ir embora. Posso escrever: *ah, nada demais!*,

ou *você não vai querer saber!!! ;)*, como se tudo não passasse de uma grande piada.

Por alguma razão, porém... Quero compartilhar. Não sei por quê, mas quero. Confio nele. E ele está do outro lado da porta. É seguro. Como um confessor.

Antes de mudar de ideia, escrevo:

Estava pensando "sou um fracasso total, não deveria nem existir, qual é minha razão de ser?".

Enfio o papel pela abertura, apoio o peso do corpo sobre os tornozelos e expiro, sentindo uma estranha satisfação. Pronto. Chega de fingimento. Agora ele já sabe como minha cabeça é bizarra. Prendo a respiração, tentando vislumbrar a reação do outro lado da porta, mas só ouço silêncio. Não há movimento detectável pelo vidro. Não consigo identificar qualquer vestígio de resposta. Acho que deve ter ido embora. Claro que foi. Quem ficaria?

Ai, meu Deus, será que sou *louca*? Por que escreveria meus pensamentos mais deturpados e os revelaria através de uma caixa de correio para o único garoto de que gosto de verdade? Por que faria algo assim?

Totalmente desencorajada, fico de pé, e então, quando chego à porta da cozinha, ouço um ruído. Viro-me depressa — e lá está a resposta. Minhas mãos tremem ao pegá-la, e, em um primeiro momento, não consigo focalizar os olhos adequadamente. É uma folha nova, toda escrita, que começa assim:

Qual é sua razão de ser? Tenta estas daqui, para começar.

Abaixo, segue-se um longa lista. Ele escreveu uma loooonga lista que ocupou todo o espaço da página. Estou tão agitada, que sequer consigo ler direito, mas ao passar os olhos, vislumbro *sorriso lindo* e

*ótimo gosto musical (dei uma espiada no seu iPod) e nome de Starbucks incrível.*

Dou uma risada que quase se transforma em soluço, mas acaba virando um sorriso, então, de repente, estou secando os olhos. Sou uma confusão de emoções.

Com outro ruído metálico, uma nova folha cai pela caixa e dou um pulo sobressaltado, em choque. O que mais pode ter a dizer? Não pode ser uma nova lista enorme, pode? Diz apenas:

**Vai abrir a porta?**

Um alarme dispara dentro de mim. Não posso deixá-lo me ver toda murcha, pálida e em frangalhos como estou. Simplesmente não posso. Sei que a Dra. Sarah diria que não estou nada disso, que é tudo imaginação, mas ela não está aqui, está?

**Não estou me sentindo muito bem para isso.**

**Outra hora. Desculpe, desculpe...**

Prendo o fôlego depois de passá-la adiante. Vai ficar ofendido. Vai embora. Pronto, acabou, antes mesmo de começar...

Mas a porta da caixa se agita outra vez, trazendo a resposta:

**Entendido. Então já vou.**

Fico desconsolada. *Ele vai mesmo embora. Ficou ofendido. Deve me odiar, eu deveria ter aberto a porta, deveria ter sido mais forte, sou tão burra...* Estou desesperadamente tentando pensar no que posso escrever em seguida quando outra folha cai no chão. Está dobrada, e no lado de fora está escrito:

**Tinha de te dar isto antes de ir.**

Não me atrevo a ler o que é por alguns segundos. Abro, enfim, fitando as palavras lá dentro. Toda a minha cabeça formiga com



incredulidade. A respiração está entrecortada enquanto leio. Foi ele quem escreveu aquilo. Ele escreveu. Para mim.

É um beijo.

No hospital, sempre instruem os pacientes a não ficarem repetindo pensamentos e revisitando o que já passou. Dizem para viverem no presente, não no passado. No entanto, como é possível fazer isso quando o garoto de quem você gosta meio que, virtualmente, acabou de lhe dar um beijo?

Quando encontro a Dra. Sarah na sessão seguinte, já repassei a cena tipo um milhão de vezes, e agora estou me perguntando se a história toda não era só uma tentativa de me deixar tensa ou de ter algo para rir com os amigos, ou ainda se fora tudo por educação apenas. Tipo, será que ele sente pena de mim? Será que foi um beijo de pena? Meu Deus. Com certeza foi um beijo de pena (não que eu seja uma expert em beijos. Beijeí precisamente um único menino na vida, o que aconteceu durante as férias do fim do ano passado e foi bem nojento).

A Dra. Sarah escuta educadamente por cerca de meia hora enquanto tagarelo sobre Linus. Depois, falamos a respeito da mania de "ler mentes" e "catastrofizar", exatamente como sabia que acabaríamos fazendo. Às vezes chego até a achar que também poderia ser terapeuta.

— Sei o que vai dizer — falo, enfim. — Não posso ler a mente dele e não devia tentar. Mas como não pensar nisso? Ele me *beijou*. Quero dizer... Mais ou menos. No papel. — Dou de ombros, sentindo-me um pouco envergonhada. — Você provavelmente acha que nem conta.

— De jeito algum — garante a médica, com seriedade. — O fato de que estava no papel não diminui a importância. Um beijo é um beijo.

— E agora não tenho notícia dele e não faço ideia do que está pensando, o que me deixa estressada... — A Dra. Sarah não responde imediatamente, e solto um suspiro. — Eu sei, eu sei. Tenho uma doença que é totalmente tratável.

Faz-se um longo silêncio. A boca da terapeuta está tremelicando.

— Sabe de uma coisa, Audrey? — diz, finalmente. — Detesto ter de dar esta notícia, mas ficar estressada conjecturando o que um menino deve estar pensando depois de ter te beijado pode não ser totalmente tratável. Não *totalmente*.



Então, três dias depois do Starbucks, estou sentada sozinha, tranquilamente assistindo à televisão, quando Frank marcha para dentro do escritório e anuncia:

— Linus está aqui.

— Ah, OK. — Empertigo-me, agitada. — Mesmo? Está aqui? Mas... — Engulo em seco. — Vocês não podem jogar *LoC*, então... Quero dizer, por que ele...?

— Ele veio *te* ver. — Frank parece não estar nem um pouco impressionado pelo fato. — Tudo bem? Não vai surtar?

— Não. Sim. Quero dizer... Tudo bem.

— Que bom, porque já está aqui. *Lin-us!*

*Alguns* irmãos teriam dado às irmãs a chance de se pentearem. Ou de ao menos trocarem a camiseta velha, praticamente um trapo, que usaram o dia inteiro. Estou transmitindo ondas de pensamento assassinas para ele no instante em que Linus entra no escritório e diz com cuidado:

— Oi. Uau, está uma escuridão aqui dentro.

Todos da família já se acostumaram à minha salinha escurecida, e me esqueço de como deve ser aos olhos de outras pessoas. Mantenho as venezianas fechadas, assim como as luzes desligadas, e a única iluminação vem da televisão tremeluzente. Desse modo, me sinto segura. Segura o bastante para tirar os óculos.

— É. Desculpe.

— Não, tudo bem. Você é mesmo um ruibarbo.

— É meu nome. — Vejo que está sorrindo no escuro. Os dentes refletem o brilho da TV, e os olhos são duas aberturas diminutas reluzentes.

Estou sentada no lugar costumeiro no carpete, e, um momento depois, ele se aproxima, sentando-se ao meu lado. Tipo, não *exatamente* ao meu lado. Mantém cerca de 30 centímetros de distância. Acho que minha pele deve ser capaz de enviar e captar sinais como um morcego, porque estou totalmente consciente de sua posição em relação à minha. E o tempo inteiro, minha cabeça vibra com o pensamento: *ele me beijou. No papel. Meio que beijou.*

— O que está vendo? — Linus fita a televisão, que mostra uma mulher de vestido justo tentando encontrar o que dizer a respeito de xampus de algas marinhas. — Está na Polishop?

— Isso. Acho as conversas tranquilizadoras.

Polishop é o canal mais apaziguador que conheço. Há três pessoas em um estúdio, e todos acham que o hidratante é ótimo. Ninguém discute, tampouco levanta a voz. Ninguém descobre que está grávida nem é assassinado. E não há risos do auditório — que, pode acreditar, podem soar como uma furadeira em minha cabeça.

— Não liga, não, sei que sou maluca — acrescento.

— Acha isso maluquice? — pergunta ele. — Precisa conhecer minha vó, que é maluca *de verdade*. Acha que tem 25 anos. Quando se olha no espelho, acha que a estamos enganando. Não consegue enxergar a realidade. Usa minissaia, quer sair para dançar... Usa mais maquiagem que qualquer vovó que você já viu na vida.

— Tem cara de ser ótima!

— Ela... Você sabe. — Linus dá de ombros. — Tem vezes que é engraçado, tem vezes que é triste. Mas a questão é que ela não tem 25 anos, sabe? É só o que o cérebro doente dela está falando, não é?

Ele parece aguardar uma resposta, então digo:

— Certo.

— Era isso que queria te falar aquele dia. Depois do Starbucks. Entende o que estou dizendo? — Sua voz é enfática. — Minha avó não tem 25 anos, e você não é... nada daquilo que todas aquelas coisas ruins em sua cabeça estavam dizendo. Você *não é* nada daquilo.

E, de súbito, entendo o que está fazendo, o que está tentando dizer.

— Certo — repito. — É. Eu sei.

E sei mesmo. Embora seja mais fácil saber quando todos os pensamentos ruins não estão correndo pela cabeça como um rio.

— Valeu — acrescento. — Valeu por... Você sabe. Compreender. Me entender.

— Não entendo de verdade. Mas...

— Entende, sim, mais que a maioria das pessoas. Mesmo.

— Bem. — Sua voz soa um pouco constrangida. — Enfim. Então se sente melhor agora?

— Muito melhor. — Sorrio em sua direção. — Muito, muito melhor.

As mulheres na televisão passaram a falar sobre um cortador de vegetais, e, durante algum tempo, assistimos enquanto cenouras e repolhos são destruídos. Depois, Linus diz:

— Como anda o contato de pé?

À menção da palavra *contato*, reteso-me por dentro. *Contato*. Não apenas no papel, mas de verdade.

Não pense que não especulei a respeito disso.

— Não tentei outra vez. — Esforço-me para soar casual.

— Quer tentar?

— OK.

Movo o pé até tocar o dele. Sapato com sapato, como fizemos anteriormente. Estou esperando ter um ataque, um surto, uma reação totalmente constrangedora. Mas o estranho é que... Não acontece. Meu corpo não se retorceu, afastando-se. Minha respiração está estável. Meu cérebro reptiliano está, tipo, absolutamente zen e relaxado. O que está acontecendo comigo?

— É o escuro — digo em voz alta, antes que possa me impedir.  
— É o *escuro*. — Sinto-me quase tonta de alívio.

— O quê?

— Consigo relaxar no escuro. É como se o mundo fosse um lugar diferente. — Abro os braços na escuridão, sentindo-a contra a pele como se fosse uma almofada macia e envolvente. — Acho que poderia fazer qualquer coisa se o mundo fosse escuro assim o tempo todo. Sabe? Ficaria bem assim.

— Então você devia ser uma espeleóloga — sugere Linus. — Exploradora de cavernas.

— Ou um morcego.

— Uma vampira.

— Ai, meu Deus, eu *totalmente* devia ser uma vampira.

— Mas sem aquela coisa toda de comer gente.

— Eca. — Assinto em concordância.

— Será que não fica monótono? Beber o sangue das pessoas todas as noites? Será que nunca ficam com desejo de comer um prato de batata frita?

— Não sei. — Uma risada emerge em mim. — Da próxima vez que encontrar um vampiro, vou perguntar.

Vemos o picador de vegetais abrir alas para uma panela a vapor que já vendeu 145 unidades, só na última hora.

— Então, considerando que está escuro e tal — começa Linus, casualmente —, o que acha de contato de dedo? Só para ver se

— você consegue. Tipo um experimento.

— Certo. — Assinto, sentindo o estômago se revirar. — Humm. OK. Por que não?

Sinto sua mão se aproximar. Nossos polegares se encontram, e sua pele é seca e quente, mais ou menos como eu esperava que fosse. Sua unha do polegar circula a minha, fazendo com que eu me esquive dela de brincadeira, o que o faz rir.

— Então você acha contato de dedo tranquilo.

— Contato de dedo é OK. — Faço que sim com a cabeça.

Linus não diz mais nada, mas posso sentir o polegar mergulhar para a palma da minha mão. Chegamos à fase de contato dedo-com-mão. Depois, palma-com-palma. Sua mão envolve a minha, e a aperto em resposta.

Agora, ele começa a chegar mais perto e com mais determinação. Posso sentir seu calor, através do ar, contra meu braço, contra minha perna. E fico um pouco nervosa, mas não da forma como fiquei no Starbucks. Não há maluquice alguma correndo por minha cabeça. Na verdade, não sei se há qualquer coisa dentro dela salvo *isto está mesmo acontecendo? e sim, está.*

— Contato de jeans está OK? — murmura, enquanto entrelaça a perna na minha.

— Sim, tudo bem com contato de jeans — consigo dizer.

Chegamos ao contato braço-ao-redor-dos-ombros. Cabelo-com-cabelo. Bochecha-com-bochecha. Seu rosto é suavemente áspero ao deslizar contra o meu.

Contato de boca.

Ele não diz coisa alguma nem pergunta se concordo. Também não falo nada. Mas concordo. Mais do que concordo.

Quando já estamos nos beijando por, sei lá, uma eternidade, ele muda de posição, colocando-me sentada em seu joelho, e me aninho nele. Seu corpo está quente e sólido. Os braços são fortes ao

me envolverem. E os cabelos têm um cheiro bom. Fica realmente difícil de me concentrar nas vantagens oferecidas por um processador de alimentos com quatro acessórios únicos que está em oferta exclusivamente hoje por apenas £69,99.



Aqui vai o detalhe realmente constrangedor: caí no sono. Não sei se foi uma reação pós-descarga de adrenalina ou apenas o Rivotril que tomei no almoço, mas a verdade é que adormeci. Quando acordei, estava deitada com pernas e braços totalmente esticados no chão, mamãe me chamava do hall de entrada, e as mulheres da Polishop falavam de uma fritadeira mágica que corta as calorias pela metade. Perto de mim havia um recado.

Te vejo depois. Bjs.



Passei de fase. É a única forma em que consigo pensar para descrevê-lo.

Se fosse uma heroína de *LoC*, teria, tipo, melhorado meus atributos, ou recebido alguma arma absurda, ou algo parecido. Estou mais forte. Sinto-me mais alta. Reajo com mais rapidez. Faz uma semana desde que eu e Linus assistimos à televisão juntos, e, sim, tive um episódio ruim, mas não me afundei tanto. As coisas não estavam mais tão sombrias.

Linus veio me visitar algumas vezes. Sempre assistimos às mulheres na Polishop e apenas conversamos e tal; é tudo simplesmente... Bom. É bom. Agora é sexta-feira à tarde, e, mesmo não estando na escola, sinto aquela expectativa para o fim de semana. Está calor, e posso ouvir crianças brincando nos jardins. Da janela da cozinha, vejo Felix correndo nu pelo gramado, com um regador na mão.

Ao ouvir a melodia da van que vende sorvetes, estou prestes a gritar para mamãe que devíamos comprar um picolé para meu irmão, quando ela entra na cozinha. Entra cambaleando, na verdade. O rosto está pálido, com uma cor... *malva*. Chega até a se segurar na ilha como se fosse cair sem aquele apoio.

— Mãe? — Fito-a com preocupação. — Tudo bem? — Imediatamente me dou conta de que é uma pergunta idiota. Não está bem, está horrível. — Acho que você devia ir para a cama.

— Estou bem. — Ela me dá um sorriso fraco.

— Não está, não. Pegou alguma coisa. Precisa descansar e tomar muito líquido. Está com febre? — Tento me recordar de tudo o que ela própria nos diz quando estamos doentes. — Quer um antigripal?

— Ah, um antigripal. — Suspira, parecendo uma assombração. — É, isso seria bom.

— Vou cuidar de Felix — digo com firmeza. — Vá para a cama. Levo o remédio para você.

Enquanto coloco a chaleira no fogo e procuro o pacote de comprimido efervescente pelos armários da cozinha, Frank chega do colégio. Sei disso pelo baque monumental que vem do hall. São a mochila, a mala de equipamentos esportivos, o taco de críquete e o restante da parafernália que leva para a aula, todos caindo nos azulejos, jogados de uma grande altura. Ele entra na cozinha, cantando uma melodia sem ritmo e desfazendo o nó da gravata do uniforme.

— É isso aí! — Soca o ar, cantando: — É sexta-feeeeeiraaaaa... O que tem para jantar?

— Mamãe está doente — digo. — Pegou uma gripe ou sei lá. Falei para ela ficar de cama. Você devia sair para comprar... — Penso por um instante. — Uvas.

— Acabei de chegar. — Frank parece pouco entusiasmado. — E estou morrendo de fome.

— Bem, coma um sanduíche e *depois* vá comprar as uvas.

— Como ela vai melhorar comendo uva?

— Sei lá — respondo, com impaciência. — É o que as pessoas comem quando estão doentes.

Encontrei o antigripal e uns poucos biscoitos, que arrumo em uma bandeja.

— Compre suco também — acrescento. — E... Qual é o nome mesmo? Algum remédio para aliviar a dor. Anota. — Viro-me para me certificar de que Frank está ouvindo, mas não anotou coisa alguma. Está apenas parado ali, me fitando de um jeito muito estranho e atípico. A cabeça está inclinada para o lado e parece quase fascinado, ou curioso, ou *alguma coisa*. — O quê? — digo, na defensiva. — Olha, sei que hoje é sexta, mas mamãe está doente.

— Eu sei — responde ele. — Não é isso. É que... — Hesita. — Sabe de uma coisa, Aud? Você não teria feito nada disso naquela época, quando voltou do hospital. Você mudou.

Estou tão surpresa, que não sei o que dizer. Tipo, primeiro de tudo, jamais achei que Frank notasse qualquer detalhe a meu respeito. Segundo, será verdade? Tento pensar no que aconteceu no passado, mas está tudo um pouco anuviado. É um efeito colateral da depressão, explicou a Dra. Sarah. A memória fica ferrada. O que, você sabe, pode ser algo bom ou ruim.

— Mesmo? — digo finalmente.

— Você teria simplesmente se escondido no quarto. Tudo deixava seus nervos em frangalhos, até a campainha tocando. Mas olhe só agora. Está cuidando das coisas. Está no controle. — Ele acena com a cabeça para a bandeja. — Isso é... bom... É muito bom. Bem legal.

— Valeu — respondo, um pouco constrangida.

— Tranquilo. — Frank parece igualmente constrangido. Então abre a geladeira, pega uma caixa de achocolatado pronto e coloca os fones de ouvido. Acho que esta conversa terminou.

No entanto, ao subir as escadas com a bandeja, repasso a cena. *Está cuidando das coisas. Está no controle.* Apenas o pensamento me deixa radiante por dentro. Não me sentia no controle de nada desde... uma *eternidade*.

Bato à porta e entro no quarto de meus pais. Mamãe está deitada, de olhos fechados. Acho que adormeceu. Devia estar exausta.

Coloco a bandeja na penteadeira tão silenciosamente quanto sou capaz. Há uma série de porta-retratos sobre a madeira polida, e me demoro olhando para eles. Meus pais no dia do casamento... Frank e eu ainda bebês... E um de mamãe com os colegas de trabalho, ganhando alguma espécie de prêmio. Está usando uma jaqueta rosa enquanto agarra um troféu de acrílico, eufórica, e parece totalmente vibrante.

Mamãe trabalha como consultora autônoma de marcas, o que significa que faz projetos pelo país inteiro. Às vezes, fica muito

ocupada e, às vezes, tem semanas inteiras de folga; sua rotina foi sempre assim. Em uma ocasião, foi à minha escola para falar sobre sua profissão e nos mostrou o projeto de redesenho do logo de um supermercado, e todos ficaram impressionados. Tipo, ela é legal. Seu trabalho é legal. Agora, no entanto, olho para a foto e me pergunto: *quando foi seu último trabalho?*

Estava em um projeto quando fiquei doente. Consigo me recordar vagamente de suas conversas com papai, de ouvi-la dizer:

— Vou sair. Não vou a Manchester agora. — Tudo o que senti na época foi alívio. Não queria que ela viajasse para Manchester. Não queria que fosse a lugar algum.

Agora, porém...

Olho para a fotografia outra vez, para o rosto alegre e radiante de mamãe para a câmera — e depois para o rosto cansado e adormecido da vida real, repousado na cama. Não tinha me ocorrido que parara de trabalhar completamente. Contudo, percebo agora que, desde que passei a ficar em casa, ela não foi ao escritório uma única vez.

Sinto como se estivesse lentamente saindo de um lugar encoberto por neblina e notando detalhes que antes passavam despercebidos. O que a Dra. Sarah disse é verdade: você se torna autocentrado quando está doente. Não consegue ver as coisas ao redor. Mas começo a vê-las agora.

— Audrey?

Viro e vejo mamãe se erguendo, usando os cotovelos como apoio.

— Oi! — digo. — Achei que estava dormindo. Trouxe o remédio.

Seu rosto se abre em um sorriso, como se tivesse ganhado o ano.

— Querida — diz. — Isso foi *tão* atencioso.

Levo a bandeja até ela e observo enquanto toma a bebida quente. Sua expressão é tão distante que acho que vai dormir outra vez, mas, de súbito, o olhar entra em foco.

— Audrey — fala. — Esse menino, Linus.

Sinto minhas defesas se erguerem de imediato. Ela não diz Linus. Fala *esse menino*, Linus.

— O que tem ele? — pergunto, tentando soar casual.

— Ele é...? — Ela não conclui. — Vocês estão...? Ele é um amigo especial?

Estou me contorcendo por dentro. Não quero falar sobre Linus com minha mãe.

— Mais ou menos. — Desvio os olhos. — Você sempre fala que preciso ter amigos. Então. Agora tenho.

— E isso é ótimo. — Ela hesita. — Mas, Audrey, precisa ter cuidado. Está vulnerável.

— A Dra. Sarah disse que preciso ultrapassar meus limites — rebato. — Tenho de começar a construir relações fora da família de novo.

— Sei disso. — Mamãe parece preocupada. — Mas acho que ia preferir se tivesse começado com... Bem. Com uma amiga.

— Porque meninas são tão legais e doces e adoráveis — retruco antes de poder engolir as palavras, e ela solta um suspiro.

— *Touché*. — Bebe um gole do remédio efervescente, fazendo careta. — Ah, não sei. Acho que se esse menino, Linus, for legal...

— Ele é muito legal — afirmo, com determinação. — E o nome dele não é Esse menino, Linus. É só Linus.

— E Natalie?

*Natalie*. Uma pequenina parte de mim estremece automaticamente à menção do nome. Contudo, pela primeira vez

em séculos, também consigo sentir uma espécie de saudades. Saudades da amizade que tivemos. De amizades, ponto.

Ficamos em silêncio no quarto enquanto tento vasculhar meus pensamentos turvos. Mamãe não me pressiona. Sabe que às vezes demoro um bom tempo para organizar o que penso. É bastante paciente.

Sinto como se estivesse em uma jornada monumental, longa e solitária, que nenhum de meus amigos jamais poderia compreender, nem mesmo Natalie. Acho que meio que os odiei por isso. Agora, no entanto, tudo parece mais fácil. Talvez pudesse encontrar Natalie algum dia desses? Talvez pudéssemos passar um tempo juntas? Talvez o fato de que não entenda tudo por que passei não importasse?

Na penteadeira, há uma fotografia de Natalie e eu prontas para o baile de formatura do nono ano, e vejo que meus olhos insistem em procurá-la. Nat usa um vestido de renda rosa, e eu, um azul. Estamos rindo e estourando lança confetes. Precisamos tirar seis fotos para capturarmos o lançamento de confetes. Foi ideia dela. Sempre tem ideias engraçadas como aquela. Tipo, consegue fazer qualquer um rir, essa Nat.

— Quem sabe não ligo para Natalie — digo, finalmente. — Alguma hora dessas. — Olho para mamãe à espera de uma reação, mas ela adormeceu. O copo meio cheio da água efervescente balança precariamente na bandeja, então o pego antes que derrame. Deixo sobre o criado-mudo caso a mamãe queira ao acordar, depois saio do quarto na ponta dos pés e sigo para o andar de baixo, cheia de uma espécie de nova energia.

— Frank — chamo ao entrar na cozinha. — Mamãe parou de trabalhar?

— Acho que sim.

— Para sempre?

— Não sei.

— Mas ela é tão boa em seu trabalho.

— É, mas ela não pode sair, não é?

Embora não fale, sei o que quer dizer: *por sua causa*.

Por minha causa, mamãe está presa em casa, preocupando-se e lendo o *Daily Mail*. Por minha causa, parece toda tensa e cansada em vez de radiante e alegre.

— Ela devia voltar ao trabalho. Gosta dele.

Meu irmão dá de ombros.

— Bem. Acho que vai voltar. Sabe...

E, novamente, o não dito paira no ar: *quando você melhorar*.

— Vou lá comprar as uvas — diz ele, saindo da cozinha. E me sento, fitando meu reflexo embaçado na geladeira de aço inox. Quando eu melhorar. Bem. Então melhorar só depende de mim.

MINHA SERENA E AMOROSA FAMÍLIA – TRANSCRIÇÃO DO FILME

INT. ROSEWOOD CLOSE, N. 5. DIA

O PAI está fazendo uma ligação da escrivania de sua sala.

PAI

(no telefone)

Sim. É. Vou dar uma conferida nisso. (digita no computador) OK, já estou com ele aberto aqui.

FRANK irrompe sem bater.

FRANK

Pai, preciso fazer uma pesquisa para o dever de geografia.

PAI

Vai ter de ser depois. Desculpe, Mark...

FRANK

Mas não posso fazer o trabalho sem ver isso antes.

PAI

Frank, depois.

O menino o fita com olhos arregalados.

FRANK

Você sempre me fala para dar prioridade aos deveres. Sempre diz "não fique adiando o trabalho, Frank". E agora está me mandando adiar. Ou seja, isso não é o mesmo que se desdizer? Não era para os pais serem sempre coerentes?

PAI

(suspira)

Certo. Pode fazer a pesquisa. Mark, ligo daqui a pouco.

Ele dá lugar para Frank ao computador, que digita no teclado, lê algo em um site e faz uma anotação.



FRANK

Valeu.

Quando o menino sai, o PAI volta à ligação e abre seu documento na tela novamente.

PAI

Desculpe, Mark. Então, como estava dizendo, esses números realmente não fazem sentido...

Ele para de falar quando Frank retorna.

FRANK

Preciso ver qual é a população total do Uruguai.

O PAI coloca a mão sobre o telefone.

PAI

O quê?

FRANK

Uruguai. População.

O PAI o fita, exasperado.

PAI

É realmente essencial que seja agora?

Frank parece magoado.

FRANK

É para o dever de casa, pai. Você sempre diz que o que faço no colégio vai afetar minha vida inteira. Tipo, faria isso em meu computador, mas... Bem.

(olha sombriamente para o chão)

Foi a decisão da mãe. Nunca vamos saber por que ela fez o que fez.

PAI

Frank...

FRANK

Não, tudo bem. Se quer colocar uma ligação acima da minha educação, a decisão é sua.

PAI

(perde a paciência)

Está bem. Faça a pesquisa. (levanta-se) Mark, vamos ter de continuar isso mais tarde. Desculpe.

FRANK

(no computador)

Deve estar no histórico...

Ele abre uma página intitulada "Financiando seu Alfa Romeo".

FRANK

Uau, pai. Vai comprar um Alfa Romeo? Mamãe está sabendo?

PAI

(irritado)

Isso é particular. Não é nada...

Para de falar ao ver Frank digitar algo.

PAI

Frank, o que está fazendo? O que aconteceu com minha tela?

O papel de parede de um litoral sem graça foi substituído por uma personagem de expressão lasciva de LoC.

FRANK

Precisava de um papel de parede novo. Aquele seu era podre. Agora precisamos de novas músicas...

Ao clicar com o mouse, Boomshakalaka explode do som do computador.

O PAI perde a paciência.

PAI

Pare com isso! Esse é o meu computador...

(levanta-se e marcha para a porta)

Anne? Anne?

## MINHA SERENA E AMOROSA FAMÍLIA – TRANSCRIÇÃO DO FILME

INT. ROSEWOOD CLOSE, N. 5. DIA

Da porta da cozinha, vemos o PAI e a MÃE tendo uma briga em voz baixa.

PAI

Ele precisa de um computador. Não dá mais para dividir o meu. Vou acabar assassinando o garoto.

MÃE

Não precisa de um computador coisa alguma!

PAI

Precisa para fazer o dever de casa. Todos os adolescentes precisam.

MÃE

Bobagem.

PAI

Não é, não! Sabia que hoje em dia todas as anotações de aula são feitas nos laptops? Eles nem sabem mais para que serve uma caneta. Acham que são recipientes que magicamente deixam uma substância estranha vazar. Digo, nem sabem mais como escrever assim. Pode esquecer a arte da escrita.

MÃE

O que está querendo dizer? Que as crianças precisam de computadores? Que é fisicamente impossível para elas aprenderem qualquer coisa sem uma máquina? E os livros? E as bibliotecas?

PAI

Quando foi a uma biblioteca pela última vez? Estão cheias de computadores. É assim que as pessoas aprendem hoje em dia.

MÃE

(indignada)

Está dizendo que, nas savanas africanas, as crianças não conseguem aprender nada a menos que tenham computadores? É isso que quer dizer?

PAI

(perplexo)

Savanas africanas? Quando foi que a África entrou na conversa?

MÃE

Você precisa de um computador para ler literatura clássica?

PAI

Para falar a verdade, estou começando a gostar de ler no Kindle...

Ele repara na expressão da MÃE.

PAI

Digo, não. Definitivamente não.

MINHA SERENA E AMOROSA FAMÍLIA – TRANSCRIÇÃO DO FILME

INT. ROSEWOOD CLOSE, N. 5. DIA

Batem à porta de FRANK.

FRANK

Quem é?

AUDREY (VOICE-OVER)

Eu!

FRANK

OK.

A porta é aberta, e a câmera entra oscilando no quarto. É um mundo de pertences adolescentes. Frank está sentado à janela, jogando algo em um console Atari da década de 1980. Bipes e ruídos metálicos dominam o cômodo.

AUDREY (V.O.)

Podia ter feito aquela pesquisa sobre o Uruguai pelo celular.

FRANK

É.

AUDREY (V.O.)

Então estava só sacaneando papai.

FRANK

Preciso de um computador.

A câmera foca no console.

AUDREY (V.O.)

Onde achou isso?

FRANK

Lá em cima, no sótão.

Batem à porta, e, com um único movimento quase imperceptível, Frank joga um casaco por cima do console, gira na cadeira e pega um livro.

A MÃE entra, olhando em volta.

MÃE

Frank, este quarto está uma bagunça. Precisa arrumar isso.

FRANK dá de ombros.

MÃE

O que está fazendo?

FRANK

Só... Você sabe.

Ele olha diretamente para a câmera.

FRANK

O de sempre.

Estou conseguindo. Estou melhorando. E não é só com passinhos de tartaruga; marcho em frente a passos largos. Já se passaram três semanas, e sinto-me mais no controle que nunca. Fui ao Starbucks três vezes, além de ir uma vez às cafeterias Costa e Ginger Biscuit, para tomar milk-shake. Pois é! A Dra. Sarah ficou toda tipo: "Audrey, está progredindo muito rápido!" Depois me aconselhou a não ir depressa demais, todo aquele blá-blá-blá, mas dava para ver que estava impressionada.

Já cheguei até a almoçar em uma pizzaria! Tive de sair antes de comer a sobremesa, pois o restaurante ficou repentinamente barulhento e ameaçador demais; ainda assim, durei uma pizza de quatro sabores diferentes inteirinha. Meus pais foram também, assim como Linus, Frank e Felix, e tive aquela sensação de que éramos... Você sabe. Um grupo normal. Deixando de lado o fato de que um de nós estava em um ambiente fechado de óculos escuros, como fazem algumas pseudocelebridades deprimentes. Comentei isso com mamãe, que disse:

— Acha que é você a anormal? Olha só para o Felix!

O que era um argumento forte, uma vez que o menino usava o amado traje de lycra novo, além de uma máscara de tigre, e começou a fazer um escândalo quando observamos que não conseguiria comer pizza daquele jeito.

Senti-me melhor com aquilo. Na verdade, muitos fatos fazem com que eu me sinta melhor no momento. Ver Linus definitivamente é um deles. Trocamos mensagens o tempo inteiro, e ele me visita todos os dias depois do colégio, e começamos a jogar pingue-pongue no jardim, tipo, obsessivamente. Até Frank junta-se a nós, às vezes.

E hoje foi um dia incrível, pois Linus me deu um presente. Uma camiseta. A estampa é de um ruibarbo; foi comprada pela internet. Meus pais perguntaram:

— Por que um ruibarbo? — E ele piscou para mim e respondeu:



— É uma coisa nossa.

*Uma coisa nossa.*

Não sei o que me deixa mais feliz — se é a camiseta ou a *coisa nossa*. Jamais tive uma *coisa nossa* com um menino. Seja o que for, estou radiante. Mamãe e papai saíram, Frank está fazendo o dever de casa, Felix, dormindo, e eu estou elétrica. Agitada. Vago pela casa com a blusa nova, sentindo uma grande vontade de compartilhar tudo isso. Quero falar com alguém. Encontrar alguém.

*Natalie. Quero encontrar Natalie.*

A ideia é como um raio de sol em meu cérebro, tão positiva que me faz piscar. Quero encontrá-la. Quero minha amiga de volta. Sim. Vou fazer isso. Agora mesmo.

Quase telefonei para Nat algumas vezes desde aquela conversa com mamãe. Houve uma ocasião em que terminava de discar o número quando me acovardei no último instante. Hoje, no entanto, posso encarar o desafio. Com certeza, posso.

Pego o celular e digito o número de Natalie antes que mude de ideia. Sei de cabeça, ainda que não fale com ela há, tipo, um zilhão de anos. A última vez em que nos vimos foi naquele derradeiro dia na escola. Ela chorava, e eu estava, tipo, mais que chorando, e não foi a melhor despedida do mundo.

Escrevo:

Oi, Nat. Como vc tá? Tô mt melhor. Ia adorar ver vc. Bj Auds.

Uns 30 segundos depois chega uma resposta. É como se tivesse ficado sentada ao lado do celular aquele tempo todo, aquelas semanas todas, esperando.

O que talvez tenha feito mesmo. Pisco para a mensagem, que diz:

AI MEU DEUS, Auds. Estava TÃO PREOCUPADA COM VC. Posso passar na sua casa? Posso ir agora? Minha mãe disse que tudo bem. Bjs Nat.

Respondo:

OK. Te vejo daqui a pouco.

E, 5 minutos depois, ao que me parece, a campainha toca. Podem ter sido 10 minutos. Não mais que isso, com certeza. Deve ter saído de casa no mesmo segundo.

Abro a porta e dou um passo para trás, um pouco aflita. Não porque não fiquei feliz ao vê-la, mas por conta de tudo o que trouxe. Segura uma cesta com óleos de banho de presente e um ursinho de pelúcia com uma faixa dizendo *Fique boa logo*, e ainda alguns livros, revistas, barras de chocolate, assim como um cartão enorme.

— Oi — digo debilmente. — Uau.

— A gente queria vir visitar antes — fala Nat apressadamente. — Mas sua mãe disse que... — Ela engole em seco. — Enfim. Então a gente já tinha comprado tudo isso. Ficou lá no hall, só esperando. — Olhando para os braços cheios, comenta: — Eu sei. Parece meio louco.

— Bem... Entra.

Ao se aproximar, não para de fitar os óculos escuros, até que pergunto:

— O que foi?

— Umhas pessoas na escola me disseram que te viram usando esses óculos. — Aponta. — Tipo, na rua. Mesmo quando chove. Ninguém entende por que não os tira nunca.

— É só... Você sabe. — Dou de ombros, um pouco constrangida. — Faz parte da doença e tal.

— Ah. — Nat parece um pouco assustada. — Certo.

Ela entra, deixa toda a parafernália na mesa da cozinha e olha para mim. Por um curto espaço de tempo, há um silêncio desconfortável e incômodo, quebrado apenas pelo relógio tiquetaqueando, e penso: *será que isso foi um erro?*

Estou tensa como um gato. Desconfiada. Não está sendo da maneira como imaginei que seria, mas ver Nat está trazendo à tona todo tipo de memórias que apaguei da mente.

— Desculpe. — Sua voz sai em um fôlego triste. — Auds, me desculpe, me desculpe mesmo...

— Não. — Balanço a cabeça, sem querer entrar na questão. — Não tem por que pedir desculpas.

— Mas eu devia... Eu não... — Lágrimas rolam por seu rosto. — Ainda não consigo acreditar que isso tudo aconteceu.

— Tudo bem. Olha, vem beber alguma coisa.

Sirvo dois copos de uma bebida com xarope de flor de sabugueiro. Devia ter imaginado que ficaria chateada. Em minha mente, pulei por inteiro essa parte. Na verdade, acho que passei por cima meio sem pensar. *Trabalhe com isso*, é o que a Dra. Sarah diria. *Processe*. Como se eu fosse uma máquina de fatiar queijo.

Não acho que Nat tenha processado muita coisa. Sempre que olha para mim, novas lágrimas começam a correr.

— E agora você está doente.

— Estou bem melhor. Muito melhor. Tenho até um namorado!

OK, aquilo souu um pouco abrupto, mas convenhamos — foi essa a razão principal para eu tê-la chamado aqui. Para contar que estou namorando. As lágrimas evaporam instantaneamente enquanto ela se inclina para a frente, curiosa.

— Um namorado? Do hospital?

PQP. O que ela acha, que sou uma doente mental andando por aí com outro doente mental, porque isso é tudo o que posso conseguir agora?

— Não, não é do hospital — digo, com impaciência. — É o Linus. Sabe quem é? Um garoto do ano de Frank, da Cardinal Nicholls?

— Linus? Está falando de... Atticus Finch? — Nat está perplexa.

— Esse mesmo. Foi ele quem me deu isto. — Aponto para a camiseta. — Hoje. Não é legal?

— Isso é um ruibarbo? — Ela parece confusa.

— É. É uma coisa nossa — respondo, com toda a casualidade.

— Uau — diz, parecendo não conseguir processar a novidade. — Então... Há quanto tempo estão saindo?

— Algumas semanas. Vamos ao Starbucks e tal. Tipo... É só... Você sabe. É bem divertido.

— Achei que você estava, tipo, doente mesmo. Tipo, de cama.

— Bem, estava. — Dou de ombros. — Acho que estou me recuperando ou sei lá. — Abro uma barra de chocolate e a quebro em pedaços. — Então, me conta da escola.

Obrigo-me a fazer a pergunta, ainda que a palavra *escola* deixe uma sensação amarga em meu cérebro; como se fosse uma espécie de impressão venenosa.

— Ah, está tudo diferente — responde ela, vagamente. — Você não ia nem acreditar. Agora que Tasha e aquele grupinho foram embora, Katie mudou *totalmente*. Você não ia nem conseguir reconhecer. E Chloe não é mais amiga de Ruby. E sabia que a Srta. Moore foi embora? Bem, a gente tem uma nova vice-diretora agora que é incrível... — Parando de tagarelar, indaga: — Mas então, você vai voltar?

A pergunta me atinge como um soco no estômago. A ideia de voltar àquele lugar me deixa literalmente enjoada.

— Vou para a Heath Academy — conto. — Vou repetir o ano, porque perdi muita aula. Tipo, sou muito nova para ficar no ano seguinte de qualquer jeito, então vai dar tudo certo...

— Podia fazer a mesma coisa na Stokeland — sugere Nat, mas torço o nariz.

— Ia ser estranho. Ficar um ano abaixo de vocês. Enfim... — Pauso. — As pessoas odeiam a gente lá. Meus pais ficaram com

muita raiva. Solicitaram essa grande reunião com todos os dirigentes, começaram a brigar com eles, e tudo ficou... Você sabe. Azedo. — Sei disso por Frank, *não* por meus pais. — Acham que os professores não lidaram bem com a situação.

— Bem, não lidaram mesmo! — Nat arregala os olhos. — Todo mundo diz isso o tempo inteiro. Tipo, meus pais vivem repetindo.

— Bem. Então. Exato. Seria muito estranho voltar.

Parto mais pedaços de chocolate, oferecendo-os. Ela pega um e olha para cima, uma lágrima rolando pela bochecha outra vez.

— Sinto sua falta, Auds.

— Também sinto a sua.

— Foi horrível quando você foi embora. Horrível *mesmo*.

— É.

Ficamos em silêncio — depois, de repente, sem aviso, estamos nos abraçando. Natalie cheira aos produtos da Herbal Essences, como sempre, e tem essa mania de dar tapinhas carinhos nas costas das pessoas, o que deixa meus olhos marejados, apenas por ser um gesto tão familiar.

Senti falta de abraços. Meu *Deus*, como senti.

Quando nos afastamos, estamos rindo, mas também um pouco chorosas. Seu celular toca, e ela o pega com impaciência.

— Oi, mãe — diz brevemente. — Está tudo *bem*. É mamãe — explica ao baixar o telefone. — Está lá fora, esperando no carro. Era para eu mandar mensagem de cinco em cinco minutos, dizendo que está tudo bem.

— Por quê?

— Porque... Você sabe.

— O quê?

— Você sabe. — Natalie gesticula um pouco constrangida, sem olhar para mim.

— Não sei, não.

— Auds. *Você* sabe. Porque você é...

— O quê?

— Mentalmente instável — responde, praticamente em um sussurro.

— Sou o quê? — Eu a encaro, genuinamente boquiaberta. — Como assim?

— Você é bipolar. — Natalie está toda encolhida, desconcertada. — Bipolares podem ficar violentos. Minha mãe só ficou preocupada.

— Não sou *bipolar!* — digo, aturdida. — Quem falou que eu era?

— Não é? — Seu queixo cai. — Bem, minha mãe disse que você devia ser bipolar.

— Então quer dizer que vou te atacar? Porque nunca deveriam ter me deixado sair do hospital e, na verdade, eu deveria estar presa com uma camisa de força? Meu Deus! — Tento me acalmar. — Conheci pessoas bipolares, Nat, que eram totalmente seguras, acredite se quiser.

— Olhe, desculpa! — Ela parece infeliz. — Mas a gente não tinha como saber, não é?

— Minha mãe não *contou* para vocês qual era o problema? Não explicou?

— Bem... — responde, soando ainda mais constrangida. — Minha mãe achou que ela estava dando uma amenizada na história. Tipo, a gente ouviu todos esses boatos...

— Tipo o quê? Que boatos? — Natalie fica em silêncio, e uso meu tom mais ameaçador: — Que boatos, Nat?

— OK! — diz ela apressadamente. — Tipo que você tentou cometer suicídio... Ficou cega... Não consegue mais falar... Ah! E

alguém disse que tinha arrancado os próprios olhos e, por isso, está usando óculos escuros.

— *O quê?* — Sinto-me sem fôlego de tão chocada. — E você *acreditou?*

— Não! — Ela está abobada. — Claro que não acreditei. Mas...

— Arranquei os olhos? Que nem o Van Gogh?

— Foram as orelhas no caso dele — corrige Natalie. — Só uma, na verdade.

— *Arranquei os olhos?* — Estou um pouco histérica. Uma risada estranha e dolorosa borbulha dentro de mim. — Você acreditou, não é, Nat? Acreditou nessas coisas.

— Não acreditei! — Minha amiga fica toda corada. — Claro que não. Estou só contando para você!

— Mas achou que eu fosse uma maníaca bipolar homicida.

— Nem sei o que é uma pessoa bipolar — admite Natalie. — Tipo, é uma daquelas palavras.

— Uma maníaca bipolar homicida que arrancou os próprios olhos. — Uma onda renovada de histeria me toma. — Não é nenhuma surpresa sua mãe estar lá fora esperando no carro.

— Pare! — geme a menina. — Não queria dizer nada disso!

A Natalie é uma idiota completa, e sua mãe consegue ser pior. Ainda assim, não consigo deixar de sentir uma ponta de afeição ao fitá-la, tão infeliz e agitada e sem saber o que dizer. Eu a conheço desde que tínhamos 6 anos, e, mesmo naquela época, era totalmente inocente e acreditava que meu pai realmente era o Papai Noel.

— Está tudo bem comigo — digo finalmente, deixando Natalie se safar. — Está tudo bem. Não se preocupe.

— Mesmo? — Ela me olha cheia de ansiedade. — Meu Deus, Auds, me desculpe. Você *sabe* que não tenho noção de nada. —

Natalie morde o lábio, refletindo. — Mas então... Se não é bipolar, o que é?

A pergunta me pega de surpresa. Tenho de pensar alguns segundos antes de responder.

— Sou uma pessoa que está melhorando — afirmo após um instante. — É isso que sou. — Pego o último pedaço da barra de chocolate e o parto em dois. — Anda. Vamos acabar com isso antes que Frank veja.



A Dra. Sarah adora a história da maníaca bipolar homicida.

Bem, a parte do “adora” é contribuição minha. Na verdade, apenas resmungo e puxa os cabelos com as duas mãos, dizendo “Sério?”. E posso vê-la escrever no caderno de anotações: *programas de ensino das escolas? EDUCAR?????*

Mas apenas rio. Tipo, é engraçado, ainda que esteja tudo errado também. Precisamos admitir isso.

Tenho rido bem mais quando vou ao consultório da Dra. Sarah nos últimos dias. E falo *bem* mais. Por muito tempo, tive a impressão de que a terapeuta tinha mais a dizer do que eu. Parecia que ela fazia o papel do orador, e eu, o de ouvinte em grande parte (para ser justa, eu não era uma superfã de comunicação de qualquer tipo quando nos conhecemos. Para ser ainda mais justa, em nossa primeira sessão, sequer queria entrar na sala, que dirá olhar para ela ou falar). No entanto, as coisas sofreram uma reviravolta agora. Tenho tanto a contar! Sobre Linus, Natalie, todas as minhas aventuras fora de casa, o dia em que peguei um ônibus e não entrei nem um pouco em pânico...

— Mas enfim, acho que é isso — digo, quando termino a última história. — Estou no ponto.

— No ponto?

— Curada.

— Certo. — A terapeuta bate com o lápis, pensativa. — O que quer dizer...

— Você sabe. Estou bem. De volta ao normal.

— Definitivamente está fazendo muito progresso. Estou satisfeitiíssima, Audrey. De verdade.

— Não, não é só “muito progresso” — retruco, com impaciência. — Voltei ao normal. Tipo, você sabe. Praticamente.

— Humm. — A Dra. Sarah sempre faz uma pausa educada antes de me contradizer. — Não voltou à escola ainda — menciona ela. —

Ainda está de óculos escuros. Ainda toma remédios.

— OK, eu disse “praticamente”. — Sinto uma pontada de raiva. — Não precisa ser tão negativa.

— Audrey, só preciso que você seja realista.

— Eu sou!

— Lembra-se do gráfico de progresso que desenhei? A linha cheia de altos e baixos?

— É, bem, mas aquele gráfico é coisa do passado — afirmo. — Este é meu gráfico.

Levanto-me, marcho até o quadro e desenho uma linha reta, subindo sem obstruções até as estrelas.

— Esta sou eu. Não tem mais descida. Agora é só para cima.

A médica solta um suspiro.

— Audrey, adoraria que fosse assim. Mas a maioria esmagadora dos pacientes em recuperação de um episódio como o seu vai encontrar obstáculos. E não tem problema algum. É normal.

— Bem, já tive todos os meus obstáculos. — Olho para ela com firmeza. — Já passei por eles, OK? Não vou passar de novo. Não vai acontecer.

— Sei que está frustrada, Audrey...

— Estou pensando positivo. O que tem de errado com isso?

— Nada. Só não exagere. Não se coloque sob tanta pressão. Corre o risco de criar um obstáculo *real* para si mesma.

— Estou bem — retruco, resoluta.

— Sim, está mesmo. — Assente. — Mas também está fragilizada. Imagine um prato de porcelana que foi colado, mas ainda não secou totalmente.

— Sou um *prato*? — rebato sardonicamente, mas a terapeuta não cai na armadilha.

— Tive uma paciente, há alguns anos, muito parecida com você, Audrey, que estava neste mesmo estágio da recuperação. Decidiu viajar para a Disney em Paris, desconsiderando meus conselhos. — A Dra. Sarah revira os olhos. — Para a Disney! Entre todos os lugares possíveis!

Só a ideia de ir à Disney me faz encolher — não que jamais vá admitir para a médica.

— O que aconteceu? — Não resisto à pergunta.

— Foi demais para ela. Precisou voltar mais cedo da viagem. E senti como se tivesse fracassado. Ficou mais deprimida que nunca, então não fez bem algum ao seu progresso.

— Bem, não vou à Disney. — Cruzo os braços. — Então pronto.

— Ótimo. Sei que você é razoável. — Enquanto me observa, a boca da Dra. Sarah tremelica. — Está animada outra vez, sem dúvida. E a vida está boa?

— A vida está boa.

— E Linus ainda continua sendo... — Ela pausa delicadamente.

— Linus. — Assinto. — Continua sendo Linus. Mandou dizer oi, aliás.

— Ah! — exclama, parecendo surpresa. — Bem, mande oi de volta.

— E ele disse "bom trabalho".

Ficamos em silêncio, e um pequeno sorriso se desenha no rosto da Dra. Sarah.

— Bem — diz ela. — Pode repetir a mesma coisa para ele. Gostaria de conhecer esse Linus.

— É, bem, não vai ficando muito esperançosa, não — digo com seriedade, dando de ombros. — Ele já é meu.

MINHA SERENA E AMOROSA FAMÍLIA — TRANSCRIÇÃO DO FILME

INT. ROSEWOOD CLOSE, N. 5. DIA

PLANO GERAL: LINUS e FELIX estão sentados no jardim. Há um tabuleiro de xadrez entre os dois, que parecem jogar uma partida.

A câmera se aproxima, e as vozes tornam-se audíveis. FELIX move uma peça, olhando triunfante para LINUS.

FELIX

Xadrez.

LINUS move uma peça.

LINUS

Xadrez.

FELIX move uma peça.

FELIX

Xadrez.

LINUS move uma peça.

LINUS

Xadrez.

Ele olha para FELIX com expressão séria.

LINUS

Muito bom esse jogo que você inventou, Felix.

FELIX fica radiante.

FELIX

Eu sei.

LINUS

Como é mesmo o nome que deu para ele?

FELIX

Quadrados.

LINUS se esforça para não rir.

LINUS

Isso mesmo. Quadrados. Então por que a gente não fala "quadrado" quando move as peças?

FELIX o fita com olhar de pena, como se fosse um tolo.

FELIX

Porque a gente diz "xadrez".

LINUS olha para a câmera.

LINUS

É isso aí.

A MÃE chega ao jardim

MÃE

Linus! Você está aqui! Que maravilha. Fala alemão, não fala?

LINUS

(desconfiado)

Um pouco.

MÃE

Ótimo! Bem, pode vir aqui me ajudar a decifrar as instruções da nova lava-louças. O manual inteiro está em alemão. Sério, em alemão. Agora pergunto: por quê?

LINUS

Ah. OK.

Quando se levanta, FELIX agarra sua perna.

FELIX

Lin-us! Brinca de Quadrados!

Neste instante, FRANK chega, brandindo uma revista de jogos eletrônicos para LINUS.

FRANK

Linus, precisa ver isso.

AUDREY (VOICE-OVER)

Qual é o PROBLEMA com essa família? Gente, parem de tentar sequestrar meu namorado, OK?

A Dra. Sarah disse que preciso aumentar o número de interações com estranhos. Não basta ir a um restaurante e me esconder atrás do cardápio, deixando que os outros façam os pedidos por mim (como adivinhou que era o caso?). Tenho de ser capaz de falar com segurança com pessoas desconhecidas. É o dever de casa. Por isso, Linus e eu estamos no Starbucks, e ele está escolhendo alguém aleatório com quem eu possa falar.

No hospital, fizemos todo o tipo de exercício de interpretação, com esse mesmo objetivo. Mas desempenhar um papel é como fazer teatrinho. Você se sente tão *idiota*. Meu Deus, era uma vergonha fingir ter uma “discussão” com um menino magricela que você sabia que praticamente teria um ataque de pânico se olhassem para ele. E os conselheiros eram obrigados a nos dizer o que falar quando a imaginação secava, instruindo:

— Olhe a linguagem corporal, Audrey.

Enfim. Aquilo era um saco total, mas até que isto é divertido. Porque vou ter minha vez, em seguida Linus terá a dele. É tipo um desafio.

— OK, aquele cara. — Linus aponta para um homem sentado a uma mesa de canto, escrevendo no laptop. Está na casa dos 20 anos, usa cavanhaque, uma camiseta cinza e tem uma daquelas bolsas transversais de couro tipo carteiro que Frank despreza. — Vá até lá e pergunte se está conseguindo usar o Wi-Fi.

Sinto uma bolha de pânico, que tento engolir. O homem parece absorto em seu trabalho. Não parece receptivo a qualquer interrupção.

— Ele está com cara de quem está superocupado — tergiverso. — Não pode ser outra pessoa? O que acha da velhinha ali? — Há uma senhora de cabelos brancos e expressão doce sentada à mesa ao lado, que até já sorriu em nossa direção.

— Fácil demais. — Linus é inflexível. — Não vai nem precisar falar nada, ela vai simplesmente começar a tagarelar. Vá lá e

pergunte àquele cara se está conseguindo sinal. Vou esperar aqui.

Tudo em meu corpo me diz para não ir, mas Linus está ali, me encarando, por isso forço os músculos da perna a funcionarem. De alguma forma, atravesso o café e agora estou parada na frente do homem, que sequer olhou para mim. Continua apenas a digitar, franzindo o cenho.

— Humm, oi? — digo.

Digita-digita-digita-franze-cenho.

— Oi? — Tento novamente.

Digita-digita-digita-franze-cenho. Sequer ergueu o rosto.

Quero tanto desistir. Mas Linus me observa. Tenho de terminar isso.

— Com licença? — Minha voz sai tão alta que quase pulo de medo, e o homem finalmente levanta os olhos. — Queria saber se você conseguiu Wi-Fi?

— O quê? — Ele faz uma carranca.

— Wi-Fi? Conseguiu sinal aqui?

— Meu Deus. Estou tentando *trabalhar*.

— OK. Foi mal. Só queria saber...

— Do Wi-Fi. Você é cega? Não consegue ler, não? — O homem aponta para um quadrinho no canto da cafeteria que dá a senha de acesso para o Wi-Fi do Starbucks. Então, repara nos óculos escuros. — Você é cega mesmo? Ou só anormal?

— Não sou cega — respondo, com voz trêmula. — Era só uma pergunta. Desculpe ter incomodado.

— Retardada de merda — resmungo ao voltar a digitar.

Lágrimas se acumulam em meus olhos, e as pernas estão bambas ao fazer o caminho de volta. Mantenho o queixo erguido, no



entanto. Estou determinada a não me desfazer. Quando volto à mesa, me obrigo a estampar um sorriso medonho no rosto.

— Consegui!

— O que ele falou? — inquire Linus.

— Me chamou de retardada de merda. E de cega e anormal. Mas, fora isso, foi um amor.

As lágrimas já começam a rolar por minhas bochechas, e Linus as encara, alarmado.

— Audrey!

— Não, tudo bem — digo com firmeza. — Estou bem.

— Babaca. — O menino olha para o homem da camiseta cinza ameaçadoramente. — Se não quer ser incomodado, não devia estar em um lugar público. Sabe quanto dinheiro deve estar poupando com aluguel? Compre um café e fica sentado ali por uma hora e quer que o mundo ande nas pontas dos pés ao redor. Se quer um escritório, devia pagar por ele. Filho da puta.

— Que seja, eu consegui — falo alegremente. — É sua vez.

— É com ele mesmo que vou falar. — Linus levanta-se. — Não vai ser um sacana e se livrar fácil assim.

— O que você vai dizer? — pergunto, em pânico. Receio sufocante ocupa todo o espaço do meu peito, e nem sei de que tenho medo. Simplesmente não quero que Linus vá até lá. Quero ir embora. — Senta — suplico. — Vamos parar com o jogo.

— Esse jogo ainda não acabou. — Piscando para mim, segue até a mesa de canto, com o café na mão. — Oi! — Linus cumprimenta o homem com uma voz infantil tão alta que metade das pessoas no lugar olha em volta. — É um MacBook da Apple, não é?

O sujeito olha para cima como se não pudesse crer que está sendo interrompido outra vez.

— É — responde ele, curto e grosso.

— Poderia me dizer quais são as vantagens desse laptop em relação a outras marcas? — pede Linus. — Porque quero comprar um computador. O seu é bom mesmo? Aposto que é. — Senta-se com o homem. — Posso mexer?

— Olhe, estou ocupado — diz ele. — Será que pode ir sentar em outro lugar?

— Está trabalhando?

Há um silêncio enquanto o cara continua a digitar, e Linus se inclina para a frente.

— Está trabalhando? — repete mais alto.

— Estou! — Ele o olha feio. — Estou trabalhando.

— Meu pai trabalha em um escritório — continua Linus, com tom ingênuo. — Você não tem um, não? O que você faz? Posso ser, tipo, sua sombra? Será que pode ir ao meu colégio fazer uma palestra? Ih, olhe só, seu copo está vazio. Vai comprar outro café? Era um cappuccino? Gosto de meu café com espuma de leite. Como é que fazem espuma de leite? Você sabe? Pode pesquisar para mim?

— Escute. — O homem fecha o computador com força. — Garoto. Estou trabalhando. Será que pode ir procurar outra mesa?

— Mas a gente está no Starbucks — responde ele, com surpresa. — As pessoas podem sentar onde quiserem. Não é proibido. — Chamando uma garçonete que está recolhendo copos vazios, pergunta: — Desculpe, mas eu posso sentar em qualquer lugar, não posso? Não é assim que o Starbucks funciona?

— Claro — responde ela, e sorri. — Onde quiser.

— Viu só? Onde eu quiser. E ainda estou tomando meu café, mas você, não — observa Linus. — Já terminou o seu. Ei, espere. — Ele entrega o copo para a garçonete. — Viu? — Vira-se para o homem. — Já acabou. Devia comprar outro ou ir embora.

— Cacete! — Com jeito de quem quer explodir, o sujeito enfia o laptop na bolsa e se levanta. — Essas *crianças* de merda —

resmungando ele. — É inacreditável.

— Tchau, então — despede-se Linus com inocência. — Divirta-se sendo um babaca.

Por um instante, acho que o desconhecido vai lhe dar um soco, mas é claro que não o faz. Simplesmente sai com expressão assassina. Linus fica de pé e volta ao lugar na minha frente, o rosto todo aberto em seu sorriso de gomo de laranja.

— Meu Deus. — Expiro. — Não acredito que fez isso.

— Da próxima vez, é você quem vai fazer.

— Eu não ia conseguir!

— Ia, sim. É divertido. — Linus esfrega as mãos uma na outra. — Pode vir para cima.

— OK, me dá outro alvo — peço, inspirada. — Outro desafio.

— Pergunte à garçonete se vendem muffins de menta aqui. Vai. — Ele a chama, e a moça chega sorridente. Sequer tive tempo para pensar se estou nervosa ou não.

— Com licença, vocês têm muffin de menta? — pergunto, adotando o tom de voz inocente e infantil de Linus. Por alguma razão, tentar imitá-lo me dá forças. Não sou eu, não sou Audrey. Sou uma personagem.

— Ah, não. — Ela balança a cabeça. — Desculpe.

— Mas vi que tinha no site — insisto. — Tenho certeza disso. Muffin de menta com recheio de chocolate? Com, tipo, granulado?

— E aquelas balinhas de menta em cima — intromete-se Linus, muito sério, e quase começo a gargalhar.

— Não. — A garçonete parece confusa. — Nunca nem ouvi falar.

— Ah, que pena — digo, com educação. — Mas obrigada mesmo assim. — Quando se afasta, dou um sorriso para Linus, sentindo uma ligeira tontura. — Consegui!

— Você consegue falar com qualquer um. — Assente. — Da próxima vez, por que não arruma um palanque e faz um discurso?

— Adorei a ideia! — respondo. — E a gente convida, tipo, mil pessoas.

— Então quer dizer que o gráfico está subindo. A Srta. Audrey está a caminho das estrelas. — Linus sabe sobre o gráfico de altos e baixos/só de altos, pois lhe contei a respeito. Até os desenhei.

— Com certeza. — Faço um brinde com o copo de café. — A Srta. Audrey está a caminho das estrelas.

O que apenas reforça o argumento: estou no comando do gráfico. *Eu*. E se quiser um gráfico subindo em linha reta, terei um.

Por isso, na sessão seguinte com a Dra. Sarah, minto um pouquinho ao preencher o questionário.

*Teve preocupações na maioria dos dias?* Não, absolutamente.

*Acha suas preocupações difíceis de controlar?* Não, absolutamente.

Ela olha a folha com uma sobrancelha erguida quando a entrego.

— Bem. Isto é uma grande evolução!

— Viu só? — Não consigo evitar. — Viu só?

— E tem algum palpite a respeito de qual foi a razão por trás dessa evolução tão grande durante a semana, Audrey? — A médica sorri para mim. — A vida é boa, é só isso? Ou teve algo mais? Alguma mudança?

— Não sei. — Dou de ombros com inocência. — Não consigo pensar em nada em especial que tenha mudado.

O que é outra mentira. Algo que mudou foi: parei de tomar os medicamentos. Simplesmente tiro os comprimidos da cartela e me desfaço deles em um envelope fechado (não jogo na privada, porque todas as substâncias químicas espalham-se na água ou coisa assim).

E sabe do que mais? Não notei nada de diferente. O que simplesmente comprova que não precisava deles.

Não contei a ninguém. Bem, obviamente não, porque iriam todos surtar. Vou esperar tipo um mês, depois os informar casualmente, tipo: *estão vendo só?*

— Eu te disse — falo para a terapeuta. — Estou no ponto. Pronta. Curada.

Mamãe está em clima de arrumação total. Varre a casa enquanto arruma, gritando:

— De quem são esses sapatos? O que estão *fazendo* aqui? — E todos nos escondemos no jardim. Quero dizer, Frank, Linus, Felix e eu. Está fazendo calor também, então aproveitamos para nos sentar na grama e ficar de bobeira, colhendo margaridas.

Ouvimos um ruído, e papai surge ao lado do arbusto atrás do qual estamos abrigados.

— Oi, pai — cumprimenta Frank. — Veio se juntar à Aliança Rebelde?

— Frank, acho que sua mãe quer falar com você — anuncia ele.

*Sua mãe. Código para: não me coloque no meio do plano maluco da vez. Não tenho nada a ver com isso.*

— Por quê? — Meu irmão faz uma carranca. — Estou ocupado.

— Ocupado se escondendo atrás de um arbusto? — pergunto, com um bufo e uma risada.

— Você se ofereceu para ajudar? — arrisca papai. — Com os preparativos do evento da Avonlea? Acho que estão começando.

— Não me ofereci nada — retruca o menino, com expressão indignada. — Não me *ofereci*. Fui forçado. Isso é trabalho forçado.

— Você tem uma boa vontade tão grande — observo. — Ajudando o próximo e tudo.

— Não vi *você* ajudando o próximo — rebate ele.

— Vou ajudar o próximo. — Dou de ombros. — Não me importo de fazer alguns sanduíches.

— De qualquer forma, o *próximo*? — ataca ele. — Que machista. Legal saber que você é machista, Audrey.

— É uma expressão.

— Machista.

— Acho que a gente devia ir logo — interrompe papai. — Ela está pronta para soltar os cachorros.

— Estou aqui entretendo Linus — argumenta Frank, sem mover um dedo. — Estou entretendo um convidado. Quer que eu abandone a visita?

— Ele é *meu* convidado — retruco.

— Era meu amigo primeiro. — Frank me encara feio.

— Tenho de ir mesmo — diz Linus diplomaticamente. — Treino de polo aquático.

Depois que ele foi embora, escutamos mamãe gritar:

— Chris! Frank! *Cadê* vocês? — Naquele seu tom mais ameaçador que diz “vocês-vão-me-pagar”, e nos damos conta de que não há mais razão para nos escondermos. Frank se arrasta de volta até a casa, como se fosse um condenado, e inspiro fundo algumas vezes, porque me sinto meio irritadiça.

Assim, estou bem. Não estou em pânico nem nada. Só um pouquinho...

Bem. Um pouco agitada. Não sei por quê. Provavelmente estou apenas voltando ao normal depois de todos esses meses poluindo o organismo com substâncias químicas. Tipo, quando foi a última vez em que soube o que *era* normal?

A cozinha está cheia das pessoas mais bizarras. Há uma senhora bem velhinha vestindo um *tailleur* roxo antiquíssimo, que é da mesma cor de seus cabelos — claramente uma peruca. Outra senhora, esta de meia-idade, usa tranças e sandálias. Há também um casal rechonchudo com pulôveres iguais da igreja St. Luke. E um homem de cabelos brancos em uma cadeira de rodas motorizada.

A cadeira é bem maneira, na verdade. Mas *meio* que atrapalha, ficando no caminho de todos.

— Certo! — Mamãe entra e bate palmas. — Sejam bem-vindos, todos vocês, e obrigada por estarem aqui hoje. Então, a festa

começa às três. Comprei vários ingredientes... — Ela começa a tirar a comida das sacolas de supermercado, colocando-as sobre a mesa da cozinha (coisas como tomates e pepinos, alface e pão, frango e presunto). — Pensei em fazer sanduíches, rolinhos recheados, humm... Alguém mais tem alguma ideia?

— Enroladinhos de salsicha? — sugere a mulher gorducha.

— Certo. — Mamãe assente. — Mas você quer dizer comprados ou caseiros?

— Aah. — Ela parece confusa. — Não sei. Mas as pessoas gostam de enroladinhos de salsicha.

— Bem, não temos isso aqui. Nem salsichas, aliás. Então...

— Que pena — lamenta-se a mulher. — Porque as pessoas gostam disso.

O marido concorda com a cabeça.

— Gostam mesmo.

— Todo mundo ama enroladinho de salsicha.

Posso notar que mamãe está ficando um pouco tensa.

— Quem sabe da próxima vez — diz ela alegremente. — Continuando. Então, pensei em... sanduíche de salada de ovos?

— Mãe! — reclama Frank, horrorizado. — Isso é podre!

— Eu gosto! — retruca mamãe na defensiva. — Alguém mais gosta de sanduíche de salada de ovos?

— Querida, acho que podemos fazer coisa melhor que salada de ovos. — Uma voz masculina interrompe, e todos erguem os rostos. Um cara que nunca vi antes entra na cozinha. Deve ter 20 e poucos anos. Tem a cabeça raspada, cerca de seis piercings em uma das orelhas e usa um daqueles uniformes de chefe de cozinha.

— Meu nome é Ade — apresenta-se o homem. — Sou neto de Derek Gould, que acabou de se mudar para a Avonlea e me falou sobre o evento. O que vamos preparar?



— Você é chef? — Mamãe o fita abismada. — Chef *profissional*?

— Trabalho no Fox and Hounds. Tenho uma hora livre. É isso que tem disponível? — pergunta, enquanto gira as compras da mamãe nas mãos. — Acho que dá para fazer uns recheios frescos para os wraps... Quem sabe uma salada Waldorf... E até assar esse funcho e fazer um molho de limão com estragão...

— Rapazinho. — A senhora de roxo agita a mão diante do rosto dele. — Como vamos manter as saladas frescas em um dia como o de hoje?

Ade parece surpreso.

— Ah, trouxe umas caixas térmicas do pub. Trinta. E todo o resto do material para o bufê. Podem devolver tudo amanhã.

A mulher de roxo pisca, surpresa, para o jovem.

— Caixas térmicas? — Mamãe começa a ficar com uma expressão empolgadíssima. — Material para o bufê? Você é um anjo!

— De boa. OK, então, o menu vai ser wrap de salada Waldorf, de feijão, umas duas saladas diferentes...

— Humm, dá para usarmos os ovos? — indaga mamãe, um pouco envergonhada. — Comprei um monte para fazer os sanduíches, mas ninguém parece ser muito fã da ideia.

— Tortilha espanhola — sugere o rapaz, sem titubear. — A gente coloca chouriço, alho, frita as cebolas e serve em pedaços...

*Adoro* tortilha espanhola. Esse cara é tão irado!

— Comprei vários pimentões também — continua mamãe, com ansiedade, entregando um a ele. — Dá para entrar na mistura?

— Perfeito.

Ade pega o fruto e o avalia, girando na mão. Abre a mochila para revelar um conjunto de facas, todas guardadas com zelo. Assistimos com olhos esbugalhados enquanto pega uma tábua de cortar da mesa, pousa o pimentão sobre ela e começa a picar.

Meu Deus, *nunca* vi ninguém cortar algo com tanta agilidade.

Corta-corta-corta-corta-corta.

Todos na cozinha o fitam abismados. Até Frank. Na verdade, especialmente ele. Quando Ade termina, batemos palmas, e Frank é o único ainda paralisado, os olhos grandes como pires.

— Você. — Ade parece notá-lo. — Comece a cortar as coisas em cubos.

— Mas... — Meu irmão engole em seco. — Não sei fazer isso.

— Eu te ensino. É tranquilo. — Ele o olha de cima a baixo. — Vai cozinhar assim? Não tem um avental?

— Posso arranjar um — garante Frank apressadamente, e sufoco o riso. Frank vai vestir um *avental*?

Ade vasculha os armários, jogando ingredientes no balcão.

— Vou fazer uma lista de compras — anuncia ele. — A gente precisa de queijo parmesão, mais alho, harissa... Quem vai ser o encarregado? — Reparando em mim, pergunta: — Gatinha de óculos. Quer ser nossa compradora?



Fazer compras no supermercado é meio que OK para mim agora.

Tipo, nem sempre é *fácil*. Ainda preciso lidar com meu cérebro reptiliano, que entra em ação sempre que não quero. Ao longo dos últimos dias, tenho sentido, tipo, ondas de pânico em momentos aleatórios, o que é bem irritante, porque achei que tivesse me livrado delas.

Apreendi, porém, a não *lutar* contra o cérebro reptiliano, mas meio que o *tolerar*. Ovi-lo, depois dizer: “aham, está bem.” Da mesma forma como se tolera uma criança de 4 anos. Passei a ver meu cérebro reptiliano basicamente como uma versão de Felix. Funciona na hora que quer, sem qualquer padrão discernível, não faz sentido algum, e você não pode deixá-lo comandar sua vida. Se deixássemos meu irmãozinho no comando, vestiríamos trajes de

super-herói o dia inteiro e não comeríamos coisa alguma além de sorvete.

Se tentar lutar contra Felix, no entanto, o que receberá em resposta são lamúrias e gritos e pirraça, o que torna tudo mais e mais estressante. A técnica, portanto, é deixar entrar por um ouvido e sair pelo outro, assentir, depois o ignorar, fazendo o que você bem entender.

O mesmo método serve para o cérebro reptiliano.

De modo que, quando fico paralisada de terror repentinamente na entrada do supermercado, me forço a sorrir e dizer: "Boa tentativa, cérebro reptiliano." Digo-o em voz alta e expiro 12 vezes (se expirar muito lentamente, você regula o dióxido de carbono no cérebro e se acalma, de imediato. Tente fazer se não acredita em mim). Então caminho para dentro do estabelecimento, fazendo a melhor imitação de alguém que não poderia ligar menos para o que o velho réptil pensa.

E sabe do que mais? Meio que dá certo.



Quando volto para casa, com duas sacolas de compras nas mãos, paro com estupefação. Frank está no balcão, picando.

Veste um dos aventais da mamãe enquanto segura uma faca que não reconheço, e aprendeu a cortar daquele jeito maneiro de chef. Aquele corta-corta. Superdepressa. Está com o rosto rosado e totalmente absorto. Tipo, nem nota que o observo, tampouco faz piadinha.

— Maravilha! — Ade me vê, tomando as sacolas de mim. — Vamos pegar esse alho aqui. — Ele cheira e descasca a pele externa áspera. — Lindo. OK, Frank, quero isso picado em cubinhos pequenos. Todo.

— Sim, chef — responde ele, sem fôlego, em seguida pega o alho.

Sim, chef?

*Sim, chef?*

OK, o que aconteceu com Frank?

MINHA SERENA E AMOROSA FAMÍLIA – TRANSCRIÇÃO DO FILME

INT. ROSEWOOD CLOSE, N. 5. DIA

A câmera entra na cozinha, onde Frank está debruçado sobre o laptop do PAI.

AUDREY (VOICE-OVER)

Então, tivemos a festa hoje. Foi legal. Ganhei isto na rifa.

A mão de alguém pega da mesa uma espécie de capa cor-de-rosa para rolos de papel higiênico.

AUDREY (V.O.)

É para colocar no papel higiênico. Não é, sei lá, a coisa mais nojenta que você já viu?

Coloca a capa de volta no lugar.

AUDREY (V.O.)

Mas todo mundo AMOU a comida. Tipo, acabou tudo em, sei lá, 5 minutos, e até recebeu menção honrosa do prefeito.

A câmera focaliza em Frank, que assiste a um vídeo no YouTube de um chef picando alimentos.

FRANK

Acha que a mamãe me daria um conjunto de facas? Tipo, facas de verdade?

AUDREY (V.O.)

Sei lá. Quanto custa?

O menino abre uma nova janela.

FRANK

O preço dessas aqui é 650 libras.

AUDREY (V.O.)

Ah, claro, certamente.

FRANK

Quem faz isso precisa de facas boas. Ade disse que posso ir ao pub para aprender outras técnicas. Só que vou ter de dar uma lavada nos pratos, ou coisa do tipo... Mas, sabe, se eu fizer isso, ele vai me ensinar as coisas.

Frank olha para cima, com o rosto iluminado.

AUDREY (V.O.)

Que demais!

FRANK

Tem essa parada que ele faz com um maçarico. Aí queima a pele de uma galinha inteira.

AUDREY (V.O.)

Uau. Bem, a comida dele é uma delícia. Não paravam de comentar.

FRANK

A salada Waldorf precisava de mais tempero. Foi isso que Ade disse.

AUDREY (V.O.)

Para mim, estava boa.

A câmera sai da cozinha em direção à porta do jardim. Faz uma parada. Vemos a MÃE e o PAI ao lado da casinha de brincar, falando baixo. A MÃE segura uma carta enquanto gesticula furiosamente.

MÃE

Nem acredito que puderam fazer um pedido desses.

PAI

Anne, não leve para o lado pessoal.

MÃE

Como não vou levar para o lado pessoal? Como tiveram a coragem? A ousadia?

PAI

Eu sei. É um absurdo.

MÃE

É uma monstruosidade! Consegue ver o mal que eles poderiam causar a Audrey? Vou mandar um e-mail para essa mulher hoje mesmo e dizer o que penso dela e...

PAI

Eu mando o e-mail.

MÃE

(com ferocidade)

Bem, vamos escrever juntos. E você NÃO vai me censurar, Chris.

PAI

Vamos resolver o que escrever juntos. Também não é bom sermos agressivos demais.

MÃE

Agressivos demais? Está brincando?

AUDREY (V.O.)

Sobre o quê?

Os dois se viram, chocados.

AUDREY (V.O.)

O que está acontecendo?

MÃE

Audrey!

PAI

Não é nada, querida.

MÃE

Nada com que precise se preocupar.

Humm, a festa não foi divertida?

Há uma pausa enquanto a câmera passa por suas expressões ansiosas e faz um close na mão da MÃE, apertando a carta.

AUDREY (V.O.)

(lentamente)

Foi. Super.



O que era aquilo que estavam olhando? O quê?

Estou totalmente atordoada. Meus pais jamais se comportaram daquela maneira antes. Estavam tão preocupados com a possibilidade de eu descobrir sobre o que falavam que chegaram até a ser agressivos. Tipo, para mamãe só faltava rosnar.

Seja o que for, não querem que eu faça a menor ideia do conteúdo da carta.

Estou perplexa. Sequer consigo repassar todas as teorias possíveis em minha cabeça e as eliminar, pois não há teorias. Talvez tenha algo a ver com a Dra. Sarah? É a única possibilidade em que consigo pensar. Talvez queira começar algum tratamento experimental bizarro comigo, e meus pais estão furiosos pela proposta?

Ela não faria algo assim, no entanto. Não jogaria uma coisa dessas em cima de mim do nada. Não é? E meus pais não a chamariam de *eles*.

À noite, no jantar, toco no assunto outra vez, e os dois praticamente arrancam minha cabeça.

— Não é nada — diz mamãe, comendo seu prato de massa muito depressa e de forma contrariada. — Nada.

— Mãe, é alguma coisa.

— Você não precisa saber de todas “algumas coisas” do mundo, Audrey.

Ao ouvir isso, sinto uma pontada repentina de medo — mamãe está doente ou algo assim? Será que alguma tragédia familiar colossal está em vias de nos acertar como um caminhão, e é por isso que não querem falar a respeito?

Não, ela disse *causar mal a Audrey*. E *eles*. O mistério está todo no *eles*, sejam quem forem.

Na mesma noite, meus pais passam, tipo, duas horas trancados na salinha do papai. Quando finalmente emergem de lá, mamãe diz: “Bem, então é isso.” Há uma espécie de aura sombria e satisfeita ao redor dela. Tenho a sensação de que o e-mail não foi nada contido.

Papai anuncia que vai sair por uma meia horinha rápida com Mike, o amigo com quem joga squash, e mamãe diz que vai tomar um banho. Espero até ouvir a água correndo, depois procuro Frank, que está no quarto, ouvindo música no iPod.

— Frank, consegue entrar no e-mail do papai? — pergunto em voz baixa.

— Consigo. Por quê?

— A gente pode fazer isso, então? Agora?

Pela maneira como acessa sem complicações a caixa de e-mails de papai, fica claro que já o fez antes. Sabe até a senha esquisita, que é toda feita de símbolos e números e essas bobagens.

— Você tem o hábito de ler os e-mails do papai? — indago com curiosidade, equilibrando-me no braço da cadeira.

— Às vezes.

— E ele sabe?

— Claro que não. — Meu irmão clica em um conjunto de mensagens de alguém chamado George Stourhead. — Tem umas paradas bem interessantes. Sabia que ele fez uma entrevista para outro emprego no ano passado?

— Não.

— Não conseguiu. Mas o colega dele, Allen, acha que a empresa está encrocada, de qualquer forma, então é até bom papai não ter nada a ver com isso.

— Ah. — Tomo um tempo para digerir. — Isso não é interessante.

— É melhor que dever de geografia. Ah, e estão planejando uma festa de aniversário surpresa para mim, então finge que não sabe, OK?

— Frank! — gemo. — Por que me contou?

— Não contei. — Aperta os lábios um contra o outro. — Não disse nadinha. OK, o que estamos procurando aqui?

— Não sei. Algum e-mail que mamãe tenha escrito com raiva.

Frank levanta os olhos de uma maneira tão cômica que não consigo deixar de rir.

— Pode ser mais específica?

— Certo. Bem... Sei lá. Tem a ver comigo. Pesquise *Audrey*.

Frank me lança um olhar esquisito.

— Quase todos os e-mails têm a ver com você, Audrey. Não sacou ainda, não? É o assunto principal da família.

— Ah. — Fito-o, surpresa. Não sei o que responder. Não quero ser o assunto principal. Aliás, não sou.

— Está de sacanagem — retruco. — Não sou o assunto principal nada, *você* é. Mamãe só fala de você, o dia inteiro. Frank isso, Frank aquilo.

— Mas só *escreve* sobre você. Audrey isso, Audrey aquilo — declara, encarando-me seriamente. — Pode acreditar.

Fico muda por um minuto. Jamais achei que mamãe tivesse um mundo de e-mails secreto. Mas claro que tem. Fico imaginando o que deve dizer. Eu poderia olhar, Frank poderia me mostrar, eu poderia pedir...

Ao pensar na possibilidade, é como se um grande portão de ferro se fechasse em minha mente. Não. Não vou olhar. Não vou olhar coisa alguma além do estritamente necessário. Não quero saber o que mamãe secretamente pensa. Todos temos direito à privacidade.

— Você não devia ficar espionando nossos pais — digo.

— Você está fazendo a mesma coisa — retruca Frank.

— OK, mas... — Encolho-me, sabendo que tem razão. — É necessário. É coisa de uma única vez e tem a ver comigo e é importante e... Nunca mais vou fazer isso.

— É esse aqui, aposto. — Meu irmão clica em um e-mail enviado recentemente, intitulado *Seu pedido*.

Quando abre o texto, corro os olhos até o final: está assinado Anne e Chris Turner.

— Meu Deus. — Frank dá uma risada abafada. — Mamãe deu um esporro sério na pessoa.

— Sshh! Me deixe ler!

Olho por sobre seu ombro e aperto os olhos para as palavras.

Cara Sra. Lawton,

Escrevemos este e-mail sentindo estupefação, horror e tristeza. Primeiro, pelo fato de a senhora ter tido a coragem de escrever diretamente para nossa filha Audrey, de uma maneira completamente inadequada. Segundo, por ter feito um pedido tão absurdo. Sinto muito por sua filha Izzy estar com problemas, mas, se acha que Audrey estará disposta a encontrá-la, é sinal de que a senhora só pode ter enlouquecido. Lembra-se de nossa situação? Lembra-se do fato de que nossa filha foi perseguida pela sua (entre outras)? Está ciente de que Audrey não voltou à escola desde o incidente e passou semanas no hospital?

Não nos importa se Izzy quer se desculpar ou não. Não vamos correr o risco de infligir mais dano à saúde mental de nossa filha.

Atenciosamente,

Anne e Chris Turner.

— Quem é Izzy? — indaga Frank. — Uma daquelas garotas?

— Isso. — Estou sentindo aquela sensação nauseante e venenosa outra vez. Apenas o nome, *Izzy*, me causa a reação. —

Não dá para acreditar que ela quer falar comigo — digo, os olhos fixos nas palavras. — Depois desse tempo todo.

— Bem, eles já disseram não. Então está livre dessa.

— Não estou, não.

— Claro que está! Olha, mamãe e papai vão te dar todo o apoio. Não precisa falar com ninguém. Audrey, praticamente nem tem mais de ir à *escola* na vida. Pode simplesmente fazer o que quiser. Não vê como é boa sua situação? — Frank clica em outro e-mail. — Não vê mesmo, não é? É um desperdício.

Estou apenas meio consciente do que diz. Os pensamentos revolvem em espirais no cérebro. Pensamentos que sequer eu mesma compreendo. Pensamentos que não quero ter.

Sem sequer me dar conta, encolhi-me no chão e enterrei a cabeça nas mãos. Preciso usar toda a energia que tenho para refletir.

— Aud? — Frank parece notar de repente. — Aud, o que foi?

— Você não entende — digo. — Ler esse e-mail... Saber que pediram isso... Não me deixa livre *disso*.

— Por quê?

— Porque...

Não posso dizê-lo. As palavras estão em meu cérebro, mas não as quero ali. Não sei por que estão lá. Mas não desaparecem.

— Vai ver eu devia falar com ela — digo, com esforço. — Vai ver eu devia ir lá e falar com ela de uma vez.

— O quê? — pergunta ele, horrorizado. — Por que faria isso?

— Não sei. Porque... Não sei. — Aperto a cabeça com força. — Não *sei*.

— É uma ideia de bosta — proclama Frank. — É tipo convidar um monte de coisa ruim para dentro de sua vida. Sabe, você já passou por muita merda, Aud. Não piore as coisas. Ei, papai tem um link de

um teste: *Que personagem de Os Simpsons você é?* — comenta. — Você devia fazer. Onde é que está... — Meu irmão clica aleatoriamente pelo desktop. — Papai até que é um cara bem engraçado...

— Pare com isso. Preciso pensar.

— Você pensa demais. É esse o problema. Pare de pensar. — Frank interrompe um clique. — Ih. Merda. Não sei o que acabei de fazer. Você viu?

— Não.

— Acho que deletei um documento. Ops. — Ele clica enlouquecidamente. — Anda, seu bosta... *Desfaz*. Ei, não conta para papai que a gente fez isso, certo? Porque, se tiver perdido qualquer coisa, ele vai ficar *louco* da vida...

Meu irmão diz algo mais, porém saio da sala, sem nem o ouvir. Minha cabeça é um vórtice, meu coração está martelando no peito, e me sinto surreal.

Desculpar-se. Não consigo imaginar Izzy se desculpendo. Não consigo imaginá-la dizendo muito. Nunca foi a principal. Meio que ficava para trás no grupinho e concordava e baixava a cabeça para tudo o que Tasha queria. Bem, convenhamos, todos em minha turma baixavam as cabeças para Tasha. Pois, se eu fosse a vítima, eles não seriam. Até mesmo Natalie parou de me defender...

Não. Não vamos entrar mais nisso. Natalie estava assustada. Já fiz as pazes com ela. Está tudo bem.

Tasha é o monstro. É quem faz minha pele arrepiar-se toda. É inteligente e esperta, e motivada e bonita em um estilo atlético, com o maxilar pronunciado. Todos os professores a adoravam. *Adoravam*. Você sabe, até descobrirem a verdade e tudo mais.

Tive muito tempo para refletir. E cheguei à conclusão de que o fez por diversão. Sabe? Porque *podia*.

Minha teoria é de que Tasha vai ganhar muitos prêmios um dia. Será algum gênio da publicidade, vendendo uma mensagem ao público e fazendo o mundo inteiro acreditar nela — tudo de uma maneira incansável, incessante e realmente inspiradora. Será uma daquelas publicitárias que enganam o consumidor de modo a não se dar conta de que está sendo convencido; você apenas cede, começando a agir da forma que ela quer. Tasha vai usar e descartar pessoas. Todos para quem sorrir vão cair no feitiço, juntando-se ao time. As pessoas que a odeiam se sentirão totalmente usadas e arruinadas, mas quem se importa com elas?

A verdade — que, aliás, nenhum adulto jamais admitiria — é que toda aquela experiência provavelmente a tornará um sucesso na vida. Foi, tipo, o projeto mais bem-acabado que se pode imaginar. Foi inovador. Prolongado. Se fosse um projeto de conclusão de curso — *Atormentar Audrey Turner usando uma variedade de métodos criativos* — teria tirado 10.

Tipo, sim, ela foi expulsa no fim das contas. Mas isso é só um detalhe pequenino, não?

No fim, não conseguirei descansar até colocar isso para fora. Portanto, caminho até o andar de baixo, muito depois das 23 horas, quando já deveria estar na cama, e pego meus pais na cozinha fazendo chá de ervas.

— Mãe, li seu e-mail e acho que eu devia falar com Izzy — digo.  
Pronto. Feito.



A resposta de mamãe foi não. E a de papai também.

Ela ficou irada. Tipo, estava irada com a Sra. Lawton, era o que repetia, mas parecia que estava ainda mais comigo, a julgar pela maneira como voltava aos mesmos tópicos.

Sei que ler e-mails privados é ultrapassar todos os limites.

Sei que meus pais estão lidando com questões sérias e que não podem fazê-lo se estiverem constantemente com medo de que eu entre em suas contas de e-mail.

Quero viver em uma casa cujas portas estão permanentemente trancadas? (Não.)

Quero viver em uma família em que não existe confiança? (Não.)

Espere um minuto aí, foi Frank quem fez isso? Seu irmão ajudou? (Silêncio.)

As narinas de mamãe estavam pálidas, as veias na testa pulsavam, e papai tinha uma expressão grave, seriamente grave, como não exibia havia um tempo; os dois estavam cem por cento decididos que falar com Izzy não estava em discussão.

— Você está *frágil*, Audrey — repetia mamãe sem parar. — Como uma peça de louça que acabou de ser colada.

Ela pegou a metáfora emprestada da Dra. Sarah.

Será que costuma falar com a terapeuta pelas minhas costas? Isso jamais tinha me ocorrido. Mas, também, posso ser bem lerda para entender certos fatos, isso é claro.

— Querida, sei que acha que será uma experiência catártica, em que vai expor seu lado da história e todos vão aprender algo valioso — pondera papai. — Mas, no mundo real, isso não acontece. Já confrontei minha parcela de babacas na vida. Eles nunca entendem que são babacas. Nunca. Não importa o que se diga. — Virando-se para mamãe, continua: — Lembra o Ian? Meu primeiro chefe? Bem, está aí um exemplo de babaca. Sempre foi, sempre será.

— Não planejo falar nada — observo. — Era ela quem queria pedir desculpas.

— É o que ela diz — retruca mamãe entre dentes, sombria. — É o que *diz*.

— Explique para nós por que quer fazer isso — pede papai. — Explique.

— São as desculpas dela que quer ouvir? — arrisca mamãe. — Podemos pedir para Izzy escrever uma carta.

— Não é isso. — Balanço a cabeça com impaciência, tentando colocar os pensamentos no lugar de modo a fazerem sentido. O problema é que não tenho como explicar. Não sei por que quero fazê-lo. A não ser para, talvez, provar algo. Mas a quem? A mim mesma? A Izzy?

A Dra. Sarah não fica empolgada ao ouvir sobre Izzy, ou Tasha, ou qualquer uma delas. Diz sempre: “Audrey, não precisa de nenhuma validação dos outros” e “não é responsável pelos sentimentos alheios” e “essa tal de Tasha parece entediante, passemos para outro tópico”.

Chegou até a me dar um livro sobre relacionamentos doentios (quase ri alto. Será que existe *qualquer* relacionamento mais doentio que aquele entre mim e Tasha?). Versava a respeito de como se precisa ser forte para se livrar do abuso, e não ficar constantemente se comparando a pessoas tóxicas, mas, em vez disso, permanecer firme e distinta como uma árvore cheia de saúde. Não como alguma árvore atrofiada, caindo aos pedaços, dependente e vitimizada. Ou algo do tipo.

É tudo muito bom. No entanto, Izzy, Tasha e todo o resto continuam em minha mente o tempo inteiro. Não se mandaram daqui. Talvez jamais o façam.

— Se não fizer isso, vou ficar me perguntando para sempre — respondo, enfim. — Vai me incomodar a vida toda. Será que eu teria *conseguido*? Será que *teria* mudado as coisas?

Meus pais não parecem convencidos.

— Você pode perguntar isso sobre qualquer coisa — argumenta mamãe. — Será que *conseguiria* pular de paraquedas do Empire State Building? Bem, talvez.

— A vida é curta demais — diz papai, com firmeza. — Siga em frente.

— Estou *tentando* seguir em frente. Isso faz parte de seguir em frente!

Ao olhar de um rosto a outro, porém, sei que jamais serei capaz de persuadi-los. Nunca, não importa o que diga.



Por isso, procuro Frank. Que também acha uma péssima ideia, mas a diferença é que, depois de discutirmos por 5 minutos, ele dá de ombros e diz:

— A vida é sua.

Papai mudou a senha, mas meu irmão não demora a descobrir uma nota em seu BlackBerry chamada *Nova Senha* (coitado, realmente não deveria deixar o celular esquecido por aí), assim entramos na conta. O plano era escrever eu mesma o e-mail, mas Frank assume o controle e, sinceramente, escreve igualzinho ao papai.

— Você anda lendo demais os e-mails dele — falo, abismada, quando passo os olhos pelas palavras. — Isso é incrível!

— Uma merdinha de nada — diz Frank, mas sei que está satisfeito. E deveria estar. O e-mail é uma verdadeira obra de arte. Diz o seguinte:

Cara Sra. Lawton,

Por favor, perdoe a mim e a minha esposa por nossa explosão imoderada de ontem. Como pode imaginar, ficamos chocados ao sermos contatados por você e talvez tenhamos reagido depressa demais.

Refletindo melhor, Audrey ficaria feliz em encontrar Izzy para ouvir o que esta tem a dizer. Poderíamos sugerir um encontro às 15 horas da próxima terça-feira, no Starbucks?

Por favor, não responda a este e-mail, pois meu computador não está funcionando bem. Ligue para este número para confirmar: 079986 435 619.

Atenciosamente,

Chris Turner

É o número de meu celular novo. Depois de termos enviado a mensagem, meu irmão a deleta e apaga do lixo, então acho que não há perigo de sermos descobertos.

E, de súbito, sinto uma onda de temor. O que estou fazendo? Merda, o que estou *fazendo*? Meu coração começa a acelerar enquanto as mãos se retorcem, cerrando-se em punhos.

— Você vai comigo? Por favor? — peço, antes que possa engolir as palavras, e Frank vira-se a fim de me encarar. Desvio os olhos, girando a cabeça, mas arrisco uma olhadela. Parece realmente preocupado, como se de repente tivesse se dado conta também: o que fizemos?

— Aud, tem certeza de que quer fazer isso?

— Tenho. Tenho, sim. — Assinto repetidas vezes, como se quisesse convencer a mim mesma. — *Tenho*. Vou fazer isso. Só preciso de um pouquinho de apoio moral. Se você vier comigo. E Linus também.

— Os três mosqueteiros.

— Tipo isso.

— Contou para Linus?

— Não, mas vou encontrar com ele no parque mais tarde. Conto lá.

Ao chegar ao parque, tenho um momento verdadeiramente ruim. Um daqueles antigos e assustadores. Todos ao redor parecem robôs querendo me pegar, e o lugar inteiro está crepitando com uma espécie de ar de terror e ameaça. Meu cérebro reptiliano não está achando a experiência nada divertida; na verdade, o cérebro reptiliano quer rastejar para dentro de um arbusto.

*Mas não vou rastejar para dentro de arbustos*, digo a mim mesma com firmeza. *Não vou escutar réptil algum*. Mesmo estando enjoada de medo e sentindo ondas estranhas que me deixam tonta, consigo entrar como uma pessoa normal e identifico Linus sentado em um banco. Vê-lo me faz voltar à terra outra vez. Ver o sorriso de gomo de laranja partindo seu rosto, todo largo e alegre, só para mim, me deixa com a sensação de que há alguém acariciando meu cérebro reptiliano e lhe dizendo para se acalmar, que tudo ficará bem.

(Não mencionei o cérebro reptiliano a Linus. Tipo, há coisas que se pode dizer ao namorado, e há outras que devem ser mantidas totalmente para si, caso contrário, parecerá um doido.)

— Oi, Ruibarbo.

— Oi, Gomo de Laranja. — Toco sua mão, e nossas bocas roçam uma na outra.

— OK — diz ele, quando nos afastamos. — Tenho uma. Vai lá perguntar àquele homem se patos são vegetarianos. — Linus aponta para um senhor que está jogando migalhas de pão aos patos.

— Os patos são vegetarianos?

— Claro que não, sua boba. Comem minhoca. Vá lá. — Ele dá um empurrão em meu ombro, e me levanto com um sorriso. Estou vibrando de terror, mas me forço a conversar com o senhor a respeito de patos. Depois, retorno ao banco e digo a Linus para perguntar a um grupo de turistas franceses em que país estamos.

Linus é um mestre. Um *mestre*. Diz aos turistas em tom preocupado que estávamos querendo ir à Suécia, mas que deve ter

se perdido, e todos começam a consultar mapas e celulares, dizendo “*Angleterre! Ingateerrrra!*”, gesticulando em direção aos ônibus vermelhos que passam a cada 5 segundos.

— Ah, *Inglaterra* — diz Linus finalmente, e os estrangeiros assentem com veemência, afirmando:

— *D'accord! Grande-Bretagne! Ingateerrrra!* — Depois disso, partem, ainda tagarelando e olhando para trás para o menino. Provavelmente continuarão falando sobre ele pelo restante das férias.

— OK — anuncia ele, quando retorna ao banco. — Vá perguntar àquele cara se tem sorvete de coco. — Acena com a cabeça para o vendedor de sorvetes que monta a barraquinha no parque todos os verões desde que consigo me lembrar.

— Não tem.

— Eu sei. É por isso que você vai perguntar.

— Fácil demais — digo, orgulhosa. — Pense em outra coisa.

— Não estou muito a fim — retruca ele, cheio de preguiça. — Vá lá falar com o cara do sorvete.

Sigo para o quiosque e pacientemente aguardo minha vez, depois pergunto:

— Oi, licença, tem sorvete de coco?

Sei o que vai dizer. Peço esse sabor todos os verões desde que tinha 8 anos, mas nunca tem.

— Hoje tem — diz o vendedor, os olhos reluzindo.

Encaro-o abobada enquanto pega a colher de sorvete.

— O quê?

— Sorvete de coco para a senhorita — diz, com um floreio. — Especialmente hoje. Só para você.

— *O quê?* — pisco, incrédula, ao vê-lo ajeitar bolas de sorvete branco em um cone de biscoito monumental. — Isso é coco?

— Só para você — repete o homem, entregando-me o cone. — E um de pedaços de chocolate para o rapaz — acrescenta, entregando-me um segundo cone. — Tudo pago.

— Coco é meu sabor preferido de sorvete — digo, tonta. — Mas você nunca tem para vender.

— Foi o que ele disse. Seu rapaz. Pediu para eu fazer especialmente para você.

Giro o corpo, e Linus está me observando, o sorriso mais largo que nunca.

— Obrigada — agradeço ao vendedor. — Tipo, *obrigada* mesmo.

Quando volto, envolvo Linus com os braços, sem derrubar nenhum dos dois sorvetes, e o beijo.

— Nem acredito que fez isso! — Entrego-lhe seu cone e dou uma lambida no meu. É um néctar dos deuses. Divinal. Coco é o melhor sabor do mundo. — Meu *Deus*.

— Está bom?

— Amo isso. *Amo*.

— Eu também — diz ele, lambendo o seu. — Você.

As palavras ficam emperradas em meu cérebro. *Eu também. Você.*

O parque é uma mistura de luz do sol e grasnidos de patos e gritos de crianças, mas, neste instante, é como se o universo inteiro tivesse se encolhido e se tornado apenas o rosto de Linus. Os cabelos castanhos, os olhos honestos, o sorriso crescente.

— Como... assim? — Obrigó-me a perguntar.

— Exatamente o que eu disse. Também amo — responde, sem tirar os olhos dos meus.

— Você disse “você”.

— Bem... Vai ver era isso que queria dizer.

*Amo isso. Eu também. Você.*

As palavras dançam ao redor de minha mente como peças de um quebra-cabeça, encaixando-se desta e daquela maneira.

— O quê, exatamente? — Tenho de perguntar.

— Você sabe muito bem. — Os olhos sorriem, combinando com a boca de gomo de laranja. Mas estão sérios também.

— Bem... Também amo — digo, a garganta quase fechada. — Você.

— Eu.

— É. — Engulo em seco. — É.

Não precisamos dizer mais coisa alguma. E sei que me lembrarei para sempre deste momento, bem aqui, no parque, com os patos, a luz do sol e seus braços me envolvendo. Seu beijo tem gosto de chocolate, e tenho certeza de que o meu, de coco.

Na verdade, até que os dois sabores combinam muito bem. Então...



E só depois a vida se desintegra.

Ele não entende. Não quer entender. Não se opõe ao plano, apenas está furioso. Fisicamente furioso. Acerta uma árvore com um soco, como se fosse culpa dela.

— Isso é loucura, porra — repete, andando de um lado a outro na grama, olhando feio para os esquilos. — Maluquice.

— Olhe, Linus... — tento explicar. — Preciso fazer isso.

— Não vem com essa para cima de mim! — vocifera ele. — Achei que sua terapeuta tivesse proibido essas palavras? Achei que a única coisa que você “precisa fazer” na vida é obedecer às leis da física?



Não aprendeu nada, não? E aquilo tudo de viver no presente, não no passado? O que aconteceu com isso?

Encaro-o, muda. Estivera me ouvindo com mais atenção do que me dera conta.

— Você não “precisa” fazer isso — continua. — Está *escolhendo* fazer. E se tiver uma recaída? E aí?

— Aí... — Limpo o rosto um pouco úmido. — Não vou ter. Vou ficar bem. Estou *melhor*, caso não tenha notado...

— Ainda está usando a merda dos óculos! — explode ele. — Ainda está treinando se comunicar, com conversas de três linhas com estranhos! E agora quer bater de frente com alguma piranha que te perseguia? Por que daria a ela a satisfação de falar contigo? É egoísmo.

— O quê? — Eu o fito, pega de surpresa. — *Egoísmo?*

— É, egoísmo! Sabe quanta gente já tentou te ajudar? Sabe quanta gente deseja que melhore? E você vem e faz uma dessas, só porque “precisa” fazer? É um perigo, se quer minha opinião. E quem vai juntar os caquinhos depois? Me responde isso.

Linus sente-se tão no direito de estar indignado que sou tomada por uma onda de fúria. O que ele sabe? Que *porra* sabe sobre mim?

— Não vai ter “caquinho” nenhum — retruco, com rispidez. — Pelo amor de Deus, falar com uma garota no Starbucks não é *um perigo*. E, de qualquer maneira, não foi o que *aconteceu* que me deixou doente. *Aliás*, esse é um erro comum que as pessoas costumam cometer. Não são os acontecimentos estressantes que te deixam doente, *na verdade*. É a maneira como o cérebro reage a eles. Então pronto.

— OK, então como é que seu cérebro vai reagir a esse acontecimento estressante? — rebate ele, com igual ferocidade. — Fazendo uma dancinha e cantando *Happy?*

— Vai reagir bem — digo, irada. — Estou *melhor*. E se, por algum acaso, não reagir bem, não se preocupe, não vou esperar que você “junte os caquinhos”. Na verdade, sabe de uma coisa, Linus, desculpe ter causado tanto problema. Melhor ir procurar outra pessoa para ficar com você. Alguém que não tenha óculos escuros nenhuns. Quem sabe Tasha... Fiquei sabendo que ela é superlegal.

Levanto-me vacilante, tentando manter o prumo, o que não é fácil quando o cenário inteiro se avulta sobre mim e minha cabeça protesta sonoramente.

— Audrey, pare com isso.

— Não. Vou embora.

Lágrimas correm por meu rosto, mas não tem problema, porque o mantenho virado para longe de Linus.

— Bem, vou com você.

— Me deixe — digo, desvencilhando o braço de sua mão. — Me *deixe*. — E, finalmente, depois de ter conseguido ignorá-lo o dia inteiro, sucumbo ao cérebro reptiliano. E corro.

Eis o que não devo fazer depois de um acontecimento estressante: ruminar o assunto. Remoer. Repassá-lo na cabeça como um filme milhões de vezes. Responsabilizar-me pelas emoções alheias.

Eis o que venho fazendo desde a briga com Linus: ruminando o assunto. Remoendo. Repassando-o na cabeça, como um filme, milhões de vezes. Responsabilizando-me por sua fúria (ainda que me ressinta dela). Arrastando-me entre desespero e indignação. Querendo ligar para ele. Não querendo ligar para ele nunca mais.

Por que ele não consegue *entender*? Achei que fosse me admirar. Pensei quealaria sobre Encerramento e Coragem, dizendo: "tem razão, Audrey, isso é mesmo algo que precisa fazer, por mais difícil que seja, e vou estar aqui para te apoiar".

Mal consegui dormir nas duas últimas noites. É como se minha mente fosse um caldeirão, fervendo, soltando bolhas e vapores nocivos, e fermentando para se tornar algo muito estranho. Sinto-me tonta e surreal e eletrizada. Meio que centrada também, no entanto. Vou fazer isso, e será um momento de grande virada, depois tudo será diferente; não sei exatamente como, mas será. Acho que vou me sentir como se tivesse pulado um obstáculo, ou passado pela linha de chegada, ou coisa do tipo. Estarei livre. De algo.

Para resumir, estou um pouco obcecada. Felizmente, meus pais estão preocupados demais com Frank para prestar atenção em mim no momento. Estou passando despercebida pelos radares. Basicamente, mamãe encontrou o Atari no quarto dele ontem à noite, tudo foi pelos ares novamente, então agora estamos oficialmente em uma Crise Familiar.

Quando desço para tomar café, estão discutindo outra vez.

— Pela milionésima vez, *não* é um computador — argumenta meu irmão, com calma. — É um console Atari. Vocês disseram que eu não podia usar computadores. Classifico um computador como uma máquina que pode processar informações de uma variedade de

formas, inclusive documentos do Word, e-mails e internet. O Atari não faz nada disso, portanto, não é um computador, e, portanto, não foi uma quebra de confiança. — Ele joga um punhado de Shreddies na boca. — Precisam ser mais específicos nas definições. É esse o problema. Não meu console.

Acho que Frank deveria se tornar advogado. Tipo, argumentou com perfeição total, embora mamãe não reconheça.

— Está ouvindo isso? — Mamãe apela ao papai, que parece querer esconder-se atrás do jornal. — O problema, Frank, é que tínhamos um acordo. Você não joga nenhum tipo de videogame, ponto final. Tem *noção* do estrago que fazem?

— Meu Deus. — Frank apoia a cabeça nas mãos. — Mãe, é você quem tem um problema com jogos de computador. Está ficando obcecada.

— Não estou nada! — reclama, dando um risada desdenhosa.

— Está, sim! Não consegue pensar em mais nada! Por acaso *sabe* que tirei 95 em química?

— 95? — Ela para. — Sério?

— Conte isso ontem, mas você nem ouviu. Estava lá, fazendo escândalo: *Atari! Do mal! Tira isso de nossa casa!*

Mamãe parece uma criança que foi repreendida.

— Ah — exclama ela, enfim. — Bem... 95! Que ótimo! Muito bem!

— De 1.000 — diz Frank, acrescentando depois: — Brincadeira. *Brincadeira.*

Meu irmão sorri para mim, e tento retribuir, mas meu estômago está se revirando. Tudo em que consigo pensar é: *15 horas. Às 15 horas.*

Mantivemos o ponto de encontro no Starbucks, embora os Lawton venham constantemente nos mandando mensagens de texto, pois querem mudar o local para um ambiente mais

“favorável”. Ofereceram a própria casa, ou um quarto de hotel, ou uma sala no escritório do conselheiro de Izzy. Aham, até parece.

Frank ficou encarregado da troca de informações. É incrível. Rechaçou todas as sugestões de uma forma que poderia muito bem ter sido papai, e se recusou a lhes dar um endereço de e-mail alternativo, um pedido que insistem em fazer, além de ter escrito as mensagens de texto com o exato estilo de papai.

É até bem engraçado, na verdade. Tipo, não fazem ideia de que somos apenas nós, dois adolescentes. Acham que meus pais irão conosco. Acham que é uma grande reunião familiar. Esperam que seja uma experiência “catártica para todos”, de acordo com a última mensagem.

Quanto a mim, nem consigo acreditar que vou ver Izzy outra vez. Vai mesmo acontecer. O grande confronto. Sinto como se fosse uma mola que está lentamente se comprimindo, mais e mais, ficando tensa, esperando...

Faltam apenas 7 horas.



Então, de repente, faltam 7 minutos, e me sinto enjoada de verdade. Minha cabeça martela — não por conta de uma dor de cabeça, mas de uma espécie de consciência elevada e iminente da realidade. Por alguma razão, a rua parece mais clara que o normal. Mais barulhenta. Mais bruta.

Frank saiu da escola mais cedo, o que não foi problema, pois as provas terminaram, portanto tudo o que fazem nas aulas é assistir a DVDs “educacionais”. Está caminhando comigo, conversando a respeito do que aconteceu na reunião de classe daquela manhã, quando alguém levou o rato de estimação e o soltou. Metade de mim quer gritar: “Cale a boca! Me deixe pensar!”, e metade de mim está grata por ter uma distração.

Estou de calças jeans, camiseta e tênis pretos. Roupas sérias. Não tenho ideia do que Izzy estará vestindo. Jamais foi muito

estilosa; Tasha era. Até meio que me pergunto se vou reconhecê-la. Tipo, não foi há tanto tempo, mas parece que já se passou uma vida inteira.

É claro, porém, que a reconheço, instantaneamente. Vejo-os pelo vidro antes de nos verem. Mãe e pai, ambos com expressão ansiosa, mas dando aqueles sorrisos falsos. E ela. Izzy. Está usando uma dessas camisetas um pouco infantis, com babado rosa na barra, e uma saia bonita. Qual é *daquilo*? Quero rir. Mas... não consigo.

Tampouco consigo sorrir. É como se todas as minhas forças estivessem deslizando para fora de mim, uma por uma.

Quando entro na cafeteria, sei que também não consigo falar. Fiquei oca por dentro. Assim, em um segundo. Toda a força interior que vinha juntando, a mola tensionada, o discurso de conflito... desapareceram.

Sinto-me pequena e vulnerável.

Não, pequena não. Sou mais alta que ela. Ao menos ainda tenho isso. Sou alta.

Vulnerável, ainda assim. E incapaz de falar. E agora olham em nossa direção. Em desespero mudo, aperto a mão de Frank, que parece entender a mensagem.

— Oi — cumprimenta depressa, seguindo para a mesa. — Deixem eu me apresentar. Sou Frank Turner. Vocês devem ser os Lawton.

Ele estende a mão, mas ninguém a aperta. Os pais de Izzy o olham de cima a baixo, perplexos.

— Audrey, estávamos esperando seus pais — diz a Sra. Lawton.

— Tiveram um imprevisto inevitável que não os deixou vir — explica meu irmão, sem nem piscar. — Sou o representante da família.

— Mas... — A Sra. Lawton parece perturbada. — Realmente acho que seus pais deviam... Ficamos com a impressão de que seria um

encontro entre as duas famílias...

— Sou o representante da família Turner — repete Frank, com firmeza, puxando uma cadeira para nos sentarmos em frente a eles. Os Lawton trocam olhares ansiosos, além de fazerem pequenos gestos com a boca e sinais com a sobrancelha erguida, mas, em seguida, se aquietam, ficando claro que a conversa a respeito dos pais está acabada.

— Compramos umas garrafas d'água — diz a mulher —, mas podemos pedir chá, café, algo assim...?

— Água está bom — afirma Frank. — Podemos ir direto ao ponto, não podemos? Izzy queria pedir desculpas a Audrey, não é?

— Vamos colocar as coisas no contexto — diz o Sr. Lawton pesadamente. — Nós, como vocês, passamos alguns meses infernais. Nos perguntamos *por quê?* várias e várias vezes. Izzy se fez a mesma pergunta. Não foi, querida? — Ele lança um olhar grave à menina. — Como uma coisa assim pôde acontecer? E também, de certa forma, o que *foi* que aconteceu e quem, de verdade, foi o culpado?

O Sr. Lawton aperta a mão da filha, e a olha com atenção pela primeira vez. Meu Deus, está diferente. Parece uma garotinha de 11 anos, subitamente me dou conta. É um pouco *inquietante*. Os cabelos estão presos em um rabo de cavalo com um pompom de criança, além da coisa toda da camiseta de babado infantil, e ela fita o pai com grandes olhos de bebê. Está usando algum tipo de gloss labial de morango enjoativo. Posso sentir o cheiro de onde estou.

Izzy não me olhou uma única vez todo esse tempo. E os pais não a forçaram. Se eu estivesse em seus lugares, teria sido a primeira coisa que faria. Forçá-la a me encarar. Forçá-la a me *ver*.

— Izzy fez uma jornada bem difícil — continua o Sr. Lawton, com o que é claramente um discurso preparado de antemão. — Como sabem, está estudando em casa por enquanto e passou por um programa bastante rigoroso de aconselhamento.

*Bingo*, penso.

— Mas está achando difícil seguir com a vida. — O pai aperta com força a mão da filha, que se vira para ele com olhar suplicante. — Não está, querida? Infelizmente, está sofrendo de depressão clínica.

Ele o diz como se fosse o trunfo na manga. O quê, deveríamos aplaudir agora? Dizer como sentimos muito? — *uau, depressão, deve ser horrível.*

— E daí? — retruca Frank, mordaz. — Audrey também. — Então dirige-se diretamente à menina. — Sei o que fez com minha irmã. Eu também estaria deprimido se fosse você.

Os pais inspiram com força, e o homem leva a mão à cabeça.

— Esperava uma abordagem mais *construtiva* nesta reunião — diz ele. — Talvez possamos guardar os insultos para nós mesmos?

— Não foi insulto nenhum! — rebate meu irmão. — É a verdade! E achei que Izzy fosse se desculpar? Cadê as desculpas? — Frank cutuca o braço da menina, que o recolhe com um engasgo.

— Izzy vem trabalhando com a equipe dela — diz o Sr. Lawton. — Escreveu um texto que gostaria de dar a Audrey. — Dando um tapinha no ombro da filha, continua: — Criou isso em um dos workshops de poesia que fez.

Poesia? *Poesia?*

Ouço Frank soltar um bufo de desdém, e os dois adultos o fitam com reprovação.

— Isso vai ser difícil para Izzy — diz a Sra. Lawton, com frieza. — Está muito frágil.

— Como todos nós — acrescenta o marido, assentindo para mim, depois olhando para a esposa.

— Sim, claro — concorda ela, mas não parece convencida. — Então vamos pedir que ouçam o texto em silêncio, sem comentários. Depois, passamos para a etapa de discussão da reunião.



Não falamos enquanto a menina desdobra um punhado de folhas A4. Ainda não me olhou de verdade. *Ainda.*

— Você consegue, Izzy — sussurra a mãe. — Coragem. — O pai dá um tapinha em sua mão, e vejo Frank fazendo como se fosse vomitar.

— *Quando a escuridão caiu* — lê Izzy, com a voz trêmula. — Por Isobel Lawton. *Caiu sobre mim, a escuridão. Segui quando não deveria. Agi quando não deveria. E agora olho para trás e sei que minha vida é um nó retorcido...*

OK, se tiverem gastado muito dinheiro nesse workshop de poesia, fizeram um péssimo negócio.

Ao ouvir as palavras, espero alguma reação forte, visceral. Espero uma parte de mim se levantar e a odiar, ou atacar, ou algo assim. Espero o grande momento; o confronto. Não vem, porém. Não consigo encontrar o estímulo para seguir em frente com isto. Não consigo *sentir-lo*.

Desde o momento em que entrei pela porta, a situação não é aquela que imaginei. Não sou a guerreira que visionei. Estou oca e vulnerável e meio que *menor*. Não estou vencendo batalha alguma, sentada aqui, silenciosamente agarrada à mesa, incapaz de falar, apenas tendo minhas próprias reflexões ágeis e incansáveis.

Mais que isso, no entanto; sequer existe batalha a ser travada, existe? Os Lawton não estão interessados em mim. Poderia dizer o que quisesse — não me ouviriam. Encenam a própria historinha, em que Izzy pede desculpas, é a heroína, enquanto sou a coadjuvante de papel menor. E estou permitindo que o façam. Por que estou permitindo?

Sinto uma onda súbita de repulsa ao observar a cabeça baixa da menina.

Não vai olhar para mim, vai? Não consegue. Pois posso estourar a bolha.

Tipo, acho que é uma alternativa. Resvalar para a idade de 11 anos novamente, usar rabo de cavalo, estudar em casa e deixar os pais assumirem o controle, dizendo: “Está tudo bem, você não foi *realmente* um monstro sacaneando alguém, meu amor. Eram aquelas pessoas horrorosas que não a compreendiam. Mas se escrever um poema, ficará tudo bem.”

Do nada, a voz de Linus me vem à cabeça: *Por que daria a ela a satisfação de falar contigo?*

Por que daria? Por que *estou* lhe dando essa satisfação? O que estou fazendo aqui?

— ... *Mas forças do mal vêm de todas as direções, nenhuma afeição, apenas aflição...*

Izzy ainda declama o que parece ter se tornado o rap mais tragicamente mal elaborado de todos os tempos. Tem uma página inteira pela frente, noto. Está definitivamente na hora de ir.

Aperto a mão de Frank enquanto olho para a porta. Ele ergue a sobrancelha, e assinto com firmeza. Chego até a emitir um pequeno som inarticulado.

— Pois é, temos de ir agora — interrompe meu irmão. — Valeu pela água.

— Ir?

Os Lawton parecem chocados.

— Mas Izzy não terminou de ler.

— Não discutimos nada.

— Acabamos de começar a reunião!

— Isso aí — diz Frank alegremente quando nos levantamos. — Certo, Aud?

— Não podem sair antes de Izzy ter terminado o texto! — O tom da Sra. Lawton é de irritação. — Vão me desculpar, mas que tipo de comportamento é esse?

É aí que finalmente encontro minha voz.

— Quer falar de *comportamento*? — digo em voz baixa.

É como um encantamento. Ficam todos mudos. Paralisados.

Há uma onda de sussurros estranha pelo lugar; parece que todos no Starbucks sentiram nosso clima, apenas por um segundo. A máscara do Sr. Lawton meio que desmoronou. É como se a realidade tivesse forçado seu caminho e estourado a bolha de negação, apenas por um segundo, obrigando-o a ver exatamente quem sou. Foi a mim que fizeram todas aquelas coisas.

Sim, aquelas coisas. As que elas fizeram. E disseram. E escreveram. Sua filha de rabo de cavalo. Isso mesmo.

Não olho para Izzy. Por que gastaria a energia que mover minhas íris em sua direção requereria? Por que usaria mais um microjoule de energia em Izzy?

Em seguida, saímos, Frank e eu, sem olhar para trás, sem falar a respeito disso, sem desperdiçar um segundo mais de nossas vidas naquele monte de *merda* tão, tão fedido.

Eu deveria me sentir nas alturas agora. Não deveria? Tipo, acho que venci. Não venci?

Acontece que, agora que está tudo acabado, sinto-me vazia. O único comentário de Frank no caminho de volta foi “que bando de gente bizarra”. Então me disse que ia para o clube de informática na escola e, quando lhe dei um grande abraço e murmurei “valeu, não sei como retribuir isso” encostada em seu ombro, respondeu:

— OK, bem, vou poder escolher os *dois* sabores da pizza na sexta. Certo?

No momento, são 19 horas, e estou só. Mamãe e papai saíram para a aula de salsa. Não fazem a menor ideia. Tipo, tem como ser mais esquisito que isso? De fato *me encontrei com Izzy*, e eles não sabem.

Mandei uma mensagem de texto a Linus contando tudo. Pedi desculpas por ter estourado com ele. Disse que tinha razão, jamais deveria ter ido e que sinto sua falta e quero muito, muito vê-lo. Quero voltar ao que éramos antes. Quero que me proponha outro desafio maluco. Quero me esquecer de que um dia fui encontrar Izzy.

Tipo, acho que nós dois tínhamos razão. Eu, porque não tive recaída, e não houve qualquer caquinho a ser recolhido. E Linus, porque eu não deveria ter dado a ela nenhum segundo de meu tempo em primeiro lugar. Então pronto. E, quando ele responder, vou pedir que venha me ver. Talvez retomemos aquela *outra* conversa que estávamos tendo no parque.



Isso foi há duas horas, e não tive resposta ainda. Verifiquei o sinal do celular, tipo, um milhão de vezes, e está normal. Enfim. Talvez esteja ocupado ou algo do tipo.



Acontece que, às 22 horas, ainda não recebi uma resposta. E ele *sempre* responde. Sempre dentro de uma hora. Encontra uma maneira. Já me mandou mensagens no meio da aula, do jantar em família, de onde for. Não deixa de mandar. Agora, porém, não está mandando.



São 23 horas. Não deu sinal de vida.



São 24 horas. Nada de mensagem.



E agora é 1 hora, e não sei o que fazer. Não consigo dormir. Sequer consigo me deitar. Já “fui para a cama” oficialmente há três horas, mas nem toquei nas cobertas. Ando de um lado a outro no quarto, tentando acalmar os pensamentos turbilhonantes, mas são como um furacão.

Estraguei tudo com Linus. Nunca mais vai me mandar mensagem alguma. Acabou. Ele estava certo, fui egoísta. Jamais deveria ter ido àquele encontro idiota. Por que fui fazer aquilo? Por quê? Sempre faço coisas idiotas. Sou uma fracassada tão idiota e *burra*; agora arruinei a única coisa boa em minha vida, ele me odeia e não há nada que possa fazer a respeito. Está tudo acabado. E é minha culpa, minha droga, *droga* de culpa...

Meus pensamentos se aceleram enquanto meus passos os imitam, e puxo os braços, a pele dos antebraços, tentando... Não sei. Não entendo. Olho para o espelho de relance, retraindo-me ao ver meu próprio olhar ensandecido. Posso sentir uma corrente estranha correr por todo o corpo, como se estivesse mais viva do que deveria, como se o corpo estivesse *transbordando* com força vital. Pode-se ter vida demais reprimida em um corpo? Porque é essa a sensação que experimento. E tudo é rápido demais. Coração, pensamentos, pés, braços que parecem possuir garras...

Talvez eu devesse tomar algo. O pensamento me atinge como se fosse uma pessoa muito sensata falando ao pé de minha orelha. Sim. Claro. Tenho remédios que poderia tomar. Tenho vários.

Vasculho por minha caixa cheia de truques de mágica, deixando frascos e cartelas caírem no chão na pressa. OK, Rivotril. Talvez dois. Talvez três. Engulo-os e espero tudo se acalmar. Minha mente, porém, continua urrando, urrando sem parar como uma corrida de Fórmula 1, e não consigo suportar. Não consigo me suportar. *Preciso fugir.*

Quando sou subitamente acometida por outra ideia brilhante. Vou sair para dar uma caminhada. Queimar toda essa energia. O ar fresco vai me fazer um bem enorme. Depois, vou voltar e dormir até passar e, como dizem, vai estar tudo muito melhor pela manhã.

## MINHA SERENA E AMOROSA FAMÍLIA – TRANSCRIÇÃO DO FILME

INT. ROSEWOOD CLOSE, N. 5. DIA

A câmera balança enquanto alguém tenta estabilizá-la sobre uma superfície alta. Ao se afastar, vemos que é FRANK na sala de estar, fitando a câmera com olhos profundamente preocupados.

FRANK

Está funcionando? OK. Oi. Meu nome é Frank Turner, e este é meu diário em vídeo. Minha irmã Audrey está desaparecida. É um pesadelo. Acordamos hoje, e ela não estava aqui. Mamãe e papai estão completamente... (engole em seco). Procuramos em todos os cantos e ligamos para todo mundo. Meus pais ligaram para a polícia, tipo, no mesmo instante. E eles são ótimos, estão bem tranquilos. Mas...

Ele fecha os olhos brevemente.

FRANK

Ainda não consigo acreditar que isso está acontecendo.

Há silêncio por um instante, seu olhar está vazio.

FRANK

Estão colocando a culpa em mim. O que é...

O menino expira, infeliz.

FRANK

Enfim. Vamos sair daqui a pouco para continuar a busca. Não sei onde – tipo, já procuramos em todos os lugares. Em todas as ruazinhas menores, talvez? Mas a mamãe disse que é melhor eu comer alguma coisa antes. Como se alguém estivesse com vontade de comer.

Ele solta outro suspiro pesado.

FRANK

Enfim. Contei a eles o que fizemos ontem. Tive de falar. Audrey, se estiver assistindo, eu tive de contar.

Há uma pausa longa.

FRANK

Audrey, por favor, volte se estiver assistindo.

A campainha toca, e ele dá um pulo.

FRANK

Espere um minuto.

Frank corre para fora da sala. Poucos segundos se passam, então volta, com ombros caídos, acompanhado de LINUS.

FRANK

(para a câmera)

Não era ela. Era Linus.

LINUS

(para Frank)

Foi mal.

Linus olha constrangido para a câmera.

LINUS

Desculpe.

A MÃE irrompe no cômodo, com o rosto sério, os olhos ardendo determinados e a atitude eletrizada.

MÃE

Frank, estamos mexendo nas coisas dela, e preciso saber...

Ao ver Linus, para no meio do caminho, cheia de hostilidade.

MÃE

Você. O que está fazendo aqui?

Linus fica perplexo com a agressividade.

LINUS



Eu? Acabei de... Frank me falou da Audrey, então...

MÃE

Sabe onde ela está?

LINUS

Não! Claro que não! Já teria dito!

Ele engole em seco com nervosismo pelo comportamento da mãe, mas continua.

LINUS

Frank me disse que vocês queriam saber para quem ela mandou mensagens? Bem, ela me escreveu isso ontem, mas só chegou agora. Não tinha a menor ideia de que a tinha mandado.

O menino mostra o celular.

LINUS

Não sei se vai ajudar.

A MÃE olha o aparelho, ficando agitada enquanto lê.

MÃE

(para LINUS)

Então também sabia desse encontro com os Lawton. Foi ideia sua?

LINUS

Não!

MÃE

Mas você tem proposto "desafios malucos" para Audrey, aparentemente.

Ela bate no telefone com o dedo.

MÃE

Diz aqui que ela quer outro "desafio maluco".

LINUS

(alarmado)

Não era esse tipo de desafio maluco. Era só falar com pessoas no Starbucks e coisas assim.

A MÃE não parece escutar.

MÃE

Isso – sair de casa no meio da noite – foi um de seus “desafios malucos”, Linus?

LINUS

Não! Como sequer pode pensar...?

Ele se vira para Frank, apelando.

LINUS

Eu faria uma coisa dessas?

FRANK

Mãe, está perdendo a linha.

A MÃE se volta contra Linus.

MÃE

Tudo o que sei é que ela estava estável até conhecer você. E agora está desaparecida.

LINUS

Isso é tão injusto.

Linus não está conseguindo se segurar.

LINUS

Tão injusto. Tenho de ir. Me avise se tiver como eu ajudar.

Ao vê-lo sair, FRANK vira-se com fúria para a MÃE.

FRANK

Como pôde colocar a culpa em Linus? De todas as pessoas. Essa casa é muito fodida mesmo.

A MÃE explode em uma onda de angústia súbita.

MÃE

Ela está desaparecida, Frank! Não entende? Está desaparecida.  
Preciso tentar de tudo. Tenho de considerar tudo, todas as  
possibilidades...

Ela para de falar quando o PAI surge, sem fôlego, segurando o celular.

PAI

Encontraram a Audrey. No parque. Dormindo. Estava escondida atrás de  
um... A gente não deve ter visto...

Ele mal consegue formar as palavras.

PAI

Estão com ela.

O estranho é que perdi os óculos escuros naquela noite e sequer notei até papai dizer subitamente:

— Audrey! Você não está de óculos!

E não estava. Meus olhos estavam descobertos. Depois de todos aqueles meses. E precisei que papai chamasse minha atenção para perceber.

Estávamos na sala de espera da delegacia naquele momento. A policial simpática, Sinead, entendeu errado e achou que estávamos reclamando por termos perdido um par de óculos escuros lá. Demoramos um tempo para explicar que eu não os *queria* de volta.

E não quero. Estou bem como estou. O mundo parece mais leve, embora não saiba se é por conta dos óculos ou por ter voltado a tomar a medicação. Por enquanto. A Dra. Sarah fez um grande discurso a respeito dos perigos de se parar com o tratamento sem supervisão e como isso pode causar tonturas (sim), palpitações (sim), além de uma tonelada de outros sintomas, pedindo-me para prometer que jamais o farei outra vez. O que prometi.

Os comprimidos que me deu para tomar me derrubaram, de modo que dormi bastante esses últimos dois dias, mas todos vieram ao meu quarto, tipo, o tempo inteiro. Para se certificarem de que continuo aqui, acho.

Papai me contou sobre uma música nova que está compondo, e Frank me mostrou infinitos vídeos no YouTube de pessoas exibindo suas habilidades com facas de cozinha (coisa que o está deixando muito chato), e Felix me falou que cortou o cabelo do amigo Ben na escola, fazendo-o chorar. Aparentemente, é uma história verdadeira, de acordo com meu pai, mas Felix insiste que Ben chorou “porque ficou *feliz*”.

Mamãe é quem mais me visita. Sentou na minha cama a tarde inteira, e assistimos ao filme *Quatro destinos*, que é, tipo, perfeito para se ver com a mãe quando se está acamado, sentindo-se um

pouco estranho (falo daquele antigo com Elizabeth Taylor, caso esteja se perguntando).

Enquanto o filme passava, decoramos as bolsas de feltro que fizemos ontem. É o novo passatempo de mamãe: cria pequenos projetos de artesanato, compra o material necessário, e os fazemos juntas. Nenhuma de nós é muito boa nisso, mas... Você sabe. É legal. Relaxante. Não é *a respeito* de coisa alguma. E mamãe fica apenas sentada, passando tempo comigo, sem olhar ansiosamente pelo quarto, tentando descobrir alguma pista do que estou pensando. Não acho que precise mais delas. Ela sabe. Ou, ao menos, sabe o bastante.

Foi ao tentar colar um aplique em forma de estrela na frente da bolsa que eu disse:

— Mãe, por que não volta ao trabalho?

Seu corpo meio que se enrijeceu. Cuidadosamente formou um laço com um pedaço de fita e o prendeu com o grampeador antes de erguer o rosto e indagar:

— Ao trabalho?

— É, ao trabalho. Não faz nada há séculos. Desde que... — Deixei a frase morrer.

— Bem, tem sido difícil. — Ela soltou uma risada curta.

— Eu sei. Mas você é ótima em seu trabalho. E ganha prêmios e usa jaquetas lindas...

Mamãe jogou a cabeça para trás, rindo outra vez.

— Querida, não se vai trabalhar só para poder usar jaquetas lindas. — Após refletir por um momento, completou: — Bem, na maior parte do tempo.

— Você está ficando em casa por minha causa, não é? — insisti.

— Querida... — Mamãe soltou um suspiro. — Adoro ficar com você. Não queria estar em nenhum outro lugar.

— Eu sei.

Ficamos em silêncio e assistimos enquanto Jo recusa o pedido de casamento de Laurie; todas as vezes que vejo a cena, desejo que tivesse aceitado.

— Mas, de qualquer forma, ainda acho que devia voltar a trabalhar — continuei. — Você fica toda radiante quando está lá.

— *Radiante?* — pergunta, soando um pouco surpresa.

— Radiante. Tipo, vira a supermãe.

Ela pareceu incrivelmente comovida. Piscou algumas vezes, fez outro laço, depois disse:

— Não é tão simples assim, Audrey. Talvez tenha de viajar... Ficar muitas horas fora... Você está indo estudar em uma nova escola.

— Então a gente faz dar certo — afirmei, tão firme quanto era capaz. — Mãe, não tem por que eu melhorar se as coisas também não melhorarem para todos. Tipo, *todo mundo* passou por uma fase difícil, não é?

Estivera pensando a respeito disso naquela manhã. Sobre como seria fácil melhorar e sair feliz e saltitante pela porta, deixando meus pais e Frank e Felix para trás. Não deveria ser assim, no entanto. Todos fomos afetados pelos acontecimentos. Todos deveríamos sair felizes e saltitantes porta afora *juntos*.

Bem, você sabe. Talvez Frank pudesse se arrastar alegremente.

Assistimos ao filme em silêncio por um tempo. Então, mamãe disse, como se continuasse a mesma conversa:

— A Dra. Sarah me contou por que parou de tomar os remédios. Queria um gráfico subindo reto?

Meu coração meio que afundou. *Realmente* não estava com vontade de entrar no assunto dos medicamentos. Mas deveria saber que seria abordado.

— Queria melhorar — murmurei, sentindo-me quente. — Você sabe. De verdade, cem por cento. Sem remédio, sem nada.

— Você *melhorou*. — Mamãe pousou as mãos no meu rosto, da maneira como costumava fazer quando eu era pequena. — Querida, está melhorando tanto a cada semana que passa. Digo, virou outra menina. Já está quase lá, noventa por cento. Noventa e cinco por cento. Tem de estar vendo isso.

— Mas já cansei dessa porcaria de gráfico de altos e baixos — falei, frustrada. — Sabe, dois passos para cima, um para baixo. É tão *doloroso*. Tão *lento*. É tipo uma partida interminável de Serpentes e Escadas.

Mamãe me fitou como se quisesse rir, ou talvez chorar, e disse:

— Mas, Audrey, a vida é assim. Estamos todos em um gráfico de altos e baixos. Sei que eu estou. Subo um pouco, desço um pouco. É a vida.

E foi então que Jo conheceu o Professor Bhaer, aí tivemos de assistir àquela parte.

Em seguida, Beth morreu. Então acho que as irmãs March estavam em seu próprio gráfico instável também.

Aquela noite, desci para tomar uma xícara de chocolate quente e ouvi papai dizendo:

— Anne, comprei um laptop novo para Frank. Pronto. Falei. Foi. Uau.

Esgueiro-me mais para perto e espio pela porta aberta para ver mamãe quase deixar cair a xícara.

— Um *laptop* novo?

— Usado. Preço excelente. Procurei Paul Taylor, que tem umas ofertas boas... — Papai para no meio da frase ao ver a expressão de mamãe. — Anne, certo. Sei o que dissemos. Eu *sei*. Mas não consigo mais aguentar a tensão na casa. E Frank está certo, precisa mesmo de internet para fazer os trabalhos do colégio, e ele consegue entrar em minha conta de e-mail, como já sabemos...

— Não acredito que fez isso sem falar comigo.

Ela balança a cabeça, mas o tom não está tão “rosnento” quanto eu esperava. Na verdade, parece quase calma.

É assustador. Não sei ao certo se gosto de mamãe calma. Fica melhor toda furiosa e volúvel.

— É *tão* ruim assim se Frank jogar de vez em quando? — arrisca papai.

— Ah, não sei, Chris. — Mamãe esfrega o rosto. — Já nem sei mais. De coisa alguma.

— Bem, nem eu. — Ele a puxa para um abraço. — De qualquer forma, já comprei o laptop.

— OK. — Mamãe meio que desmorona nos braços do marido, e posso notar como está cansada. Frank falou que jamais a vira do jeito como ficou quando eu estava desaparecida. Ficou até meio cinza, disse. E os olhos ficaram vazios por dentro, como se a bateria tivesse morrido.



Jamais vou superar o fato de ter feito isso a eles. Mas não vou ficar remoendo. Conversei com a Dra. Sarah, e concordamos que a melhor maneira de me redimir é ficando bem. Continuar com os medicamentos. Ter pensamentos saudáveis.

— Você se lembra daquele Natal quando os dois ficaram doentes? — pergunta mamãe. — Tinham coisa de 2 ou 3 anos? Lembra? E fizeram cocô nas meias de Natal, espalhando por *todos os cantos*, e dissemos “tem de ficar mais fácil”?

— Lembro.

— Estávamos limpando tudo e ficávamos repetindo um para o outro: “quando crescerem, vai ficar mais fácil”. Lembra?

— Sim. — Papai a fita com afeição.

— Bem, por mim, pode trazer o cocô de volta. — Ela começa a rir, um pouco histericamente. — Faria qualquer coisa por um pouco de cocô agora.

— Eu sonho com cocô — concorda papai, com firmeza, e mamãe ri ainda mais, até estar secando lágrimas dos olhos.

Em seguida me afasto, sem fazer um ruído sequer. Vou deixar o chocolate para depois.

Então, a única peça que falta no quebra-cabeça é Linus. Mas é das grandes.

Frank me mostrou a cena em que mamãe quase ataca Linus na sala de estar, e fiquei totalmente incrédula. Primeiro, não podia acreditar que ela pudesse culpá-lo por qualquer coisa. Segundo, não conseguia acreditar que ele só tinha recebido a mensagem naquele instante. Terceiro, não conseguia acreditar que tinha vindo me ver.

Quer dizer que não desistira de mim. Não me odiava. Não estraguei tudo. Estava errada sobre basicamente tudo. Ao assistir pela segunda vez, senti-me bem envergonhada e sabia que mamãe se sentia ainda pior.

— *Não* sou assim — repetia ela, horrorizada. — Não *falei* nada disso. Falei?

— Você é totalmente assim — retrucou Frank. — É pior, na verdade. A câmara deu uma melhorada.

Estava exagerando. A voz da mamãe não é *tão* aguda assim na vida real.

— Então tenho de pedir desculpas a Linus. — Ela suspira.

— Eu também — digo rapidamente.

— Eu também — fala Frank, desanimado.

— O *quê?* — Nós duas nos viramos a fim de o fitar.

— A gente teve uma briga. Por causa de *LoC*. Ele estava falando sobre o campeonato, e fiquei... Bem, com inveja, acho.

Frank parece um menininho preso em um corpo grande demais. As mãos estão sujas de tinta, e os olhos, grudados nos joelhos, infelizes. Não sabe do laptop ainda, e eu adoraria sussurrar a novidade em seu ouvido para alegrá-lo, mas já basta de fazer as coisas pelas costas de meus pais. Por enquanto.

— Então. — Mamãe está enérgica outra vez. — Precisamos todos pedir desculpas a Linus.

— Mãe, isso é tudo muito bom — digo, sem emoção na voz. — Mas é tarde. Os pais de Linus estão indo embora do país. Ele está no aeroporto agora. Perdemos nossa chance.

— *O quê?* — Foi como se tivessem jogado um balde de água fria em cima dela.

— A gente consegue chegar lá. — Papai olha para o relógio, alerta. — Que aeroporto? Anne, vamos no seu carro.

— Que voo? — inquire mamãe. — Audrey, qual é o voo?

*Quem* são meus pais? Assistiram aos filmes de Richard Curtis demais, é esse o problema. Ficaram com um parafuso a menos.

— Ele não está na porcaria do *aeroporto!* — digo. — Foi uma *piada*. Não acham que já saberiam se Linus estivesse mesmo indo embora do país?

— Ah. — Mamãe se entrega, com a expressão incrivelmente constrangida. — Certo. Me deixei levar por um momento. Mas o que fazemos, então?

— Convidamos Linus para ir ao Starbucks — sugiro, depois de refletir. — Precisa ser lá. Frank, manda uma mensagem aí.



É bem engraçado, na verdade. Quando ele chega ao Starbucks, estamos todos sentados a uma grande mesa, a família inteira, à espera. Parece totalmente nervoso, e, por um instante, acho que vai fugir, mas, você sabe, Linus não é do tipo fujão. Depois de 5 segundos, segue resolutamente em frente, olhando para todos, um de cada vez, especialmente para mamãe. E, por último, para mim.

Ele leva cerca de 30 segundos para se dar conta.

— Seus óculos!

— Eu sei. — Não posso deixar de ficar radiante.

— Quando foi que...?

— Não sei. Caíram em algum lugar. E... aqui estou.

— Então, Linus — começa mamãe. — Todos nós queríamos pedir desculpas a você. Frank?

— Foi mal por eu ter ficado irritado, cara — diz meu irmão, ficando vermelho.

— Ah. — Linus parece envergonhado. — Ahn... Tudo bem.

Cumprimentam-se com os punhos, e Frank vira-se para mamãe.

— Mãe, sua vez.

— Sim. — Ela limpa a garganta. — Linus, mil desculpas por ter jogado minhas preocupações e receios em cima de você. Tirei conclusões precipitadas. Sei como tem feito bem a Audrey, e tudo que posso fazer é me desculpar.

— Certo. Humm. — Linus fica ainda mais envergonhado. — Olha, vocês não precisam fazer isso — diz, olhando ao redor da mesa. — Sei que estava todo mundo estressado.

— Queremos fazer isso. — A voz da mamãe fica trêmula de súbito. — Linus, todo mundo aqui te adora. E eu *não* deveria ter gritado com você. Estava em um momento ruim e sinto muito mesmo.

— Desculpa! — intromete-se Felix, que vinha mastigando biscoitos amanteigados aquele tempo todo. — Todo mundo tem de pedir desculpas para o Linus. Desculpa, Linus — pede, com o rosto iluminado. — Desculpa, Linus.

— Felix, tudo bem — garante o menino.

Posso ver meu irmãozinho fitando-o, a cabeça de dente-de-leão inclinada para um lado, como se tentasse entender o que estamos fazendo aqui.

— A mamã cortou seu cabelo? — indaga, como se tivesse desvendado o mistério. — Você chorou? Ben chorou porque estava *feliz*.

— Ahn, não, Felix, ninguém cortou meu cabelo, não — responde Linus, confuso.

— Ben chorou porque estava *feliz* — reitera meu irmãozinho.

— Bem, era isso — retoma mamãe. — Chris? Sua vez? — Vira-se para o papai, que parece um pouco surpreso. Não sei ao certo se tinha se dado conta de que era um pedido de desculpas geral.

— Er... Isso aí mesmo — diz papai. — O que ela falou. — Gesticula para minha mãe. — Pode me incluir nessa. Certo?

— Certo — concorda Linus, com um pequeno sorriso.

— E, Linus, queríamos te dar um presentinho para fazer as pazes — diz mamãe. — Uma bobagem. Talvez um ingresso para o teatro... Ou para um parque de diversões? É você quem escolhe.

— Posso escolher qualquer coisa? — Linus olha para meus pais como se secretamente planejasse algo. — Qualquer coisa que quiser?

— Bem, dentro do razoável! Nada *muito* caro...

— Não vai ser caro, o que estou pensando.

— Parece ótimo! — concorda papai de imediato, e mamãe franze o cenho para ele.

— Quero jogar com Frank na fase de qualificação do campeonato de *LoC* — revela Linus. — É o que mais quero.

— Ah. — Mamãe o encara, desconcertada. — Sério?

— Você já tem uma equipe — diz Frank, rouco. Sei que está supercomovido porque nem consegue encarar o amigo.

— Quero jogar na sua equipe. Eles têm um reserva. Não precisam de mim.

— Mas nós não temos equipe! — retruca meu irmão, com um quê inesperado de infelicidade na voz. — Não tenho computador, não temos jogadores...

— Ainda — corta papai, sem se conter de tanta empolgação. — Ainda. — Dando um grande sorriso para o filho, repete: — Ainda.

— O quê? — Frank o encara sem entender.

— Você não tem computador *ainda*. — Papai lhe dá uma piscadela teatral. — Só fica de olho em uma caixa marrom grande, é tudo o que vou dizer. Mas chega disso de entrar no meu e-mail.

— O quê? — Frank parece quase tonto de esperança. — Sério mesmo?

— Se seguir as nossas regras e não criar confusão quando dissermos para parar de jogar — intromete-se mamãe. — Se tiver qualquer problema, vai voar pela janela. — Ela dá um pequeno sorriso de satisfação. — Sabe que o faria. Sabe que quero fazer.

— Qualquer coisa! — Frank parece mais do que sem palavras. — Faça qualquer coisa!

— Então já podem jogar — diz papai, cuja expressão é quase tão empolgada quanto a do filho. — Estava lendo uma matéria sobre o jogo na revista *Sunday Times*. Quer dizer, esse tal de *LoC* é um negócio dos grandes, não é?

— É! — afirma Frank, como se quisesse dizer *finalmente*! — Na Coreia, é oficialmente um esporte. E, nos Estados Unidos, dão até bolsas de estudos para os jogadores. Bolsas de verdade.

— Você devia ler a matéria, Anne — aconselha papai. — De quanto é o prêmio mesmo? Seis milhões de dólares? — Ele sorri para Frank. — Então, vão ganhar a bolada?

— A gente não tem equipe. — Meu irmão murcha de repente. — A gente nunca vai conseguir juntar uma equipe. É, tipo, daqui a uma semana.

— Ollie podia jogar — sugere Linus. — Ele não é ruim para um moleque de 12 anos.

— Eu também podia jogar — ofereço, por impulso. — Quero dizer, se quiserem.

— Você? — diz Frank desdenhosamente. — Você é uma droga.

— Bem, posso treinar, não é?

— Exatamente! — concorda mamãe. — Ela pode treinar. Então, está resolvido. — Olhando para o relógio de pulso, depois para mim e Linus, continua: — E agora vamos deixar vocês dois a sós, para Audrey poder... Bem, para poderem... — Ela faz uma pausa. — Enfim. Não querem a gente por perto para envergonhar vocês!

OK, o negócio é que ninguém estava envergonhado até ela dizer a palavra *envergonhar*. Assim, Linus e eu ficamos aguardando em silêncio desconfortável enquanto minha família se levanta e Felix deixa o biscoito cair e diz que quer outro, e papai começa a procurar o BlackBerry enquanto mamãe insiste que não o tinha trazido, e, honestamente, amo demais todos eles, mas dá para ser *mais* irritante que isso?

Espero até irem realmente embora, deixando a porta se fechar completamente. Em seguida, viro-me para Linus e o encaro.

— Seja bem-vindo aos meus olhos — digo baixinho. — O que acha?

— Gosto deles. — Ele sorri. — Amo seus olhos.

Ficamos apenas olhando e olhando um para o outro. E posso sentir algo novo entre nós, algo ainda mais íntimo que qualquer coisa que já fizemos. Olho no olho. É a conexão mais poderosa do mundo.

— Linus, me desculpe — digo finalmente, desviando os olhos. — Devia ter te ouvido... Estava certo...

— Pare. — Ele pousa a mão na minha. — Você já falou. Eu já falei. Chega.

Seu argumento é forte. Trocamos cerca de cinco zilhões de mensagens desde que voltei (só que mamãe não pode saber, pois eu deveria estar "descansando").

— Então... Tudo bem entre a gente?

— Bem, depende — diz Linus, e sinto uma pontada de medo, apesar de tudo.

— Do quê?

O menino me olha pensativo por um momento.

— De você perguntar como se chega ao circo para aquela loura ali, três mesas atrás da gente.

Começo a rir de uma maneira que não rio há anos.

— Ao *circo*?

— Você ficou sabendo que montaram um na cidade. Está louca para ir. Especialmente para ver os elefantes.

— OK. Vou lá. — Levanto e faço uma mesura sarcástica. — Veja, sem os óculos! Só com os olhos.

— Eu sei. — Linus olha para cima, sorrindo. — Amo seus olhos.

— Ama meus olhos? — repito, orgulhosa.

— Você.

Sinto a garganta fechar. Seu olhar está fixo no meu, e não há dúvidas.

— Também amo — consigo dizer. — Você.

Estamos nos afundando nos olhos um do outro. Somos como duas pessoas famintas se empanturrando de bolos recheados. Mas ele me deu um desafio, e não vou me acovardar, de jeito algum. Por isso, me viro e vou infernizar uma estranha de cabelos louros com perguntas sobre o circo. Não olho uma única vez para trás durante todo o período em que falo com ela. Posso sentir, no entanto, que seus olhos não se afastam de mim. Como se fossem a luz do sol.



Mamãe mandou fazer camisetas para nós. Mandou fazer camisetas de verdade para nossa equipe. O nome é Os Estrategistas, que foi a sugestão tirada em um sorteio, pois não conseguíamos chegar a um acordo.

Você não acreditaria em nossa salinha. Parece uma Central de Jogos. Ollie e Linus trouxeram suas coisas ontem, de maneira que agora temos dois computadores de mesa (o de papai, que está cedendo a mim para jogar, e o do Ollie) e dois laptops, cada um com cadeira, headset e garrafa d'água para nos mantermos hidratados. E — uma compra de último minuto de mamãe — uma caixa de donuts do Krispy Kreme.

Tipo, poderíamos jogar on-line, cada um na própria casa. Seria o normal. Mas mamãe argumentou:

— OK, se isso é um esporte de equipe, *joguem* como um esporte de equipe. — E hoje é sábado de manhã, então não tem problema algum.

Mamãe ficou subitamente interessada em *LoC* pela primeira vez na vida, então passamos a semana inteira lhe dando explicações a respeito das personagens, das fases e da história do jogo, além de responder a perguntas bobas como “Mas por que todo mundo precisa ser tão *ganancioso* e *violento*?”. No fim, Frank explodiu:

— Isso é *Land of Conquerors*, mãe, não é *Aliança do Serviço Comunitário*. — Ela ficou um pouco envergonhada.

Passei algumas horas on-line e afiei um pouco minhas habilidades. Tipo, não sou nenhum Frank. Mas não os decepcionarei. Espero. Na verdade, acho até que sou um pouquinho melhor que Ollie, que me perguntou na primeira sessão de treino se eu estava namorando Linus, e, quando respondi que sim, murchou por cerca de 30 segundos, depois disse com hombridade:

— Bem, então vamos ser só bons amigos e colegas de equipe. — Ele é bem fofinho, nosso velho Ollie.

— Comprei umas Cocas para o time! — Papai chega à porta da sala.

— Chris! — Mamãe franze o cenho. — Coloquei água para eles tomarem!

— Uma Coquinha só não vai fazer mal.

— Ai, meu Deus. Olhe só para isso. — Mamãe observa em volta do cômodo como se fosse a primeira vez. — *Olhe* só para essa sala. Coca? Donuts? Computadores? — É tipo o triunvirato de tudo o que mais despreza e teme. Sinto-me mal por ela. — Será que somos pais ruins? — Virando-se para o marido, pergunta novamente: — Sério. Somos pais ruins?

— Talvez. — Ele dá de ombros. — Provavelmente. E daí?

— Somos, Audrey? — Mamãe gira nos calcanhares para me encarar.

— Tem erros e acertos — digo, com a expressão inalterada.

— Não somos tão ruins quanto *este* pessoal aqui — diz papai em um momento de inspiração súbita, e entrega à esposa uma cópia do *Daily Mail*, que deve ter comprado quando saiu. — Veja.

Mamãe pega o jornal, e os olhos recaem ávidos sobre o título.

— *Temos de usar roupas idênticas todos os dias* — lê em voz alta. — *Mãe obriga os seis filhos a usar roupas iguais.* Ai, meu Deus. — Olhando para cima, totalmente satisfeita, prossegue: — Mas não somos tão ruins assim *mesmo!* Escutem isso: *As crianças são motivo de chacota no colégio, mas Christy Gorringer, de 32 anos, é inflexível. "Gosto que meus filhos se vistam igual," diz ela. "Compro todos os tecidos por atacado."* — Mamãe sacode a cabeça, incrédula. — Vocês já viram os meninos?

Ao virar a página, vemos uma fileira de seis crianças infelizes, todas de camisetas de poá idênticas.

— Isso me fez ganhar o dia! — Ela se apressa em consertar: — Digo, tadinhos.

— Tadinhos. — Papai assente.

— Mas pelo menos não somos ruins assim. — Ela bate no jornal.  
— Pelo menos não obrigo meus filhos a usar horrorosas roupas iguais. As coisas podiam ser piores.

Não sei o que seria da vida da mamãe sem o *Daily Mail*.

## MINHA SERENA E AMOROSA FAMÍLIA - TRANSCRIÇÃO DO FILME

INT. ROSEWOOD CLOSE, N. 5. DIA

A câmera (manobrada pelo PAI) mostra a sala de jogos cheia de latas de refrigerante e garrafas d'água.

Vistos de costas, FRANK, OLLIE, LINUS e AUDREY jogam LoC intensamente. A MÃE olha de uma tela para a outra, espiando por sobre os ombros e tentando acompanhar, sem sucesso.

FRANK

Acabe com ele. Meu Deus.

Clica desbragadamente, e o monitor explode com gráficos.

MÃE

(em alerta)

O que foi isso? Qual deles é você?

LINUS

Iniciar. Iniciar.

AUDREY

Fique nas árvores. Nããão! Ollie, seu noob.

Ollie clica com o mouse em desespero, o rosto vermelho.

OLLIE

Foi mal.

A cabeça da MÃE gira loucamente de tela para tela.

MÃE

Você morreu? O que acontece quando morre? Como consegue acompanhar tudo?

FRANK

Explode o filho da puta. Morre! Morre!

MÃE

(chocada)

Frank!

Uma série de xingamentos em russo sai do áudio do Skype.

FRANK

Na kaleni, cyka.

MÃE

O que isso quer dizer? Foi no jogo?

LINUS

É russo. Você não vai querer saber o que significa.

MÃE

Então essa figurinha é um russo? Ou é você, Frank?

Ela aponta para a tela.

MÃE

Quer dizer, todos parecem iguais para mim. Para você também, Chris?

A câmera (nas mãos do PAI) foca em um dos monitores.

PAI (VOICE-OVER)

Claro que não são todos iguais. Morre! Morre!

Não vencemos. Não apenas não vencemos, como fomos destruídos.

Acho que mamãe ficou genuinamente chocada. Acho que tinha mentalmente nos colocado na final em Toronto com o prêmio de 6 milhões de dólares no bolso e ela desfilando de nariz em pé diante de todos os outros pais.

— Mas então, como foi que ganharam de vocês? — indagou ela, com estupefação, quando finalmente a fizemos entender.

— Jogaram melhor que a gente — respondeu Frank, desanimado e decepcionado. — Eram muito bons mesmo.

— Bem, vocês também eram — retruca mamãe imediatamente. — Mataram pilhas de pessoas. Digo, sua técnica é ótima, Frank. Não é, Chris? Muito boa a técnica dele.

É impossível não amar mamãe. Comporta-se agora como se a única coisa que apreciasse na vida fosse *LoC*.

— Alguém quer o último donut? — indaga ela, e todos sacudimos a cabeça em negativa. A atmosfera está bem ruim, com todos os computadores mudos e as latas de Coca-Cola espalhadas e o ar de derrota. Acho que mamãe percebe isso.

— Bem, de qualquer forma! — exclama ela, radiante. — Vamos sair para um almoço em equipe e comemorar o fato de termos participado. Pizza, gente?

— Maneiro. — Frank tira o headset, desligando o laptop. — Depois quem sabe não dou uma passada no Fox and Hounds — diz, casualmente. — Ade falou que eu podia ajudar na cozinha e tal nos fins de semana. Tenho de falar com o chef principal. Vou ligar para Ade agora e resolver essa parada.

— Ah. — A expressão da mamãe é de perplexidade. — Bem... OK, Frank. Boa ideia! — Quando o filho sai, ela se vira para o marido, o queixo caído: — Ouvi direito? Frank está *arrumando um emprego*?

Papai, porém, sequer a escuta. Colocou um dos headsets e entrou para jogar uma partida de *LoC* com Ollie.

— Pai, sabe jogar? — pergunto, surpresa.

— Ah, aprendi umas coisinhas — diz ele, enquanto clica furiosamente. — Aqui e ali.

— Mas com quem estão jogando?

— Uns amigos do colégio — responde Ollie, que está igualmente absorto. — Estavam on-line, então... Vai para cima dele!

— Estou indo! — exclama papai, sem fôlego. — Ah, merda. Desculpe.

Mamãe encara papai, atônita.

— Chris, o que está fazendo? — Ela cutuca o ombro do marido. — Chris, estou falando com você! Escutou o que falei sobre Frank?

— Certo. — Papai tira o fone por um instante. — Ouvi. Ouvi, sim. Pode colocar de castigo.

Não posso deixar de soltar um risinho, e até mamãe abre um ligeiro sorriso.

— Volte para o jogo, seu criação — diz ela. — Mas vamos sair daqui a meia hora, ouviu? *Meia hora*. E não me interessa se vai interromper o jogo.

— Está bem — responde papai, soando exatamente igual a Frank. — Ótimo. É. Mal posso esperar. — Ele clica ensandecidamente e dá um soco no ar quando a tela explode com cores. — Morre, seu filho da mãe! Morre!

## MINHA SERENA E AMOROSA FAMÍLIA – TRANSCRIÇÃO DO FILME

INT. ROSEWOOD CLOSE, N. 5. DIA

A câmera balança enquanto alguém a estabiliza sobre uma superfície alta. Quando se afasta, vemos que é AUDREY em seu quarto. Hesita, depois olha para a lente.

AUDREY

Então, esta sou eu. Audrey. Você ainda não me conhecia. Não sou provavelmente o que esperava. Tipo, meu cabelo deve ser mais escuro, ou mais claro, ou sei lá... Enfim. Oi. Prazer.

Ela puxa uma cadeira e encara a câmera por um tempo, como se organizasse os pensamentos.

AUDREY

Andei pensando bastante sobre tudo. E acho que mamãe estava certa sobre a parada dos gráficos de altos e baixos. Todo mundo está em um. Até Frank. Até mamãe. Até Felix. Acho que entendi que a vida é tipo uma escalada: você cai e se levanta de novo. Então não importa se der uma escorregada. Contanto que esteja mais ou menos caminhando para cima. Isso é tudo que se pode esperar. Seguir mais ou menos para cima.

Há outro silêncio. Em seguida, olha para a câmera com um sorriso luminoso.

AUDREY

Enfim. Não posso ficar. Tenho um compromisso importante com...

Ela abaixa-se e pega uma caixa plana cromada.

AUDREY

Isto! Foi mamãe quem comprou para mim. É um estojo de sombras para os olhos. Saca só.

Abre a paleta e começa a exibi-la com orgulho.

AUDREY

Tem rímel, e isso aqui é... Um primer ou coisa do tipo...



A menina faz uma expressão engraçada enquanto analisa o tubo.

AUDREY

Não faço a menor ideia do que fazer com isso. Mas mamãe vai me mostrar. Tipo, é só um almoço no Pizza Express, mas Linus vai junto, então é meio que um encontro, não é?

Faz outra pausa.

AUDREY

Acho que mamãe está bem feliz por eu ter recuperado meus olhos. Disse que foi a primeira coisa que viu quando nasci. Os olhos. Eles são eu. São a pessoa que sou.

AUDREY brinca com a tampa do estojo por alguns segundos, depois a fecha e se dirige à câmera:

AUDREY

Enfim. Foi divertido fazer este filme. Tipo, não foi sempre divertido, mas na maior parte do tempo. Você sabe. Então. Valeu por assistir, seja quem for.

Pausa – em seguida, a menina dá seu sorriso mais estonteante e radiante.

AUDREY

Então acho que é isso. Vou desligar agora.

Quando se aproxima para desligar a câmera, os olhos azuis de AUDREY pairam no ar, enormes, dominando a imagem. Ela abre e fecha as pálpebras algumas vezes, depois dá uma piscadela para a câmera.

AUDREY

A gente se vê por aí.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de  
Imprensa S.A.

# À procura de Audrey

## **Skoob do livro**

<http://www.skoob.com.br/livro/511603ED517950>

## **Site da autora**

<http://www.sophiekinsella.co.uk/>

## **Wikipédia da autora**

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Sophie\\_Kinsella](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sophie_Kinsella)

## **Facebook da autora**

<https://www.facebook.com/SophieKinsellaOfficial>

## **Good reads da autora**

[http://www.goodreads.com/author/show/6160.Sophie\\_Kinsella](http://www.goodreads.com/author/show/6160.Sophie_Kinsella)

[Capa](#)

[Obras da autora publicadas pela Editora Record](#)

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Livro](#)

[Colofão](#)

[Saiba mais](#)

# **Table of Contents**

[Obras da autora publicadas pela editora Record](#)

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Livro](#)

[Colofão](#)

[Saiba mais](#)